

Manuel Sérgio

FILOSOFIA do FUTEBOL



Título
Filosofia do Futebol

Autor
Manuel Sérgio

Design e Paginação
Arco da Velha

Impressão
Tipografia Lousanense

1ª Edição
Novembro de 2009

ISBN
978-989-655-036-3

Depósito Legal
302022/09

Aos treinadores de futebol:

José Maria Pedroto
José Mourinho
Jorge Jesus
João Paulo Medina

ou a minha homenagem
a quem me interrogou,
não para saber mais,
mas para saber melhor.

Uma chamada de atenção

Este livrinho nasceu de um programa para a disciplina de "Filosofia do Futebol" da Universidade do Futebol que lucilou, pela vez primeira, na mente do meu amigo Dr. João Paulo Medina. De facto, há muito o João Paulo confessava aos que o rodeavam que um sonho o animava: criar a Universidade do Futebol! Espírito alevantado e sensível a todas as radiações novas e enquanto a sua Universidade não se ergue num "campus" largo e vistoso, ensaia os primeiros passos na Internet. No meu caso pessoal, a milhares de quilómetros da cidade de São Paulo, a Universidade do Futebol só a encontro, ainda, no computador.

Mas, embora os verdes anos da instituição, o João Paulo Medina já pensa num "plano de estudos" que não mereça a execração pública, designadamente a da crítica sagaz e competente. E, para a disciplina de "Filosofia do Futebol," dando volta à cabeça lembrou-se de mim, para ser eu a prescrever a matéria de estudo. E assim despontou este livrinho que já teve meia-dúzia de páginas e hoje vai em mais de cem! Mas que, de qualquer forma, não perdeu o estilo sincopado, telegrafado, como é de lei no programa de uma (in)disciplina. "Indisciplina?" Perguntarão surpresos os leitores. Indisciplina, de facto, porque ela implica o diálogo, segundo a melhor tradição socrática.

É agora a vez dos professores desta disciplina iniciarem o diálogo com os alunos, designadamente acerca das vagas palavras, das imprecisas ideias, dos ditos sentenciosos que pareçam encardidos pelo tempo. É agora a vez dos professores de não deixar que os alunos se percam no escuro da minha "Filosofia do Futebol".

Prefácio

Meu caro Manuel Sérgio:

Há cinquenta anos que nos conhecemos. Foi na Faculdade de Letras, mais precisamente nas aulas do curso de Filosofia que frequentávamos. Tu como aluno voluntário – hoje dir-se-ia estudante trabalhador –, eu vindo directamente da alínea D do Liceu de Ponta Delgada. Ambos cheios de entusiasmo nos caminhos filosóficos que a Universidade nos iria abrir. Nem vale a pena referir, tantos anos depois, a grande desilusão que o curso nos causou, embora ainda tivéssemos tido a oportunidade de conhecer bons professores, como o brasileiro Lívio Teixeira com o seu culto de Platão, ou o Padre Manuel Antunes, dialéctico entre as contradições da cultura clássica, e também um Tiago de Oliveira a presentear-nos com a Lógica Matemática e o axioma de Peano. Marcante ainda o espanhol Oswald Market, já mais para o fim, com as teorias do Ser e do Não-Ser, que ele exemplificava com a eterna frase amorosa “Tu és o meu Ser”, e, “Sem ti nada sou”! Pequenos oásis num grande deserto de ideias e de liberdade. No meio, a nossa imensa alegria de viver, e a busca de caminhos que não conduzissem à desistência.

Muita coisa mudou no Mundo, e em Portugal, entretanto.

Enquanto me desviei da filosofia e me dediquei mais à política, às relações internacionais e à história, reparo que te mantiveste firme no terreno do saber filosófico, se bem que alargando o âmbito deste para englobar novas matérias até há pouco tempo...

métodos histórico, biológico, fenomenológico, sociológico, psicológico, dialéctico e estrutural. Foi o que fizeste na tua original tese de doutoramento intitulada "Para uma epistemologia da motricidade humana", editada pela Compendium em 1986.

Aliás, quer em Portugal e Espanha, quer no Brasil e noutras universidades da América Latina, a densificação do conceito de motricidade humana deve-te muitíssimo, sobretudo a sua consagração como saber filosófico e universitário, pois que lhe dedicaste, com sistemática análise, grande parte do teu labor de investigação e de ensino, em aulas e conferências, cujas publicações o tornam perene.

No teu humanismo mais do que intelectual, recusaste, desde cedo, a noção do corpo como mero instrumento "de uma vontade esclarecida" e integraste-o, anulando a cartesiana separação e modo de enlace, no projecto de um homem-totalidade, sem hierarquia de funções. Lembro-me, aliás, que, no nosso reencontro pessoal depois do 25 de Abril de 1974, defendemos os dois o futebol como modalidade desportiva, e espectáculo, que democratizava o corpo pela intencionalidade dada à motricidade e pelo papel central atribuído aos membros inferiores! Foi numa altura em que o futebol pagava por todos os efes que tinham amarrado o espírito em Portugal... Está escrito num jornal da época.

Um outro salto qualitativo que a filosofia do Desporto te deve é aquele ensaiado no livro "A Pergunta Filosófica e o Desporto" (Compendium, 1991), em que revolucionas a concepção de treino desportivo, incluindo nele todas as partes da preparação física e mental, o que levaria mais tarde um dos teus distintos alunos, José Mourinho, a atribuir-te a maior influência na sua formação com o conceito segundo o qual "o desporto é mais do que o desporto".

Com efeito, o teu magistério está bem presente nas inúmeras referências e citações feitas a ti e à tua obra, pelos que pensam e praticam o desporto.

Ora nesta obra que agora publicas, com a chancela da Prime Books, sobre "A Filosofia do Futebol", desenvolves essa crítica às práticas consagradas do treino desportivo em que predomina a "educação física" separada de aplicação concreta nas modalidades

despor
treino
o mest
domin
cidade
-sujeito
e prop
comple
dade d
E parte
ração fi
desport
ausente
como n
ço que
a estrati

Não
da tua
treinade
impress
assisti.
ensaios
instrum
como es
e que m
"Há,
no, ond
forma o
petição!
nadador

É po
do que
tivas po
e tentad
guarda e

ológico, psicoló-
original tese de
da motricidade

Brasil e noutras
conceito de mo-
sua consagração
dedicaste, com
investigação e de
tornam perene.
recusaste, desde
de uma vontade
paração e modo
m hierarquia de
o pessoal depois
tebol como mo-
ava o corpo pela
central atribuído
o futebol pagava
em Portugal...

Desporto te deve
e o Desporto"
ncepção de trei-
eparação física e
itos alunos, José
formação com o
o desporto".
te nas inúmeras
s que pensam e

ancela da Prime
s essa crítica às
ie predomina a
ias modalidades

desportivas a que se destinam os atletas. Para esta concepção de um treino novo, chamas em teu socorro nada mais nada menos do que o mestre filosófico da Fenomenologia, Merleau-Ponty, com a predominância dada à intencionalidade para conhecer e agir: "A motricidade humana supõe intencionalidade." Ergue-se então o Corpo-sujeito que "actua com significado, com aptidão, com competência e propósitos". E complementas: "Nesta conformidade, o corpo é complexidade, onde não pode isolar-se o que é físico da globalidade do humano, que é corpo-mente-desejo-natureza-sociedade." E partes para a defesa de um treino de tipo novo em que a preparação física esteja subordinada à eficácia operacional da modalidade desportiva a praticar por parte dos atletas, da qual não podem estar ausente os movimentos, os gestos e os objectivos finais do jogo. Ou como rematas, antes que deformem o teu pensamento: "Não esqueço que no futebol também se corre sem bola, mas com o sentido que a estratégia e a táctica determinam."

Não saberia avaliar, em toda a sua extensão, as consequências da tua proposta de um novo treino, que testaste em diálogo com treinadores tão prestigiados como Pedrito ou Mourinho. Mas fiquei impressionado com o exemplo que deste numa conferência a que assisti. Lembro-me de te ouvir comparar o treino desportivo aos ensaios de uma orquestra: os músicos exercitam-se tocando os seus instrumentos! Assim devia acontecer com o treino desportivo. Ou como escreves neste livro que me deste a ler antes da sua publicação e que me leva a escrever-te esta carta:

"Há, por isso, necessidade de uma remontagem criativa do treino, onde se respeite a norma: o treino de futebol deve ser, de uma forma ou de outra... futebol e o futebol tenso e intenso da competição! O que é, sobre o mais, o treino do sprinter? Corrida! E do nadador? Nadar!"

É possível que me deixe levar mais pela argúcia da argumentação do que pela substância dos resultados que só experiências comparativas poderiam comprovar. Mas que o teu conceito é claro, sugestivo e tentador, lá isso é, e tem hoje os favores dos treinadores de vanguarda que, aliás, te citam! A filosofia pode ser muito útil...

Manuel Sérgio:

Foi assim com enorme prazer e proveito que li o manuscrito que me facultaste.

Neste teu novo livro, que é uma autêntico curso sobre Filosofia do desporto em geral, e do futebol em particular, chamas para o tema os grandes pensadores do corpo e da mente como Husserl e Merleau-Ponty, entre outros, que tanto te inspiraram na passagem da visão dualista cartesiana que encarava o corpo como objecto da mente para a consagração do corpo como sujeito da sua própria acção. E chegaste ao cientista António Damásio quando este abunda experimentalmente que: "A mente é de tal forma modelada pelo corpo e destinada a servi-lo que apenas uma mente pode nele surgir."

Sim, que se saiba, é no corpo humano que a capacidade de pensar está mais desenvolvida na natureza.

José Medeiros Ferreira

I - Para quê a Filosofia?

São muitos os que questionam, por vezes desdenhosamente: Para quê a Filosofia? Nunca lhes passou pela cabeça levantarem a questão: para quê a Geologia, ou a Matemática, ou a Física, ou a Geografia?... A Filosofia exige profunda reflexão e, nos dias em que vivemos, reflectir parece-nos algo de perfeitamente inútil. Imaginemos que uma pessoa pergunta: Que horas são? Se substituir esta pergunta por estoutra: O que é o tempo? Só filosofando poderá encontrar o caminho da resposta. Suponhamos ainda que uma pessoa é habitualmente mentirosa. Se alguém, a propósito, perguntar: o que é a Verdade? Também só filosofando poderá aproximar-se de uma resposta. Por vezes, quando me questionam: para que serve a Filosofia? Sou tentado a responder: Para não aceitar como óbvias e evidentes todas as coisas, todas as ideias, todas as atitudes, sem uma atitude crítica, problematizadora. Como o escreveu José Barata-Moura, já não sei onde: "Filosofar é, na verdade, perguntar pela razão de ser, protagonizando um exercício informado e crítico do pensar". Significa isto que o pensamento filosófico há-de ser sempre solidário com o Homem, a Vida, a Sociedade e a História, que o transcendem e onde afinal radica. A filosofia do futebol engloba, antes do mais, uma gnosiologia, uma axiologia e uma orientação antropológica global. Como gnosiologia, diz-nos que o pensamento do ser humano tem incontornavelmente de converter-se num pensamento da acção e das suas diferentes modalidades; como axiologia, assinala que a acção há-de acrescentar ser ao ser, isto é, há-de ser movimento em direcção ao essencial; como orientação antropológica global, sublinha que, no futebol, os seus agentes são sempre sujeitos, nunca objectos. É útil, ou inútil, a Filosofia? Num tempo, como o nosso, onde só há tempo para o que é útil, a Filosofia defende o direito de ser inútil. Platão definia

a filosofia como o verdadeiro saber, o qual deverá aplicar-se em benefício dos seres humanos. Descartes afirmava que a filosofia é o estudo da sabedoria, para que os seres humanos melhor vivam, alcancem a saúde e descubram novas artes e novas técnicas. Kant ensinou que a filosofia é o conhecimento que a razão adquire de si mesma, para saber o que pode conhecer, o que deve fazer, visando a felicidade humana. Marx declarou que a filosofia havia passado demasiado tempo, contemplando o mundo e que era tempo de transformá-lo. Marx queria dizer, na sua, que é preciso des-construir a sociedade injusta e que, para tanto, as palavras não bastam. Merleau-Ponty referiu que a filosofia é um despertar, para ver mais e transformar para melhor o nosso mundo. Só transformando poderemos ser plenamente conscientes de nós mesmos. Como se vê, tudo inutilidades...

Os jornais, a rádio, a televisão, a internet, os telefones móveis, as tecnologias digitais proclamam, sem cansaço, que estamos no rumo certo, em direcção às Sociedades do Conhecimento. Filosoficamente, nasce a dúvida metódica: será que todos se encontram no caminho certo, para a Sociedade do Conhecimento? A Constituição da UNESCO sublinha a nítida ligação entre a dignidade humana e “a ampla difusão de cultura e a educação da humanidade, para a justiça, liberdade e paz”. Assim, os direitos e as liberdades fundamentais situam-se, inevitavelmente, no seio das sociedades do conhecimento. Foi Peter Drucker que criou, em 1969, o termo “sociedade do conhecimento” (cfr. *The Age of Discontinuity Guidelines to our Changing Society*, Harper & Row, Nova Iorque). Só que a implementação da “sociedade do conhecimento” supõe educação ao longo da vida e... para todos! “Interrogar a nossa condição humana é (...) interrogar primeiro a nossa situação no mundo. Uma afluência de conhecimentos, nos finais do século XX, permite aclarar de um modo completamente novo a situação do ser humano, no universo”. Daí que não será exagero adiantar que a a Sociedade do Conhecimento não está no horizonte de todas as pessoas, de todos os povos. Passo agora a palavra a Edgar Morin: “O século XXI deverá abandonar a visão unilateral, definindo o ser humano pela racionalidade (*homo sapiens*), ou pela técnica (*homo faber*),

ou pela
necessi
comple
tividade
o homo
ginário
Sete Sal
72). Pa
dade d
não sej
na vell
ao enco
que co
as pala
de todo
a Viver
23 ss.)
que é (
bedoria

No
também
tiva col
human
interve
relação
sante p
jogo) c
zes, na
ge Cast
1994, j
unidir
são do
re-me :
observ
o mode
no fut
craque

deverá aplicar-se em firmava que a filosofia dos humanos melhor via as artes e novas técnicas. O movimento que a razão adquire ao conhecer, o que deve declarar que a filosofia contemplando o mundo e a matéria diz, na sua, que esta é que, para tanto, referiu que a filosofia é a arte para melhor o nosso conhecimento plenamente consciencialidades...

et, os telefones móveis, a cansaço, que estamos a perder os do Conhecimento. O que será que todos se enquadram no Conhecimento? A nítida ligação entre a arte e cultura e a educação e a paz". Assim, os dizem-se, inevitavelmente, Foi Peter Drucker que definiu o Conhecimento" (cfr. The Changing Society, Harper e a definição da "sociedade do conhecimento da vida e... para a humanidade é (...) interrogar a fluência de conhecimento a aclarar de um modo humano, no universo". a Sociedade do Conhecimento as pessoas, de todos os os: "O século XXI definindo o ser humano pela técnica (homo faber),

ou pelas actividades utilitárias (homo oeconomicus), ou pelas necessidades obrigatórias (homo prosaicus). O ser humano é complexo (...). O homem da racionalidade é também o da afectividade, do mito e do delírio. O homem do trabalho é também o homem do jogo. O homem empírico é também o homem imaginário. O homem da economia é também o do consumo" (Os Sete Saberes para a Educação do Futuro, Instituto Piaget, 2007, p. 72). Para quê a filosofia? Para que o código genético da Sociedade do Conhecimento seja povoado de interrogações; para que não seja impossível questionar os ditadores (que os há também, na velha democracia em que vivemos); para que ninguém falte ao encontro marcado com a liberdade, "porque não há machado que corte a raiz ao pensamento". Para quê a filosofia? Para que as palavras voltem a ter significado, na práxis de emancipação de todos e de cada um! Segundo Luc Ferry, no seu livro Aprender a Viver (Temas e Debates, Círculo de Leitores, Lisboa, 2009, pp. 23 ss.) são três as dimensões da filosofia: a inteligência daquilo que é (teoria), a sede de justiça (ética) e a busca da salvação (sabedoria).

No caso particular do "desporto-rei", importa perguntar também: o que é o futebol? Trata-se de uma modalidade desportiva colectiva e, como tal, um aspecto particular da motricidade humana. "O jogo de futebol é um desporto colectivo, no qual os intervenientes (jogadores) estão agrupados em 2 equipas, numa relação de adversidade-rivalidade desportiva, numa luta incessante pela conquista da posse da bola (respeitando as leis do jogo) com o objectivo de a introduzir, o maior número de vezes, na baliza adversária e evitá-los na sua própria baliza" (Jorge Castelo, Futebol: modelo técnico-táctico do jogo, FMH/UTL, 1994, p. 5). Mas, axiologicamente, ele não pode gerar "homens unidimensionais" quantificados, simplificados, reificados... que são do futebol, porque só sabem de futebol! A propósito, ocorre-me a lúcida exactidão e a sagacidade de um espírito raro de observador do futebol brasileiro: "Fica cada vez mais claro que o modelo tecnicista (racionalista, empirista e analítico) aplicado no futebol (...), apoiado por um quase inesgotável celeiro de craques, que nos deu tanto prestígio internacional e nos ren-

deu 5 copas do mundo, começa a se exaurir rapidamente (...). A abordagem analítica que destaca uma exacerbada busca por aperfeiçoamento dos gestos técnicos resulta em uma fragmentação do ensino do futebol. Há aqui uma supervalorização e hierarquização dos aspectos técnicos, vistos de forma isolada, e que provocam o surgimento de ações mecânicas pouco criativas e comportamentos estereotipados, acarretando sérios problemas metodológicos na compreensão do jogo” (João Paulo Medina, in AA. VV., *Futebol, Psicologia e a Produção do Conhecimento*, Atheneu, São Paulo 2009, p. 179). No dia 22 de Junho de 2009, o jornal *El País* maiusculava a “Historia de un récord mundial”, ou seja, fez uma síntese de “cada una de las 15 victorias seguidas que coronan a la selección española”. Em cada uma delas, segundo os actuais internacionais espanhóis, no somatório das razões há que salientar os aspectos psicológicos e morais. Dois dias depois, a mesma selecção espanhola perdeu (0-2), em inesperada derrota, na Taça das Confederações, com os Estados Unidos. Poderíamos falar aqui dos limites do desporto e do desporto dos limites...

A Filosofia do Futebol procura expurgar do futebol o inquestionamento de certos fundamentos do predominantemente estabelecido... tentando assim prolongar-se num futebol qualitativamente melhor! Demais, sabendo que “toda a evolução é fruto de um desvio vitorioso, cujo desenvolvimento transforma o sistema, no seio do qual nasceu: desorganiza-o e reorganiza-o, transformando-o. As grandes transformações são morfogêneses, criadoras de novas formas” (Edgar Morin, *O Método V. A Humanidade da Humanidade. A identidade humana*, Publicações Europa-América, Lisboa, 2003, p. 207). George Steiner, entrevistado por Ramin Jahanbegloo (Fenda, Lisboa, 2006, p. 125) sublinha que são duas as grandes correntes, na história do pensamento: “O primeiro hegeliano e kantiano é o momento do idealismo. O segundo é o da resposta mística de Pascal e de Kierkegaard”. No tempo em que vivemos, diante da complexidade, há necessidade, simultaneamente, do “espírito de finura” e do “espírito de geometria”, da razão e do coração, da teoria e da prática. O coração foi de facto a faculdade primeira da dia-

léctica, em Pascal. E o curativo necessário aos exageros da razão moderna. Se não laboro em erro crasso, em Descartes há um método, de Pascal despontam dois (o da razão e o do coração). Por isso, Pascal, ao mesmo tempo místico e pragmático, é um eterno contemporâneo.

exaurir rapidamente (...).
ma exacerbada busca por
resulta em uma fragmen-
uma supervalorização e
vistos de forma isolada, e
mecânicas pouco criativas
pretando sérios problemas
go” (João Paulo Medina,
dução do Conhecimento,
dia 22 de Junho de 2009,
a de un récord mundial”,
a de las 15 victorias se-
ñola”. Em cada uma de-
espanhóis, no somatório
os psicológicos e morais.
anhola perdeu (0-2), em
derações, com os Estados
ites do desporto e do des-

purgar do futebol o in-
tos do dominantemente
gar-se num futebol qua-
o que “toda a evolução é
envolvimento transforma
organiza-o e reorganiza-o,
rmações são morfogéne-
r Morin, O Método V. A
ade humana, Publicações
)”. George Steiner, entre-
a, Lisboa, 2006, p. 125)
ntes, na história do pen-
ntiano é o momento do
a mística de Pascal e de
nos, diante da complexi-
, do “espírito de finura”
e do coração, da teoria e
culdade primeira da dia-

II - Programa para uma disciplina de "filosofia do futebol"

1. Para uma definição de filosofia. A filosofia tem uma história e constitui-se na sua história. A filosofia é a tematização expressa das questões que a própria razão necessariamente coloca. Por exemplo: Por que existe o Universo, no lugar de nada? Há um Deus onnipotente e onnisciente? O que é agir bem? É certo o nosso conhecimento?... Trata-se, portanto, de um raciocínio sobre problemas. E assim a filosofia não dialoga apenas com o saber das ciências, mas com todas as formas de conhecimento e de pensamento e de práticas. Daí, a filosofia do futebol. Aliás, na situação presente da humanidade, dominada por duas grandes revoluções, a revolução genética e a revolução informática, ignorar o papel interventor da filosofia corresponderia a uma perigosa demissão intelectual. A vontade de consciência é uma constante a desenvolver, lançando fora o conformismo paralisante e a vontade de buscar evidências a curto prazo. Citando António Machado, "é imperioso aumentar no mundo humano o tesouro da consciência vigilante" (Cultura y Sociedad, Ed. Cuadernos para el Diálogo, Madrid, 1970).

1.1. O racionalismo em crise, designadamente a partir dos "mestres da suspeita": Marx, Nietzsche e Freud. De Marx se conclui que o conhecimento não é etéreo, sobranceiro ao tempo e à história, mas um reflexo (e projecto) da realidade objectiva. Em Nietzsche, Deus morreu! E, por isso, escreve o mesmo filósofo, no seu livro *The Will to Power*, "falando cruamente: nada possui sentido intrínseco, há que de tudo fazer um forte sentido". Com

Freud, a doutrina do recalçamento torna-se a pedra angular da compreensão das nevroses, nasce a ciência do inconsciente. “A consciência começa por ser um sentimento, um tipo especial de sentimento, bem entendido mas, mesmo assim, um sentimento” (António Damásio, *O Sentimento de Si*, Publicações Europa-América, 2000, p. 355). Mas a complexidade expressa as múltiplas faces da realidade, donde emergem a ordem e a desordem, dado que a realidade é devir, é processo. Também o futebol, como actividade humana, tem inúmeras faces e portanto onde a ordem e a desordem necessariamente coabitam. Segundo Carlos Pimenta, “o conceito de complexidade está sempre na fronteira entre uma certa estrutura da realidade e um certo desconhecimento dessa mesma realidade” (in Carlos Pimenta, org., *Interdisciplinaridade, Humanismo, Universidade, Campo das Letras*, Porto, 2004, p. 137), mas é evidente que, no futebol, também é possível ordenar e sistematizar e antecipar e prever. Por isso, as “bolas paradas continuam a decidir jogos... e títulos” (A Bola, de 4 de Junho de 2009). Pela quinta época consecutiva, no campeonato português, um terço dos golos saíram de lances de laboratório, estudados e planeados durante o treino. Livres directos, livres indirectos, pontapés de canto, grandes penalidades têm cada vez mais influência nas vitórias obtidas.

1.2. A crítica ao império da Razão não pode confundir-se com o retorno do irracionalismo neoobscurantista, mas tão-só com o repensar do problema dos limites, incluindo os limites da cultura ocidental. As Lições sobre a História Universal, de Hegel, faziam da consciência humana um reflexo da consciência do Ocidente. Mas, a herança política das Luzes será sempre de conservar e desenvolver. O sucesso da Física foi relegando a Filosofia para domínios cada vez mais marginais do saber, correndo-se assim o risco de que tudo o que não se reduz a esta ciência parece expressão da emoção e da subjectividade. Ora, na Filosofia estão os fundamentos racionais de todos os saberes. Como poderia um engenheiro conceber a construção de circuitos das placas electrónicas, sem ter em consideração o que a lógica ensina (sobre o que é uma conjunção, uma negação,

uma disj
Barcelon
e de Xavi
tiam o “f
em Rinu
A “Terce
“futebol t
de Messi,
recorda u
Schuster
Y el alem
tre. Com
da tiemp
algo mejo
pensamer
de excepç
interpreta
Uma cois
a recria e
coração q
razão não
que conhu
zão do co
onde a de
através da
História d
tre Jou, 19
acentuar q
treinador
futebol era
equipas de
fundamen
que ciênci
E para que

torna-se a pedra angular da ciência do inconsciente. “A imento, um tipo especial de smo assim, um sentimento” de Si, Publicações Europa-plexidade expressa as múlti-gem a ordem e a desordem, ocesso. Também o futebol, eras faces e portanto onde a e coabitam. Segundo Carlos de está sempre na fronteira ide e um certo desconheci-Carlos Pimenta, org., Inter-sidade, Campo das Letras, : que, no futebol, também é ecipar e prever. Por isso, as “jogos... e títulos” (A Bola, época consecutiva, no cam-los saíram de lances de labo-ite o treino. Livres directos, , grandes penalidades têm obtidas.

o não pode confundir-se com irantista, mas tão-só com o luindo os limites da cultura niversal, de Hegel, faziam da nsciência do Ocidente. Mas, e de conservar e desenvolver. ilosofia para domínios cada se assim o risco de que tudo e expressão da emoção e da os fundamentos racionais de :engenheiro conceber a cons-cas, sem ter em consideração na conjunção, uma negação,

uma disjunção?). Quando se diz que o Johan Cruyff é o filósofo do Barcelona, tal significa que a equipa “azulgrana” de Pep Guardiola e de Xavi, Iniesta e Messi se fundamenta nos princípios que permitiam o “futebol total” holandês da década de setenta, que saudava em Rinus Michels o seu orientador e em Cruyff o intérprete genial. A “Terceira Copa de Europa Azulgrana” (Roma-2009) nasceu no “futebol total” de setenta, que Cruyff ensinou a Guardiola e o génio de Messi, Iniesta e Xavi actualiza. O El País, de 27 de Maio de 2009, recorda uma frase de Luís Aragonés: “ (...) en el Atletico, cuando Schuster cogia la pelota, en el banquillo pensaba: A la izquierda. Y el aleman tocaba a la izquierda. Arriba. Y el alemán buscaba a Futre. Com Xavi no era así. Con Xavi cuando pienso una cosa, no me da tiempo porque él ya ha jugado. Normalmente, además, ha hecho algo mejor de lo que yo había pensado”. Quer isto dizer, que um pensamento táctico, qualquer que ele seja, precisa de um jogador de excepção que verdadeiramente o interprete. Porque ninguém o interpreta melhor do que ele. Talvez porque seja jogador e... artista! Uma coisa é o sábio que domina a ciência criada; outra, o artista que a recria e reproduz. Uma coisa é a razão que sabe distinguir; outra, o coração que sabe intuir e unir. Por isso, o coração tem razões que a razão não entende! “Há uma forma de conhecimento não racional, que conhece o que a razão não conhece, o esprit de finesse, a razão do coração, intuição directa (sentir, compreender), que penetra onde a dedução não pode chegar (...). Pascal chega a estas questões, através da análise da condição humana” (Michele Federico Sciaccia, História da Filosofia - II – Do Humanismo a Kant, Editora Mestre Jou, 1962, S. Paulo, p. 79). De qualquer modo, será sempre de acentuar que Marinus Michels foi considerado, pela FIFA, o melhor treinador de futebol do século XX. E porquê? Porque sabia que o futebol era complexo e procedia em conformidade. Ou seja, nas suas equipas de futebol o exterior ao futebol também era de importância fundamental. E sabia ainda que o futebol há-de ser um jogo... para que ciência, arte e técnica se harmonizem numa síntese superior! E para que, embora com objectivos comuns, seja possível a diferença!

1.3. A mundialização da racionalidade ocidental, entendida como a conversão das diversas culturas às normas centrais dos interesses europeus e norte-americanos. O presidente do Inter de Milão, Massimo Moratti, já afirmou a propósito do futebol: “Negócio é negócio, o resto é conversa. Quem dita as regras são os sponsors, os canais de televisão, a publicidade e as cotações nas bolsas de valores”. Não está em causa a economia de mercado, mas a sociedade de mercado, onde não se reconhecem todas as outras fontes de legitimação dos valores... como a justiça social, a cultura que permite o sentido da vida, o respeito por nós mesmos e por tudo o que nos rodeia incluindo a Natureza e, por fim, o próprio corpo e, por extensão, os problemas inerentes ao aborto, à sexualidade, à deficiência, à eutanásia, à droga, etc. Acompanho à letra o antropólogo português, de boa reputação intelectual, Daniel Seabra, quando assevera que “muitas vezes, é num jogo que ocorre a primeira manifestação de contestação às ditaduras políticas”(cfr. A Bola, de 25 de Abril de 2007). Mas não deverá esquecer-se a “ditadura do dinheiro”, que se apoderou do futebol. E não há ditaduras boas e ditaduras más. Há ditaduras – e são todas más!

1.4. Os novos paradigmas e a complexidade. A crise da educação física (e não só da educação física) anda a par da crise do racionalismo (científico e filosófico) de que é produto. Descartes, Newton, Locke, Kant, Ling, Amoros e Demeny. Pierre Simon de Laplace (1749-1827)', célebre físico e astrónomo francês deu um inestimável contributo ao desenvolvimento das ciências e do ensino, durante a Revolução Francesa. Deixou para a História uma convicta resposta a Napoleão, quando o Imperador o interrogou: “E que faz a Deus, no seu sistema?”. E ele, de imediato: “Sire, não tenho necessidade dessa hipótese”. Vinha de exprimir assim o triunfo do determinismo típico da Razão. A teoria do caos e a física quântica abalariam os alicerces do determinismo, o qual, partindo do conhecimento das condições iniciais dum sistema, pretendia deduzir perfeitamente as condições finais.

nalidade ocidental, entendida
alturas às normas centrais dos
icanos. O presidente do Inter
firmou a propósito do futebol:
versa. Quem dita as regras são
io, a publicidade e as cotações
em causa a economia de merca-
, onde não se reconhecem todas
dos valores... como a justiça so-
tido da vida, o respeito por nós
deia incluindo a Natureza e, por
ensão, os problemas inerentes ao
ência, à eutanásia, à droga, etc.
ogo português, de boa reputação
ando assevera que “muitas vezes,
eira manifestação de contestação
ola, de 25 de Abril de 2007). Mas
dura do dinheiro”, que se apode-
aduras boas e ditaduras más. Há

is e a complexidade. A crise da edu-
cação física) anda a par da crise
filosófico) de que é produto. Des-
it, Ling, Amoros e Demy. Pier-
(1827)’, célebre físico e astrónomo
contributo ao desenvolvimento das
nte a Revolução Francesa. Deixou
cta resposta a Napoleão, quando o
E que faz a Deus, no seu sistema?”.
o tenho necessidade dessa hipótese”.
o triunfo do determinismo típico da
física quântica abalariam os alicerces
partindo do conhecimento das con-
a, pretendia deduzir perfeitamente as

1.5. Breve nota sobre Bachelard, Althusser, Foucault, Popper, Kuhn, Feyerabend e Prigogine. A descontinuidade, na história das ciências. Um universo determinista não permite a novidade. Voltando ao “futebol total” de Cruyff e de Guardiola: há nele uma estetização da vontade de vitória, através do futebol. A atitude estética é um modo original de estar no futebol, activando a razão criadora dos jogadores-artistas. Estes vêem, no futebol, um objecto estético. Por isso, são videntes do inesperado... como o golo de cabeça de Messi, no dia 28 de Maio de 2009, frente ao Manchester de Fergusson, Cristiano e Rooney! Aliás, como jogador, Guardiola era um esteta. Lembra-se de Rivaldo? Futebolista de técnica apurada e remate fácil, era previsível, isto é, os gestos e as acções individuais eram sempre os mesmos. Outro tanto acontece com o Beckham: centra com rigor milimétrico, mas pouco mais faz do que centrar e... marcar livres, também com certeza quase infalível. Guardiola, pelo contrário, era um jogador lento, frágil, sem especial talento para o passe largo e em profundidade (como o fazia Schuster, por exemplo), mas que, pela sua linguagem corporal, nos explicava porque fazia aquela jogada e não outra. Não valia, em velocidade e em força e em resistência, a metade do que valem o Iniesta e o Xavi. Mas a sua razão estética criava futebol, acariciando a bola, como um poeta ama as palavras do seu poema.

1.6. Edgar Morin: o método da complexidade. A aproximação das culturas científica e humanista. A estrutura de um departamento técnico de futebol, quer amador, quer profissional, devem ter em conta a complexidade (e portanto um trabalho inter e transdisciplinar), pois que ele deverá englobar especialistas das áreas mais diversas, tais como o director, ou supervisor, o treinador principal, três treinadores-adjuntos, médico, fisioterapeuta, ou massagista, o técnico da Internet e das redes de dados “on line”, o psicólogo, o fisiologista (responsável por um Laboratório de Optimização do Rendimento Desportivo que, do ponto de vista físico, avalie os índices de fadiga, controle o treino, previna as lesões, se ocupe da recuperação e ainda da

observação e análise do jogo) o nutricionista e o roupeiro. De todos deve emergir a mesma filosofia, a mesma ambição, a mesma disciplina colectiva e a cultura que facilita a responsabilidade e permite a mudança. Como se vê, não se invoca, neste passo, a presença do preparador físico, dado que se propõe um treino, re-inventado pelos treinadores, onde o físico, o técnico e o psicológico se encontrem subordinados ao pensamento táctico e à vontade imparável de vitória. A repetição constante e sistemática do jogar colectivo supõe atenção às exigências da complexidade. O que significa que, no treino, há-de imperar uma mentalidade de seriedade e de rigor. De salientar a presença da cibercultura, no departamento de futebol. Com a globalização, nada é aqui, tudo é agora. No livro da minha autoria, *A Pergunta Filosófica e o Desporto* (Compendium, Lisboa, 1991) escrevi, sobre este tema: “é evidente que o treino deve ter em conta a individualidade, a complexidade e a integração na totalidade de todos os atletas. Mas há um êxito que deve perseguir-se, no acto mesmo do treino: é a vitória do atleta sobre si mesmo! O treino não tem de organizar-se, tendo em conta unicamente os êxitos dentro das quatro linhas. Dele há-de emergir necessariamente uma lógica superior, que ultrapasse o sucesso centrado na competição e vise a concretização daqueles valores, com os quais o praticante aprenda a conhecer e a conhecer-se melhor – a ser mais homem, em suma!” (p. 112). O treino, para o autor destas linhas, é um dos aspectos da motricidade humana e portanto é simultaneamente bio-psico-social. José Mourinho, treinador de indiscutível competência, pode aqui invocar-se: “Quando preparo uma sessão de treino, preparo uma actividade global, nunca deixando de ter em consideração as suas implicações, a vários níveis”. E o seu treinador-adjunto, Rui Faria, é explícito: “O treinar no limite exige a mentalidade de treino no limite. Portanto, a mentalidade, está antes da acção” (Luís Lourenço e Fernando Ilharco, *Liderança – as lições de Mourinho*, Booknomics, Lisboa, 2007, p. 98).

1.7.

comple
gramático
cultura,
tam o r
diológico
Emerge
a pesqu
zas. Por
filosófic
hologra
e as par
intrínse
magnífi
1996, p
ciência,
técnicas
Tudo es
de jogo.
do trein
de uma
da comp
rida! E o
futebol

1.8.

O prima
cepção
cebe. N
A propo
O Sentir
e destin
(Publica

nutricionista e o roupeiro. De
 ãa, a mesma ambição, a mes-
 que facilita a responsabili-
 se vê, não se invoca, neste
 físico, dado que se propõe um
 res, onde o físico, o técnico e
 nados ao pensamento táctico
 A repetição constante e siste-
 enção às exigências da com-
 treino, há-de imperar uma
 r. De salientar a presença da
 futebol. Com a globalização,
 da minha autoria, *A Pergun-*
dium, Lisboa, 1991) escrevi,
 o treino deve ter em conta a
 a integração na totalidade de
 ue deve perseguir-se, no acto
 eta sobre si mesmo! O treino
 conta unicamente os êxitos
 de emergir necessariamente
 o sucesso centrado na com-
 eles valores, com os quais o
 conhecer-se melhor – a ser
 O treino, para o autor destas
 icidade humana e portanto
 l. José Mourinho, treinador
 aqui invocar-se: “Quando
 paro uma actividade global,
 razão as suas implicações, a
 junto, Rui Faria, é explícito:
 alidade de treino no limite.
 s da acção” (Luís Lourenço
 ições de Mourinho, *Bookno-*

1.7. Os três princípios fundadores, que permitem pensar a complexidade: diálogo, recursão organizacional e princípio hologramático. Numa epistemologia complexa, o espírito remete à cultura, a qual remete ao espírito. O espírito e a cultura apontam o real, o qual reenvia ao espírito e à cultura. É em termos dialógicos e recursivos que deverá entender-se o conhecimento. Emerge daqui alguma incerteza, mas é a incerteza que estimula a pesquisa, ao mesmo tempo que rejeita todas as falsas certezas. Por outro lado, não há ciência pura e, por isso, a reflexão filosófica deve fazer parte do trabalho do cientista. O princípio hologramático vem dizer-nos que o todo se encontra nas partes e as partes no todo. Na hodierna tecnociência, há uma ligação intrínseca entre a técnica e a ciência. Gilbert Hottois, no seu magnífico livro *Entre Symboles et Technoscience* (Aubier, Paris, 1996, p. 54), escreve: “A ciência contemporânea (...) é tecnociência, associando indissolivelmente as actividades teóricas e técnicas e acentuando mesmo a capacidade operativa da teoria”. Tudo está em tudo. No futebol, sob a orientação de uma ideia de jogo. Há, por isso, necessidade de uma re-montagem criativa do treino, onde se respeite a norma: o treino do futebol deve ser, de uma forma ou de outra... futebol e o futebol tenso e intenso da competição! O que é, sobre o mais, o treino do sprinter? Corrida! E do nadador? Nadar! Por que não há-de ser, sobre o mais, futebol o treino do jogador de futebol?...

1.8. O corpo e a motricidade, em Husserl e Merleau-Ponty. O primado da percepção sobre a razão e o entendimento. A percepção é aqui a complexidade humana do indivíduo que percebe. Não é pensando que somos, mas é sendo que pensamos. A propósito, poderá citar-se António Damásio, no seu livro *O Sentimento de Si*: “A mente é de tal forma modelada pelo corpo e destinada a servi-lo que apenas uma mente pode nele surgir” (Publicações Europa-América, 2000, p. 172).

1.9. A hermenêutica, na complexidade humana. A hermenêutica diz respeito à compreensão e compreensão diz respeito ao sentido. Ora, o sentido é captado através de signos, designadamente os signos da linguagem. O objecto hermenêutico é o mundo hermenêutico, por oposição ao mundo físico e lógico-matemático.

2. Todo o futebol tem o cunho da sua época histórica, mas o futebol de grande relevo é aquele em que esse cunho está mais profundamente marcado. Digo-o eu que vejo futebol, ininterruptamente, há setenta anos! Há no futebol uma dimensão histórica, dada pelo momento espaço-temporal da sua produção-criação. Poderíamos dizer o mesmo de uma “obra de arte”. Mas não é verdade que a Odisseia de Homero, ou o Hamlet de Shakespeare, radicando profundamente no seu tempo, comportam a admiração de todos os tempos? Também Leónidas, Zizinho, Travassos, Matateu, Coluna, Di Stéfano, Didi, Kopa, Gento, Eusébio, Pelé, Jairzinho, Valdano, Maradona e outros se, por hipótese, ainda jogassem, teriam por si os aplausos transbordantes dos espectadores. O futebol é uma via possível de interpretação de determinados aspectos da sociedade. No entanto, se dele ressaltam valores estéticos – o futebol de ontem, embora com algumas características que o fazem velho, é de sempre! Apetece repetir a frase de Calderón de la Barca: “Acudamos a lo eterno”.

2.1. Do físico à motricidade humana, ou do corpo-objecto ao corpo-sujeito. Da Educação Física e do Treino, analíticos, à Motricidade Humana e ao treino da complexidade, onde a filosofia de cada um dos jogadores não é senão a filosofia da equipa, em cada um dos jogadores retomada. Na Revista Española de Educación Física y Deportes (Madrid, Abril-Junho de 2009, p. 68), Juan Carlos Luis Pascual escreve: “La Educación Física es un término que necesita ser superado, quizás el tópico motricidad sea un buen candidato porque es más amplio y refleja

mejor las p
que não a
gundo o W
a filosofia
mentos”. I
2009, dist
que clarifi
na. Aqui e
E Xavi dav
pido a nos
explícito: ‘
el tema me

2.2. ...
de lúdico-
(1940-197
nossos dia
ço do capi
o lúdico e
colégios bi
meira fede
educação f
mesmo ter
dialização
o desporto
damento n
um compl
com o mei
idades”, jo
espanhol e
racterística
surpreende
colectiva d
quanto o f
embora a i
muitos os

plexidade humana. A hermenêutica e compreensão diz respeito ao mundo através de signos, designa-
O objecto hermenêutico é o mundo físico e lógico-

o da sua época histórica, mas em que esse cunho está mais eu que vejo futebol, inin-
lá no futebol uma dimensão ácio-temporal da sua produ-
esmo de uma "obra de arte". de Homero, ou o Hamlet de nente no seu tempo, compor-
tipos? Também Leónidas, Zia, Di Stéphanos, Didi, Kopa, Idano, Maradona e outros se, am por si os aplausos trans-
bol é uma via possível de in-
tos da sociedade. No entanto, o futebol de ontem, embora o fazem velho, é de sempre!
de la Barca: "Acudamos a lo

umana, ou do corpo-objecto ica e do Treino, analíticos, à a complexidade, onde a filo-
o é senão a filosofia da equi-
tomada. Na Revista Española adrid, Abril-Junho de 2009, escreve: "La Educación Física verado, quizás el tópico mor-
rque es más amplio y refleja

mejor las posibilidades de trabajo com la actividad física". Nada que não andemos a dizer de há trinta anos a esta parte!... Segundo o Wittgenstein do *Tractatus Logico-Philosophicus* (4.112), a filosofia tem como objectivo a "clarificação lógica dos pensamentos". Pep Guardiola, segundo o *El País*, de 27 de Maio de 2009, distingue-se pela sua fidelidade a uma filosofia de jogo, que clarifica, logicamente, a alma catalã, expressa pelo Barcelona. Aqui está a filosofia como polo articulador de uma equipa. E Xavi dava assim a receita para a vitória: "É preciso pensar rápido a nossa filosofia de jogo". No mesmo jornal, Jordi Cruyff é explícito: "Ferguson fue de los primeros en darse cuenta de que el tema mental importa a veces más que el talento".

2.2. As três idades em que o futebol se desenvolve: a idade de lúdico-sincrética (1863-1940), a idade clássica e analítica (1940-1970) e a idade sistémica ou organizacional (de 1970 aos nossos dias). Na primeira destas idades, época vitoriana e berço do capitalismo industrial, predomina o 2-3-5, a gínastica, o lúdico e a moralização decorrente da prática desportiva, nos colégios britânicos (de salientar que, em 1863, desponta a primeira federação inglesa, a Football Association); na segunda, a educação física e a preparação física, dualistas e mecânicas, ao mesmo tempo que o desporto se mundializa, através da mundialização das relações de produção capitalistas; e, na terceira, o desporto só pode estudar-se, salvo melhor opinião, com fundamento numa ciência social e humana, onde o ser humano é um complexo organizacional aberto, em permanente simbiose com o meio, num ininterrupto fluxo dinâmico. Embora as "três idades", joga-se como se é. O futebol brasileiro e o inglês e o espanhol e o angolano, etc., etc. têm, na sua essência, as características da cultura dos povos de que são parte. Daí, o não surpreender que ele seja a mais espectacular aparição da alma colectiva das sociedades contemporâneas. De salientar que, enquanto o futebol foi prática exclusiva das classes possidentes, embora a intensa fruição de prazer dos praticantes, não eram muitos os espectadores a contemplá-lo. Foi com a vitória ines-

perada dos operários de Blackburn sobre os alunos da escola de Eton, em 1883, que o futebol passou a ser um espectáculo do povo. Começaram, nessa altura, as claques de futebol, que sofrem e se batem quixotescamente pelo seu clube? A propósito desta irrupção, quer de amor a um clube, quer de violência catártica, convém fazer uma leitura atenta da tese de doutoramento de Daniel Seabra (as provas realizaram-se, há três meses, na Reitoria da Universidade de Lisboa), intitulada: *Claques Portuenses: um Estudo de Grupos Organizados de Adeptos de Futebol em contexto urbano*.

2.3. Desde a fundação, no Botequim Maçónico, na taberna Free-Mason's (Outubro de 1863), onde nasceram as regras do football association e onde surgiu a radical divisão entre o rugby-football e o football association; passando pelo clube-empresa, com profissionais especializados, mecanizados, funcionando como as peças de máquina autêntica; até que, em 1970, com o Ajax e a selecção nacional holandesa (a chamada laranja mecânica), desaparece o WM e o 4-2-4, tornam-se raras as marcações individuais, emergem as marcações à zona, confunde-se o futebol ofensivo com o futebol defensivo, desponta o "futebol total"... vivo ainda, como o Barcelona o prova, com exuberância – o futebol é história e pode hoje, por isso, conjugar o presente e o passado, a ciência e a consciência, as culturas e a cultura, a história e a prospectiva. Não se pode dizer que o futebol tenha sido imposto aos operários. Eles é que o reclamaram por terem encontrado nele um modo de sublimarem as frustrações do dia-a-dia. A origem aristocrática do futebol, "nas já referidas public schools, deu lugar a uma prática popular cujo processo de profissionalização e concomitante promoção de jogadores da classe operária chocavam com o ethos amador e elitista que se manteve vivo em desportos como o râguebi ou o críquete" (Nuno Domingos, in *Análise Social*, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2º. trimestre de 2006, p. 400). De salientar ainda que o desporto se transformou, então, num instrumento socializador do imperialismo (do capitalismo) britânico, incu-

tindo a
valores
nialism

2.4
táctica
no ten
rias mi
chama
bertos
vidual
de Rivi
com ui
bruna
1945. I
muita
com a
lecção
italiano
Tostão,
belo...
Portug
Salazar
nistério
física n
esta fir
a deca
precisa
sido as
nada. E
tin, Po
E, em
selecção
por 10-
atento
Homer

urn sobre os alunos da escola
 pl passou a ser um espectáculo
 ura, as claques de futebol, que
 nte pelo seu clube? A propósi-
 a um clube, quer de violência
 ura atenta da tese de doutora-
 as realizaram-se, há três meses,
 isboa), intitulada: Claques Por-
 ganizados de Adeptos de Futebol

otequim Maçónico, na taberna
 l, onde nasceram as regras do
 a radical divisão entre o rugby-
 passando pelo clube-empresa,
 s, mecanizados, funcionando
 ntica; até que, em 1970, com
 ndesa (a chamada laranja me-
 1-4, tornam-se raras as marca-
 rcações à zona, confunde-se o
 ofensivo, desponta o "futebol
 ona o prova, com exuberância
 por isso, conjugar o presente
 ncia, as culturas e a cultura, a
 ode dizer que o futebol tenha
 que o reclamaram por terem
 imarem as frustrações do dia-
 tebol, "nas já referidas publich
 opular cujo processo de pro-
 moção de jogadores da classe
 iador e elitista que se manteve
 i ou o críquete" (Nuno Do-
 o de Ciências Sociais da Uni-
 le 2006, p. 400). De salientar
 ou, então, num instrumento
 capitalismo) britânico, incu-

tindo a disciplina, o espírito de grupo, o respeito pelos mesmos
 valores, que mais convinhem à criação de uma cultura do colo-
 nialismo.

2.4. Na idade lúdico-sincrética, prevalece o ludismo, uma
 táctica sem qualquer pensamento complexo e prolongam-se
 no tempo, esquecendo-se as demais dimensões, certas catego-
 rias míticas. Ao Zamora, o guarda-redes da selecção espanhola,
 chamavam-lhe o "divino". No Mundial de 1934, deixou boquia-
 bertos aqueles que o viram actuar. O futebol era a técnica indi-
 vidual de cada um dos jogadores. Quem esquece a "máquina
 de River", com um quinteto avançado onde se movimentavam,
 com uma técnica esplendorosa, Muñoz, Moreno, Pedernera, La-
 bruna e Lostau? Dominaram o futebol argentino, entre 1941 e
 1945. Embora já na idade clássica e analítica, havia no seu futebol
 muita fantasia e o mais harmonioso lirismo. Aliás, de acordo
 com a "philosophia perennis" do futebol sul-americano. Na se-
 lecção "canarinha" de 1970, campeã mundial que mereceu do
 italiano Riva o qualificativo de "Invencível", o futebol de Pelé,
 Tostão, Jairzinho, Gerson e Rivelino era tão pragmático quanto
 belo... como a imarcescível beleza dos mármore helénicos! Em
 Portugal, durante os primeiros anos da ditadura, o governo de
 Salazar produziu, em 1932, o decreto-lei nº. 21.110, do Mi-
 nistério da Instrução Pública, onde pode ler-se: "A educação
 física não visa formar atletas. Toda a educação física que visa
 esta finalidade é uma educação às avessas. Os atletas marcam
 a decadência dos grandes povos. Grécia e Roma dos atletas são
 precisamente a Grécia e Roma da decadência. Demasiadas têm
 sido as vítimas". O futebol português pouco mais era do que
 nada. Em 11 de Março de 1934, em Madrid, no velho Chamar-
 tin, Portugal era derrotado pela Espanha, por concludentes 9-0.
 E, em 25 de Maio de 1947, no Estádio Nacional, em Lisboa, a
 selecção portuguesa era derrotada, pela sua congénere inglesa,
 por 10-0! Escritor de transição entre o século XX e o século XXI,
 atento ao novo, mas profundamente fiel a uma prosa clássica,
 Homero Serpa, no seu livro *Cândido de Oliveira* (Caminho, Lis-

boa, 2000) oferece-nos um relato delicioso e minucioso deste jogo e das suas consequências, mesmo políticas. E ainda lembra um artigo de Cândido de Oliveira, onde se inventariavam os males de que enfermava o futebol português: “Os treinos, com o relógio no pulso, ou uma vez por semana; e a jogar ao domingo, depois de uma semana inteira a serrar madeira, a cavar, a carpintejar, ou a jogar hóquei (...) – nunca poderemos igualar, no domínio técnico, ou no domínio da ciência do futebol, aquelas máquinas de jogar futebol, que são cem por cento profissionais, como os Lawtons, os Matthews, os Imbellonis, os Martinos, os artistas que o futebol pode criar” (op. cit., p. 177). Sem um treino que se aproxime, física e mentalmente, das competições oficiais, as vitórias não acontecem. Na idade clássica e analítica, impera o paradigma mecanicista e o grande livro do Desporto começou a ser escrito em linguagem matemática. O paradigma cartesiano continuava vivo, no Desporto. O Prof. Mário Moniz Pereira, um dos nomes maiores da história do atletismo, escreveu no jornal português *A Bola*, de 3 de Outubro de 1957: “Em nossa opinião, os clubes portugueses nunca encararam a sério o importante problema da preparação física que é a base do jogo”. E, porque a preparação física é a base do jogo, “hierarquicamente, o professor de educação física não pode nem deve estar sob a orientação do treinador, como acontece em quase todos os clubes (...). Lembra-nos bem, quando da visita do Racing de Buenos Aires, a sua secção de futebol era dirigida pelo professor d’Amico, estando o treinador debaixo da sua orientação. Ora, isto é que é, na realidade, lógico e não o contrário, como se tem verificado, entre nós” (in Fernando Correia, Moniz Pereira – Valeu a Pena, Sete Caminhos, Lisboa, 2008, pp. 117-118). Um texto que Moniz Pereira já não escreveria hoje e que reflectia as ideias vigentes no desporto daqueles anos e decorrentes do dualismo antropológico cartesiano, onde o Desporto é mera *Actividade Física*. Não está em causa a conveniência da licenciatura, em Desporto, para o treinador desportivo, mas não parece certo que o preparador físico seja a primeira figura do departamento de futebol, pela única razão da sua licenciatura. É que a preparação física não passa de uma das partes do todo que se procura.

delicioso e minucioso deste no políticas. E ainda relembrava, onde se inventariavam os portugueses: “Os treinos, com o nana; e a jogar ao domingo, arrumar madeira, a cavar, a carunha poderemos igualar, no ciência do futebol, aquelas cem por cento profissionais, Imbellonis, os Martinos, os (op. cit., p. 177). Sem um ntalmente, das competições Na idade clássica e analítica, o grande livro do Desporto i matemática. O paradigma orto. O Prof. Mário Moniz história do atletismo, escreveu de Outubro de 1957: “Em s nunca encararam a sério o física que é a base do jogo”. base do jogo, “hierarquica-a não pode nem deve estar o acontece em quase todos undo da visita do Racing de l era dirigida pelo professor xo da sua orientação. Ora, não o contrário, como se ndo Correia, Moniz Pereira a, 2008, pp. 117-118). Um veria hoje e que reflectia as i anos e decorrentes do du-de o Desporto é mera Acti-onveniência da licenciatura, ortivo, mas não parece certo ira figura do departamento licenciatura. É que a prepa-tes do todo que se procura.

Surge o futebol-força, de raiz anglo-saxónica. A idade sistémica ou organizacional caracteriza-se pela emergência da informação, como factor essencial, e pela descoberta da complexidade, nos sistemas e nas decisões. E, daí, a síntese futebol-força e futebol-técnica. Jogador que só defende ou ataca, unicamente, é jogador incompleto. Mas é a organização que liga e religa os elementos do mesmo sistema. A “Laranja Mecânica” de Michels (1974) e o Milão de Arrigo Sachi (1988-1990) resultavam da indissociabilidade entre a disciplina do grupo e a liberdade individual. No Desporto, como Actividade Humana, onde o físico se encontra integral mas superado, o jogador genial foi, é, será o melhor intérprete. Nele hão-de distinguir-se e confundir-se, de forma original, a eficácia, o rendimento, a beleza, o espírito de grupo, a vontade de vencer. “Não era fácil ser goleiro no Brasil, nos anos 60. A menos que você jogasse no Santos, como Gilmar. Caso contrário, seguramente, em qualquer momento da carreira, teria de encarar a genialidade de Pelé. Aí, tudo podia acontecer. Pelé era capaz de fazer jogadas que até suas próprias vítimas, incrédulas se perguntavam: Mas como foi que ele fez isso?” (Paulo Guilherme, Goleiros, Alameda, S Paulo, 2006, p. 153).

2.5. A CMH: uma nova ciência hermenêutica ou humana. O seu anti-dualismo, o seu anti-positivismo e a sua procura de interdisciplinaridade. Como uma personagem de Umberto Eco o assinala: “qualquer dado se torna importante, se for associado a outrem. A conexão altera a perspectiva” (O Pêndulo de Foucault, Difel, Lisboa, 1988, p. 328). O Desporto é um dos subsistemas do sistema motricidade humana. Ao lado da dança, da ergonomia, da reabilitação psicomotora e de muitas outras formas de ludomotricidade, de ergomotricidade e de ludoergomotricidade. E, portanto, tendo na globalidade humana a sua raiz e explicação. Demais, como Zinedine Zidane o declara: “O futebol é uma linguagem universal. Juntam-se miúdos que falam idiomas distintos, com costumes diferentes e entendem-se com uma bola nos pés” (revista Futebolista, Lisboa, Outubro de 2007). Teotónio Lima, no seu livro Alta Competição – desporto

de dimensões humanas? (Livros Horizonte, Lisboa, 1981, p. 38) sustenta que “as ciências humanas (...) não explicam satisfatoriamente e suficientemente o fenómeno desportivo. Como conciliar, por exemplo, a lei do menor esforço (de âmbito biofisiológico) com a permanente preocupação da superação de resultados e de recordes, que é uma constante no desporto?”. Boaventura de Sousa Santos pode responder, com acerto: “À redução da ciência a um modelo epistemológico único, o da física newtoniana, erigindo a matematização em ideal de cientificidade, respondeu a própria história das ciências com uma diversificação que viria a dar origem a uma multiplicidade de ecologias de práticas, organizadas em relação com modelos epistemológicos distintos (...). Os princípios de legitimação das várias práticas, constituídas como ciências, tornaram-se assim plurais e levaram não só a que diferentes ciências invocassem diferentes modelos de cientificidade, mas também que fossem atravessadas por tensões entre esses modelos de cientificidade” (Boaventura de Sousa Santos, *Semear Outras Soluções – os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*, Edições Afrontamento, Porto, 2004, p. 34). Todas as ciências humanas, cada qual à sua maneira, estudam a complexidade humana. Nela, há interações de natureza físico-química, mas não se compreende um ser humano, em termos existenciais, unicamente com os métodos da física clássica. E a um novo modelo de natureza humana há-de corresponder a construção de um novo paradigma, dotado de um adequado estatuto onto-epistemológico. Não me é lícito esconder a tendência naturalizante das ciências cognitivas, nem os que, como Michel Simon, no seu *La Peau de l'Âme* (Cerf, Paris, 1994, p. 75), pronunciando-se, a partir da área da inteligência artificial, adiantam que “o desafio a vencer é o de transportar o espírito humano para uma máquina que pense”. Ouso entrar nesta questão declarando que o desporto anuncia uma nova concepção de ser humano, não unicamente como estrutura corpórea, ou espírito incarnado, mas como complexidade que se faz espírito nas emoções e nos sentimentos da relação... com os outros e com o mundo! E assim o cultural preceda o económico e a fé anuncie o acto da transcendência (ou a criação de novos possíveis).

zonte, Lisboa, 1981, p. 38) ... não explicam satisfato-esportivo. Como conciliar, (de âmbito biofisiológico) superação de resultados e desporto?”. Boaventura de certo: “À redução da ciência, o da física newtoniana, e cientificidade, respondeu uma diversificação que viria e ecologias de práticas, organísmologias distintos (...). Árias práticas, constituídas irais e levaram não só a que ntes modelos de cientifici- vessadas por tensões entre aventura de Sousa Santos, da biodiversidade e dos co- ento, Porto, 2004, p. 34). l à sua maneira, estudam a racções de natureza físico- n ser humano, em termos todos da física clássica. E ana há-de corresponder a dotado de um adequado ne é lícito esconder a ten- nitivas, nem os que, como Àme (Cerf, Paris, 1994, p. a da inteligência artificial, o de transportar o espírito e”. Ouso entrar nesta ques- ia uma nova concepção de estrutura corpórea, ou espí- ade que se faz espírito nas o... com os outros e com o económico e a fé anuncie ação de novos possíveis).

A transcendência é a reinvenção da imanência – de que todos, em grupo, somos responsáveis. Fazer desporto nada tem a ver com adesão a dogmas, mas com a participação num acto criador.

2.6. O futebol como “chicotada metodológica” (José Mourinho), onde o método é o da complexidade; onde no preparo físico, técnico, tático, psicológico tudo se subordina ao modelo de jogo. A forma não é física tão-só. Por isso, há mesmo necessidade de um preparador físico? Ou de um metodólogo do treino, onde tudo se relaciona com tudo? Em carta aos jogadores do Chelsea, escreveu José Mourinho, mal chegou a Stamford Bridge: “A partir de agora, cada exercício, cada jogo, cada minuto da vossa vida tem de centrar-se no objectivo de ser campeão” (in Luís Lourenço, tese de mestrado, na Universidade Católica Portuguesa, 2008, p. 164).

2.7. A operacionalização da complexidade. O Desporto como ontologia relacional que deve tornar-se práxis. O desporto como comuniocentrismo, como transcendência em equipa. Há que ter em conta, na operacionalização da complexidade, os aspectos quantitativos e os aspectos qualitativos. Sem dispensá-los, porque são as ferramentas do diagnóstico, o futebol não é redutível aos dados quantitativos. Para operacionalizar a complexidade, é preciso aprender a pensar de forma relacional. O simples não existe. No treino físico, por exemplo, hão-de estar presentes as dimensões técnica e tática e psicológica e moral. A velocidade, a resistência, a força, a flexibilidade, a impulsão, etc., enfim as qualidades físicas, hão observar-se contextualizadas, à luz da lógica do todo, ou do modelo de jogo. A causalidade clássica era linear, mecânica, determinista. A causalidade complexa não é linear, mas relacional. A complexidade obriga o treinador desportivo a unir e não a separar, dado que “um todo organizado dispõe de propriedades, até mesmo ao nível das partes, que não existem nas partes isoladas do todo. São propriedades emergentes” Edgar Morin, *Ciência com Consciên-*

cia, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2005, p. 280). Uma equipa de futebol é um sistema de sistemas e, daí, que a lógica do jogo seja também a sua ilogicidade, fractalidade, imprevisibilidade. Aliás, uma equipa deve preparar-se, ao nível da complexidade, para o imprevisto, típico de um sistema aberto.

2.8. “Importa (...) que fique claro que não há trabalho em equipa possível, sem o reforço cada vez maior da comunicação entre os membros que a compõem” (Jorge Araújo, *Gerir é Treinar*, Booknomics, Lisboa, 2008, p. 69). Há necessidade de uma “racionalidade comunicativa” (Habermas) que percorra toda a equipa, porque motivar é saber comunicar. “Não há qualquer técnica motivacional que possa ser eficaz, sem ter por base um processo de comunicação rigoroso e bem delineado” (Tomaz Morais, *Compromisso: nunca desistir*, Booknomics, Lisboa, 2007, p. 30). E tudo isto porquê? Porque há-de informar todos os actos dos elementos de uma equipa uma ideologia do quotidiano (Bakhtine), que se resume à ideia de vitória.

2.9. O futebol (como o desporto hodierno) é cada vez menos motricidade e cada vez mais um espaço de sedentários. O videogame, os jogos de computador, a televisão assim o atestam. Principalmente a televisão requinta na imposição de um modelo passivo de futebol. O “Barça” igualou o “tripleto” do Celtic de Glasgow (1967) e o do Ajax, liderado pelo então jogador Johan Cruyff (1972) e o do PSV Eindhoven, orientado por Guus Hiddink (1988) e o do Manchester United (1999). E, na cidade de Barcelona, uma multidão gesticulante gritou: “Ganhámos!”. E a “Gran Final de la Liga de Campeones” realizou-se em Roma. E ninguém daquela multidão saía de Barcelona. A propósito: o ser humano é um animal de afectos. E, portanto, os filósofos também. Jean-François Lyotard, no seu livro *Économie libidinale* (Éd. de Minuit, Paris, 1974, p. 53) sugere que devemos ler o Marx “como se fosse um autor cheio de afectos e o seu texto, como uma loucura e não uma teoria”. Lyotard proclamava então o termo inapelável das grandes metanarrativas modernas.

3. O
na é o de
estudo do
peração d
Esta ciênc
deirament
o positiv
A transcen
se. També
Veja (4 de
crescem? A
da Inglate
tros atletas
e difusão
isto é, con
mação ger
ou seja, o
judicativa
tudo isto
desportivo

3.1. c
físico não
reflexiva e
uma regul
ferentes p
não é poss
o organizm
os dias, as
organismo
sa também
de recup
diva, Lisbe
puramente
inserido na
cionismos
mental de
começar e

o, 2005, p. 280). Uma equipa as e, daí, que a lógica do jogo actualidade, imprevisibilidade. se, ao nível da complexidade, sistema aberto.

e claro que não há trabalho o cada vez maior da comuni-mpõem” (Jorge Araújo, Gerir .008, p. 69). Há necessidade tiva”(Habermas) que percor- é saber comunicar. “Não há e possa ser eficaz, sem ter por o rigoroso e bem delineado” nca desistir, Booknomics, Lis- rquê? Porque há-de informar uma equipa uma ideologia do me à ideia de vitória.

sporto hodierno) é cada vez tis um espaço de sedentários. lor, a televisão assim o atestam. a na imposição de um modelo alou o “tripleto” do Celtic de ado pelo então jogador Johan ven, orientado por Guus Hi- United (1999). E, na cidade culante gritou: “Ganhámos!”. peones” realizou-se em Roma. ra de Barcelona. A propósito: ctos. E, portanto, os filósofos o seu livro *Économie libidinale* (3) sugere que devemos ler o heio de afectos e o seu texto, ria”. Lyotard proclamava ens metanarrativas modernas.

3. O objecto de estudo da Ciência da Motricidade Humana é o desenvolvimento humano, através da motricidade, pelo estudo do corpo em acto, visando a transcendência, a qual é superação de todo o determinismo e criação de possíveis inéditos. Esta ciência não se confunde com a ordem estabelecida. Verdadeiramente, ela implica uma revolução cultural e quer superar o positivismo do Ocidente e o fixismo religioso e científico. A transcendência como sentido da vida. Ser sujeito é transcender-se. Também moralmente. Dá que pensar um artigo da revista *Veja* (4 de Fevereiro de 2009), assim intitulado: Por que eles não crescem? A acusação de ter cometido agressão sexual em uma boate da Inglaterra revela a face imatura de Robinho – a mesma de outros atletas que saltaram da pobreza para o estrelato. A promoção e difusão da “cultura”, se a entendermos em sentido subjectivo, isto é, como formação pessoal e profissional, acrescida de informação geral e especializada, tanto como em sentido objectivo, ou seja, o conjunto dos valores que definem a visão cognitiva e judicativa que do mundo possui certa comunidade humana – tudo isto nada tem a ver com as grandes estrelas do espectáculo desportivo?

3.1. O facto de afirmar-se que o treino não é unicamente físico não significa que não se tenha pelo físico uma atenção reflexiva e ponderada. “Mourinho tem a preocupação de manter uma regularidade semanal, relativamente à alternância dos diferentes padrões de desempenho-recuperação. Porquê? Porque não é possível em termos biológicos manter ininterruptamente o organismo a esforçar-se, no mesmo registo, solicitando, todos os dias, as mesmas coisas do jogar. É do senso comum que o organismo, para estar acordado, mantendo-se desperto, precisa também de dormir. Para se esforçar precisa de descansar e de recuperar” (AA.VV., Mourinho: porquê tantas vitórias?, Gradiva, Lisboa, 2006, p. 108). O desporto não é prática de um ser puramente racional; nele, está o homem integral (Feuerbach), inserido na existência e vocacionado para a vida. Só que os reducionismos naturalistas e empíricos esquecem que há um mundo mental de que eles são parte. Por isso, o cansaço físico pode começar em simples cansaço mental. E vice-versa...

3.2. O objecto de estudo da CMH é um objecto em construção, não é um objecto construído. Não há nela qualquer assomo de cientismo, pois que se considera uma ciência aberta em permanente inter-trans-disciplinaridade. É o *homo sapiens-demens*, *faber-ludens*, *empiricus-imaginarius*, *economicus-consumans*, *prosaicus-poeticus* que a Motricidade Humana (e o futebol dela decorrente) revela. Por isso, na motricidade humana, o ser humano nunca vai até ao fim de si mesmo.

3.3. O futebol diz-nos, assim, que o ser humano, quando quer transcender e transcender-se, nunca é um dado, mas uma tarefa a cumprir... em grupo! O futebol permite, ao futebolista a apreensão de si no outro e do outro em si. Daí que o grande jogador se devesse distinguir por ser Homem, antes de ser jogador! Julgo que o Kaká, actualmente no Real Madrid, é isto mesmo: é Homem, antes de ser jogador de futebol! O valor envolvido na sua contratação, pelo Real Madrid (65 milhões de euros) não deverá inquinar, macular o seu valor moral. Oxalá o mesmo se passe com o Cristiano Ronaldo (94 milhões de euros). Beneficia o Real Madrid de um director-geral, Jorge Valdano, e de um treinador, Manuel Pellegrinni, pessoas de incontestável inteireza moral. O Jorge Valdano, sendo um homem culto, é um símbolo de modéstia e de afabilidade. Li, com algum deleite, grande parte da obra de Foucault e Deleuze, que cresceram à sombra de Nietzsche e depois se afirmaram, tentando, com desenvoltura, destruir a modernidade, de Descartes a Hegel. Mas há valores, sem os quais impossível se torna viver humanamente...

3.4. "Somos guerreiros que lutam uns pelos outros", Didier Drogba, no tempo em que Mourinho era treinador do Chelsea. E Scolari, emocionado após a vitória sobre a Inglaterra, liderava ele a selecção portuguesa de futebol, no Mundial de 2006: "À medida que avançamos sentimos mais dificuldades, mas estamos nas meias-finais, por mérito destes jogadores que aprenderam a ter um espírito guerreiro, que talvez não tivessem e lhes faltava" (A Bola, 2 de Julho de 2006). Patenteava-se, já nessa altura, a crise da ideia do "fim da história",

CMH é um objecto em consideração. Não há nela qualquer consideração de uma ciência aberta à pluralidade. É o *homo sapiens-maginatarius, economicus-con-* Motricidade Humana (e o fú-
isso, na motricidade humana,
1 de si mesmo.

que o ser humano, quando quer
é um dado, mas uma tarefa a
mite, ao futebolista a apreensão
que o grande jogador se devesse
: ser jogador! Julgo que o Kaká,
mesmo: é Homem, antes de ser
lo na sua contratação, pelo Real
deverá inquirir, macular o seu
e com o Cristiano Ronaldo (94
l Madrid de um director-geral,
Manuel Pellegrini, pessoas de
rge Valdano, sendo um homem
: de afabilidade. Li, com algum
oucault e Deleuze, que cresce-
is se afirmaram, tentando, com
ide, de Descartes a Hegel. Mas
se torna viver humanamente...
ns pelos outros", Didier Drogba,
reinador do Chelsea. E Scolari,
nglaterra, liderava ele a selecção
de 2006: "À medida que avança-
as estamos nas meias-finais, por
eram a ter um espírito guerreiro,
a" (A Bola, 2 de Julho de 2006).
se da ideia do "fim da história",

que incensava a globalização do capitalismo neoliberal e da chamada
"teologia de mercado". Falta um futebol que seja crítica e problema-
tização da sociedade injusta. Falta um futebol que não se demita do
que se exige a todas as consciências vigilantes. Afinal, os futebolistas
são guerreiros... ao serviço de quem e em proveito de quem?

3.5. "A belicosidade e a agressividade encontram, na competição desportiva, uma manifestação socialmente autorizada, que consiste sobretudo no assistir (a combates de boxe, por exemplo) e na identificação fantasista com uns poucos a quem, para descarga desses afectos, é concedida uma margem de acção limitada e regulamentada com exactidão" (Norbert Elias, O processo civilizacional, Publicações Europa-América, Lisboa, 1989, p. 237). O desporto (e portanto o futebol) é a continuação estilizada e regulamentada das guerras tribais. O desporto fala-nos, de facto, de uma violência primordial.

3.6. Desmond Morris criou uma interpretação antropológica do futebol: o desafio de futebol preenche o vazio deixado pelo declínio da caça, a mais antiga actividade do ser humano. Nele, a bola é a arma e a baliza a presa. O futebol pode funcionar ainda como guerra estilizada, servindo de catarse das pulsões agressivas que em nós habitam. Por outro lado, o futebol cria uma hierarquia social de grande relevo, actualmente. E tanto assim é que os mais notáveis atletas são os novos deuses. Na Idade Média, construíam-se catedrais; hoje, as catedrais são os estádios... que são os novos templos! O futebol é, muitas (demasiadas) vezes, o "ópio do povo", anestesiando os marginalizados à recusa da sociedade injusta estabelecida, embora possamos considerá-lo também como um espectáculo, como o teatro ou o cinema. Sem as taras da sociedade de mercado, ou de um caudilhismo tentacular, o futebol é um espectáculo maravilhoso. E Desmond Morris finda a sua interpretação do futebol, vendo nele um grande negócio, em busca do lucro, quer negociando jogadores, quer através da transmissão de jogos e da venda de publicidade. A propósito, poderemos acrescentar que é o português Jorge

Mendes o empresário que lidera a lista mundial dos empresários da FIFA. Tem “uma carteira de 75 jogadores, avaliada em 405 milhões de euros (...). Cristiano Ronaldo e Anderson do Manchester United, Quaresma do Chelsea, ou Pepe do Real Madrid (...) são os cinco jogadores mais valiosos de Mendes” (A Bola, 13 de Março de 2009). O negócio impera, no futebol de alto nível. Por este e outros motivos, há que repensar o futebol de alto nível. Todo o pensamento é político, designadamente quando o pensar é o único recurso ao nosso dispor...

3.7. “Enganam-se redondamente os que acreditam que as medidas físicas e os índices de velocidade e de força determinam a eficácia de um jogador de futebol, tal como se enganam os que julgam que os testes de inteligência têm algo a ver com o talento, ou que existe alguma relação entre o tamanho do pénis e o prazer sexual. Os bons jogadores de futebol não são necessariamente titãs talhados por Miguel Ângelo. No futebol, a habilidade é mais determinante do que as condições atléticas e, em muitos casos, a habilidade consiste na arte de converter as limitações em virtudes” (Eduardo Galeano, *Futebol: sol e sombra*, Livros de Areia Editores, Lda., 2006, p. 139). No entanto, é fundamental quantificar. Um indutivismo sofisticado e probabilístico é preciosa ajuda à observação do futebol. E, na indução, os números são indispensáveis. A este propósito vale a pena ler de José Neto e Fernando Matos, *Futebol – tecnociência para o sucesso*, Paços de Ferreira, 2008). Pode invocar-se Menotti, neste passo: “lo importante de un futbolista no es la preparación física, sino que aprenda a jugar al fútbol. Nadie juega mejor al fútbol porque sea mejor físicamente” (in Oscar P. Cano Morano, *El modelo de juego del FC Barcelona*, Mcsports, Espanha, 2009, p. 87).

3.8. Os factores intelectuais, psicológicos e morais, no treino e na competição. É que o jogador de futebol vive todos os dias, na sua profissão, um número incontável de problemas que não podem deduzir-se do passado e que pedem a emergência

a lista mundial dos empresários
5 jogadores, avaliada em 405 mi-
lardo e Anderson do Manchester
Pepe do Real Madrid (...) são os
"Reis" (A Bola, 13 de Março de
2009). Por este e outros
de alto nível. Todo o pensamento
hoje em dia é o único recurso ao

mente os que acreditam que as
velocidade e de força determinam
o sucesso, tal como se enganam os que
acreditam que a força tem algo a ver com o talento,
que o tamanho do pénis e o pra-
do futebol não são necessariamente
proporcionais. No futebol, a habilidade é
condições atléticas e, em muitos
casos, a arte de converter as limitações
(Futebol: sol e sombra, Livros de
2009). No entanto, é fundamental
reconhecer que o futebol é pre-
cisamente isso. E, na indução, os números
só servem para a pena ler de José Neto
a importância para o sucesso, Paços
de Ferreira Menotti, neste passo: "lo-
go a preparação física, sino que
e juega mejor al fútbol porque
de P. Cano Morano, El modelo de
fútbol, Espanha, 2009, p. 87).

is, psicológicos e morais, no trei-
nador de futebol vive todos os
problemas de problemas que
hoje em dia e que pedem a emergência

das suas virtualidades criadoras. Na sociedade da informação,
decorrente dos avanços tecnológicos, e na sociedade do conheci-
mento, com dimensões sociais, éticas e políticas bem mais vastas
(como um espírito crítico que se formou pelo direito à educa-
ção e na liberdade de opinião e de expressão) – importa que
os actuais "agentes do futebol" se preparem para ser cidadãos
das sociedades de conhecimento da idade da informação. Vive-
mos a Terceira Revolução Industrial, a das novas tecnologias da
informação e da comunicação, associada a profunda mudança
nos sistemas e padrões do conhecimento. Valdano, ao analisar o
Luís Figo, salienta: "Figo tinha as condições físicas de um atleta,
a imaginação de um poeta e a técnica de um artesão" (A Bola, de
20 de Maio de 2009). Para a sociedade do conhecimento, ainda
falta o "espírito crítico" de um filósofo...

3.9. A competição e o treino desportivos à espera da filosofia
que merecem. Qual o sentido da vida? Qual o sentido do despor-
to? Nenhuma outra actividade precisa mais de discurso do que
a motricidade. Porque toda a motricidade, afinal, é uma aposta.
Há ainda, no desporto em geral, quem só considere inteligível o
que pode traduzir-se, em equações, fórmulas ou estruturas quí-
micas. A vida humana torna-se, assim, alidamente mecânica,
com desprezo absoluto pelo simbólico, pelo interpretativo, pelo
axiológico. Ora (e passo a citar um grande escritor português,
Virgílio Ferreira, no seu livro Espaço Invisível-IV): "O homem é
o último valor irrecusável. Até porque justamente foi e é em fun-
ção dele que sempre existiram todos os valores". Importa que o
futebol se transforme num novo humanismo. A filosofia do fute-
bol assim o sugere, já que a filosofia, segundo Comte-Sponville;
"est une pratique discursive qui a la vie pour objet, la raison par
moyen et le bonheur pour but" (André Comte-Sponville, Luc
Ferry, La Sagesse des Modernes – dix questions pour notre temps,
Éditions Robert Laffont, Paris, 1998, p. 508).

4. Os riscos da ignorância epistemológica. Não há ciências do desporto, mas ciências que se ocupam do desporto, como a sociologia do desporto (que é sociologia), ou a psicologia do desporto (que é psicologia), ou a história do desporto (que é história), etc. O desporto (e, como tal, o futebol) é um dos aspectos da CMH. É nesta ciência que o futebol, como afinal o desporto, poderá encontrar o seu paradigma. Há que procurar, no futebol, uma ontologia nova, onde as categorias de acção e de relação assumam uma importância fundamental e onde o desporto deixe de ser unicamente uma “actividade física”, porque se trata de uma actividade humana. “Uma acção não é apenas um gesto ou uma série de gestos. Uma acção é um gesto ou uma série de gestos intencionais, no sentido em que esses gestos ou série de gestos são imputáveis a um agente (...). Dizer que uma acção é intencional é também sublinhar que uma acção tem sempre uma finalidade” (Stéphane Ferret, *Aprender com as Coisas – uma iniciação à filosofia*, Edições ASA, Porto, 2007, pp. 84-85).

4.1. O sucesso do futebol reside, imediatamente, no facto de, no futebol, não se usarem as mãos. É facilmente percebido, sem o recurso a difíceis conceptualizações. De facto, sem as mãos, diminui a consciência, o ser humano descamba na primeira natureza que se opõe à segunda natureza da consciência e do pensamento. Desmond Morris sustenta que “progredimos um milhão de anos, dos machados de sílex até aos foguetões espaciais, só porque um dia fomos capazes de nos erguer nos membros posteriores e nos sobramos duas patas que com o tempo se transformaram em mãos, com essa maravilhosa oposição do polegar, que permite a prensão e a manipulação dos objectos” (Tribo do Futebol, Europa-América, Lisboa, 2000, p. 132). Acrescente-se ainda que o futebol é facilmente percebido, mas o que é fácil não deixa de ser de difícil criação e construção. O que se exige a um departamento de futebol de trabalho metódico e diligente assim o comprova.

stemológica. Não há ciências ocupam do desporto, como a biologia), ou a psicologia da história do desporto (que é o tal, o futebol) é um dos aspectos que o futebol, como afinal o paradigma. Há que procurar, onde as categorias de acção e a sua fundamental e onde o desporto "actividade física", porque não. "Uma acção não é apenas uma acção. Uma acção é um gesto ou o sentido em que esses gestos são a um agente (...). Dizer que se sublinhar que uma acção é a de Ferret, Aprender com as condições ASA, Porto, 2007, pp.

side, imediatamente, no facto não. É facilmente perceptivo conceptualizações. De facto, sem ser humano descamba na primeira natureza da consciência. É sustenta que "progredimos os de sílex até aos foguetões os capazes de nos erguer nos um duas patas que com o tempo essa maravilhosa oposição o e a manipulação dos objectivos, Lisboa, 2000, p. 132). É facilmente percebido, a difícil criação e construção. O de futebol de trabalho metódico.

4.2. Graças à posição vertical, o ser humano libertou as mãos para operações cada vez mais complexas, tais como a fabricação e a utilização dos instrumentos de trabalho. "O primeiro homem fez-se homem, porque houve um acontecimento fundador da sua diferenciação: a mão que se fecha, que se abre, que agarra, que caminha, é a mesma mão que obedece à vontade da consciência" (Paulo Alexandre e Castro, "Da mão como técnica ao pensamento técnico da mão", in *Vértice*, revista trimestral, Lisboa, Julho Agosto de 2004). Por sua vez, a complexidade crescente da prática humana desempenhou um papel importante no aperfeiçoamento do cérebro e na extensão do conhecimento. Diminuindo, muitas vezes, o pensamento conceptual, o futebol contribui ao apuramento dos instintos do futebolista. "Assim, não admira que os gestos dos jogadores nos pareçam decalcados da vida animal: certas cargas, fintas de corpo, mudanças de velocidade, súbitas paragens, pequenos voos" (Álvaro Magalhães, *História Natural do Futebol*, Assírio e Alvim, Lisboa, 2004, p. 191). Será de assinalar aliás que os balneários se situam, num nível inferior, subterrâneo, como as tocas e esconderijos dos animais. Por isso, tem sido imensa a fauna futebolística: o espanhol Gainza era o gamo, o Eusébio era o pantera negra, o Butragueño era o abutre, o argentino Ardiles era a formiguinha, o José Henriques era o gato, etc., etc. O futebol é uma celebração maravilhosa da animalidade. Mas... não há futebol sem pensar, por muito que isto pese a alguns antropólogos! Mariano Amaro, Travassos, Coluna, João Alves, António Oliveira e Rui Costa, no futebol português – o que eram senão jogadores inteligentes? Recuso, por empobrecedora, uma redução do futebol a puro instinto. Não aceito qualquer um dos multifacéticos dualismos que atravessam a cultura ocidental. O futebol de alta competição supõe constitutivamente uma actividade crítica. Ao invés, não poderia ser alta competição. É evidente que os hábitos podem evitar, em determinados momentos, uma sobrecarga de pensamento e de reflexão. Mas não dispensam um pensar anterior ou posterior que lhes dá significado.

4.3. “Como diz o meu amigo Angel Ruocco, é isso o que o futebol tem de melhor: a sua persistente capacidade de surpreender. Por mais que os tecnocratas o programem até ao mínimo detalhe, por muito que os poderosos o manipulem, o futebol continua a querer ser a arte do imprevisto. De onde menos se espera chega o impossível, o anão dá uma lição ao gigante e um negro mirrado e de pernas tortas faz do atleta esculpido na Grécia um tonto” (Eduardo Galeano, *Futebol: Sol e Sombra*, p. 180).

4.4 A crise. As revoluções científicas (Kuhn), rupturas epistemológicas (Bachelard), cortes epistémicos (Foucault), revoluções paradigmáticas (Morin). A relação dos animais com a natureza é puramente biológica; a relação dos homens com a natureza é histórico-social. É que o ser humano, para desenvolver a produção dos bens materiais, tem necessidade de criar o meio, o ambiente, a sociedade, o novo afinal e, portanto, é um ser em crise permanente.

4.5. O pensamento e a palavra como produtos do trabalho e sua condição necessária. Por isso, “o homem capaz é o homem capaz de falar, de agir, de se definir, de se submeter a normas, etc. A dotação da capacidade está com certeza profundamente enraizada no biológico, mas a passagem à efectividade moral pressupõe a linguagem, a obrigação moral, instituições, todo um mundo normativo, jurídico, político, etc.” (Paul Ricoeur, in Jean-Pierre Changeux e Paul Ricoeur, *O que nos faz pensar?*, edições 70, Lisboa, 2001, p. 37). Para o ser humano (e portanto para o “homem do futebol”) se nem tudo fala, tudo diz.

4.6. Se há lógica, no futebol? Há lógica, em todas as instituições humanas, como as leis e as regras o atestam. No entanto, quando os futebolistas entregam as suas competições desportivas à protecção dos santos de que são devotos (relembro a devoção de Scolari, pela Senhora do Caravaggio) provam, com evi-

nigo Angel Ruocco, é isso o que o persistente capacidade de surpresas o programem até ao mínimo derosos o manipulem, o futebol o imprevisto. De onde menos se não dá uma lição ao gigante e um as faz do atleta esculpido na Grécia, Futebol: Sol e Sombra, p. 180).

ões científicas (Kuhn), rupturas ortes epistémicos (Foucault), ren). A relação dos animais com a ca; a relação dos homens com a ue o ser humano, para desenvolv-riais, tem necessidade de criar o o novo afinal e, portanto, é um

avra como produtos do trabalho sso, "o homem capaz é o homem efinir, de se submeter a normas, stá com certeza profundamente passagem à efectividade moral gação moral, instituições, todo o, político, etc." (Paul Ricoeur, l Ricoeur, O que nos faz pensar?, l. Para o ser humano (e portanto nem tudo fala, tudo diz.

ol? Há lógica, em todas as insti-as regras o atestam. No entanto, n as suas competições desporti-e são devotos (relembro a devo- Caravaggio) provam, com evi-

dência, que a fé tem parte decisiva na consecução da vitória. Por outro lado, numa racionalidade alargada, devemos considerar o ilógico e o incerto como fazendo parte do futebol. Neste passo, será de lembrar a "vontade de poder", de Nietzsche. A "vontade de poder" supõe que a vontade é mais importante do que a razão. Qualquer interpretação do real é sempre, para este filósofo, uma expressão da "vontade de poder".

4.7. Não se pode reduzir o futebol ao discurso lógico produzido, pelos jornalistas, ou pelos estudiosos. O todo é indizível. O saber do futebol é, quase sempre, o saber de um puro acontecer, pois que a transcendência não se deixa captar. A transcendência é um renascer sem fim. Hanna Arendt, no livro Verdade e Política (Lisboa Editora, 2005, p. 126) sublinha que "conceptualmente, podemos chamar verdade àquilo que não podemos mudar". Por isso, a verdade só teoricamente a podemos vislumbrar! João Paulo Medina, nos anos lectivos de 1987 e 1988, era o professor de futebol da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Eu, a viver a hora de fel e vinagre que parece sina terem de passar todos os portugueses que cometeram o crime de ser (e pensar) diferentes, refugiara-me, na mesma universidade brasileira onde leccionava na Faculdade de Educação Física e no departamento de Filosofia da Faculdade de Educação. Recordo a compreensão e a amizade do João Tojal, do João Batista Freire, do Lino Castellani Filho e... do João Paulo Medina, treinador de futebol! Certo dia, há 22 anos, o João Paulo, com a sua habitual dignidade e inteireza moral, disse-me: "Sempre que ambos dialogamos acerca da sua ciência da motricidade humana, já percebeu que não estou totalmente de acordo consigo, mas agradeço-lhe o facto de ter dito coisas que me trouxeram uma compreensão nova do futebol". E eu, que pretendia ir para além destas palavras preambulares, insisti: E que coisas foram essas? E ele: "Permita-me que distinga duas: o desporto, como especialidade de uma nova ciência humana e o correspondente método integrativo, ou da complexidade, onde o físico está integral mas superado. Depois de es-

tudar a sua tese, percebi que ela reforçava o que a minha prática me ensinava: que o homem e o desportista são uma e a mesma coisa e que o pensamento do futebolista não é cópia, mas um infinito multiplicador de perspectivas! O grande jogador nunca é o normal, porque o normal é sempre o normalizado”.

4.8. No futebol, porque o método é o da complexidade, nele cabe também o método hermenêutico e assim, no futebol, não se estudam unicamente as causas biomecânicas do movimento, mas também os motivos do agir. Vale a pena ler, neste passo, um texto de *La sémantique de l'action* de Paul Ricoeur: “A acção é como um texto oferecido à leitura, a várias leituras, e a dialéctica entre a compreensão e a explicação, que a leitura e a compreensão de um texto envolvem, convida-nos a procurar igualmente, na interpretação das acções dos homens, uma semelhante alternância entre compreender e explicar” (Editions du Centre National de la recherche scientifique, Paris, 1977, p. 17). A diferença entre compreender e explicar. A compreensão do futebol depende do homem que se é. Na esteira de Heidegger, podemos dizer que a compreensão do futebol é uma estrutura existencial – fenómeno evidente nos treinadores. O que fez do Helenio Herrera, ou do Mourinho, ou do Ferguson, ou do Telé Santana grandes treinadores não foi a quantidade do que sabiam de futebol, mas a qualidade. Na compreensão, há muita intuição... e esta não se estuda nos livros! Gadamer, no seu livro *Verdade e Método*, adianta que a compreensão tem um percurso histórico. É evidente que as habilitações académicas e a prática do futebol enriquecem a compreensão. Há também condições históricas, para uma determinada compreensão. Mas, ou há uma pré-compreensão ou, sem ela, a compreensão não acontece. Há treinadores que estão no futebol e que (vê-se!) não nasceram para treinadores de futebol. Falta-lhes a pré-compreensão...

5. O tempo somatiza-se e somatiza-nos. “A ideia de morfogénese cultural do corpo humano mostra-nos que cada vez mais

reforçava o que a minha prática desportista são uma e a mesma. O futebolista não é cópia, mas um original! O grande jogador nunca é o normalizado”.

O método é o da complexidade, fenomenológico e assim, no futebol, as causas biomecânicas do movimento do agir. Vale a pena ler, neste contexto de l’action de Paul Ricoeur: dedicado à leitura, a várias leituras, à ação e a explicação, que a leitura envolve, convida-nos a procurar as acções dos homens, uma sempre compreender e explicar” (Editions du Seuil, Paris, 1977, p. 10). Compreender e explicar. A compreensão que se é. Na esteira de Heidegger, a compreensão do futebol é uma estrutura presente nos treinadores. O que fez o futebol, ou do Ferguson, ou do Mourinho, não foi a quantidade do que se fez. Na compreensão, há muita coisa nos livros! Gadamer, no seu livro *Verdade e Método*, compreensão tem um percurso através das disciplinas académicas e a prática do futebol. Há também condições para a compreensão. Mas, ou há compreensão, ou não. A compreensão não acontece. O futebol e que (vê-se!) não nasceram sem a pré-compreensão...

matiza-nos. “A ideia de morfologia mostra-nos que cada vez mais

a própria forma cultural está umbilicalmente submetida à cultura, sendo por isso, em grande parte, um produto do espírito e não simplesmente o resultado da natureza. Romano Guardini alude que uma obra de arte é uma criação cultural, na qual o ser humano supera a própria natureza, acrescentando-lhe algo, sendo que essa realização pressupõe liberdade”. Por isso, no nosso tempo, “o ser é nitidamente subjugado ao parecer” (Rui Proença Garcia e Kátia Lemos, *Temas* (quase éticos) de Desporto, Belo Horizonte, 2005, p. 27).

5.1. Os valores são moral e eticamente verdadeiros, quando se concretizam numa práxis participativa, solidária, transformadora e de respeito pelos outros e por nós mesmos. Theodor W. Adorno declara, na sua *Dialética Negativa*: “sentenças como: não se deve torturar, não devem existir campos de concentração(...)”. São verdadeiras essas sentenças, se por elas se lutar em todos os lugares em que houver tortura. Perderiam toda a sua validade, se fossem tão-só abstracção engenhosa ou pura retórica” (*Negative Dialektik*, Frankfurt, 1966, p. 281). Toda a crítica deverá transformar-se numa ética emancipatória. No mental e no emocional deve residir também o axiológico, tendo até em conta a beleza do espectáculo. Os grandes jogadores são precisamente aqueles que não são violentos.

5.2. “Que tipo de homem quero eu que nasça do treino, ou da competição, que vou dirigir?”. Esta é a principal interrogação que o treinador, como treinador, deve fazer a si mesmo. Demais, como se sabe e como o disse Max Horkheimer: “para o revolucionário, o mundo sempre esteve maduro”. O futebol, como já se diz há um bom tempo, pode ser alienação. Mas também pode não ser e, a maior parte das vezes, não é. A cultura ocidental, designadamente após a Idade Moderna, identificou-se com o “indivíduo racional”. Ora, o futebol ensina que quase tudo pré-existe ao indivíduo, porque é de uma equipa que emerge a individualidade. Por isso, quando a selecção portuguesa (ou

a de qualquer outro país) entra em campo, há um “sentimento nacional” que a precede e que a sustenta, pois ela exprime uma realidade arcaica, que se perde na escuridão dos séculos – a da diferença, do clã, do povo, da pátria. E, daí, o êxtase dionisíaco dos espectadores, nos estádios, ou diante da televisão. Talvez nos seja lícito lembrar, neste momento, Alberto Caeiro (ou Fernando Pessoa): “quem ama nunca sabe o que ama, nem sabe porque ama, nem o que é amar. Amar é a eterna inocência e a única inocência é não pensar” (in Fernando Pessoa, *Obras Escolhidas*, vol III, Editorial Verbo, 1985, p. 18).

5.3. O doping, a corrupção e a especialização precoce. Quando se proclama (e há estudos que assim o comprovam) que a prática desportiva é um dos remédios para combater o flagelo da droga, não faz sentido que, na alta competição, o doping permaneça alapado a inúmeras modalidades... como o futebol, por exemplo!... Na corrida aos craques brasileiros, “a pressa de chegar antes do concorrente vem fazendo que a idade dos contratados caia na mesma proporção com que dispara a cotação dos atletas no mercado”. E já são vários os garotos brasileiros de 14, 15 e 16 anos, contratados pelos principais clubes europeus. “Há ainda o incrível caso de Caio Wernek, craque-bebê, brasileiro de apenas 10 anos e já selecionado pelo Roma” (Veja, S. Paulo, 13 de Maio de 2009). Só que a vida não se resume ao futebol e é bem possível que, uma vez mais, da especialização precoce nasçam bestas esplêndidas e não cidadãos livres e libertadores. Há que não esquecer também a vida estressante, absorvente do jogador de futebol. Carlos Tevez, hoje no futebol inglês, refere (à revista *Placar*, Junho de 2006) que “na profissão de futebolista, cada ano vivido equivale a quatro, na vida doutros profissionais”. Sobre a corrupção, recordo o “megacaso” de fraude desportiva que assolou o futebol italiano, durante Julho de 2006. Poderá transcrever-se, aqui, um texto do conhecido livro de Alain Finkielkraut, *A Derrota do Pensamento* (Biblioteca Dom Quixote, 1988, Lisboa, p. 145): “A barbárie acabou por apoderar-se da cultura. À sombra desta grande palavra, a

em campo, há um “sentimento” que a sustenta, pois ela exprime uma necessidade da escuridão dos séculos – a da alma. E, daí, o êxtase dionisíaco ou diante da televisão. Talvez nos tempos de Alberto Caeiro (ou Fernando Pessoa), não sabe o que ama, nem sabe porque ama. É a eterna inocência e a única coisa que não muda (Pessoa, Obras Escolhidas, vol. 18).

ção e a especialização precoce. Os que assim o comprovam) que os meios para combater o flagelo da alta competição, o doping em modalidades... como o futebol, os craques brasileiros, “a pressa de não fazer o que a idade dos jogadores com que dispara a cotação não vários os garotos brasileiros são pelos principais clubes europeus de Caio Werneck, craque-bebê, selecionado pelo Roma” (Veja, vol. 18). Só que a vida não se resume a uma vez mais, da especialização e não cidadãos livres e ter também a vida estressante, l. Carlos Tevez, hoje no futebol (julho de 2006) que “na profissão equivale a quatro, na vida duplação, recorro o “megacaso” de futebol italiano, durante Julho aqui, um texto do conhecido erro do Pensamento (Bibliot, p. 145): “A barbárie acabou a sombra desta grande palavra, a

intolerância cresce, ao mesmo tempo que o infantilismo”. Para muitos, o cidadão exemplar é o indivíduo egoísta. No futebol, uma equipa não é uma “união de egoístas”. Sob pena de não haver equipa.

5.4. O futebol como ciência e como arte. Não há ciência sem imaginação. O futebolista de renome como beleza de consumo, verdadeiramente concebida e feita pelos média. Poderá salientar-se ainda a utilização de jogadores, no mundo da publicidade. Trata-se de uma evolução natural do mercado. Com as novas tecnologias, qualquer empresa pode tornar-se internacional e, para tanto, o futebol é o meio ideal para catapultar uma qualquer marca além-fronteiras. Luís Figo, considerado o melhor jogador do mundo em 2001, foi pioneiro, em Portugal, deste tipo de “marketing” com desportistas, dando a cara por marcas como a Coca-Cola, a Pepsi, a Nike, a Danone e a Sagres. Há a necessidade de definir princípios axiológicos capazes de nortear o desenvolvimento e limites da publicidade e do “marketing”. Gianni Vattimo, no seu livro *La Fin de la Modernité* (Seuil, Paris, 1988) refere que há, hoje, o perigo de “reduzir o ser a valor de troca”.

5.5. “Vivemos no efémero, na obsolescência acelerada, no capricho subjectivo, como se os valores mais sagrados, perdidas as bases, pudessem entrar no grande mercado dos valores mobiliários e flutuar por seu turno (...). O século XXI pode estar preso numa estranha contradição: nunca o efémero foi tão valorizado (...). Na vida pessoal, na ausência de quadros estáveis e eternos, cada um de nós está encurralado na criação, quanto mais não seja a da sua própria existência: tem de inventar um estilo de vida” (Jerôme Bindé, *Para onde vão os valores?*, Instituto Piaget, Lisboa, 2006). O Cristiano Ronaldo custou ao Real Madrid 96 milhões de euros: foi, em todo o mundo, a “notícia do dia”, em 10 de Junho de 2009! E com a aplauso acéfalo de muito marginalizado. Ocorreu-me, de Karl Marx, “a ideologia

dominante é a ideologia da classe dominante”. Lembro, neste passo, o Leonardo Nascimento de Araújo, “garoto-prodígio” do Flamengo, tetracampeão mundial, actual treinador do Milão, que afirmou à revista *Veja*, de 1 de Julho de 2009: “Os jogadores passaram a ser vistos, como as estrelas da música ou do cinema. O problema é que esporte é rendimento. Se você perder o foco, no dia seguinte, já não será o mesmo. Veja o caso do Adriano”. Diz-se, por aí, que Deus morreu. Só que o Homem morreu também. Todos somos mortais, principalmente num mundo, como o nosso, em que, embora o delírio verbal da Informação, tudo passa depressa.

6. Dois dirigentes do futebol a distinguir, figuras inapagáveis na história do futebol: Santiago Bernabéu, presidente do Real Madrid, de 1954 a 1978, tendo o seu Clube conquistado, sob a sua presidência, 16 títulos nacionais, seis Taças de Espanha e seis Taças dos Clubes Campeões Europeus; Jorge Nuno Pinto da Costa, presidente do F. C. Porto desde 1982, tendo levado o seu Clube dezassete vezes a campeão nacional e duas vezes a campeão europeu e mundial de Clubes. A direcção e gestão de um clube de futebol não está tanto nos livros, na teoria. Está inscrita, de facto, na vida dessas instituições, como realidades sociais que são. “Quando se está no domínio da gestão do desporto, o primeiro conceito a ser considerado deve ser o de situação desportiva (...), que permite conhecer, analisar e compreender o estado de um dado contexto desportivo, num dado momento, através dos seus elementos desportivos, para-desportivos e extra-desportivos” (Gustavo Pires, *Agôn – Gestão do Desporto – O jogo de Zeus*, Porto Editora, 2007, p. 157).

6.1. Voltemos à Vontade de Poder, de Nietzsche: “A fé nas categorias da razão é a causa do niilismo. O que temos feito é medir o valor do mundo, de acordo com categorias que se referem a um mundo puramente fictício” (p. 13). A frase aplica-se perfeitamente ao treino tradicional, onde o físico surge de costas

esse dominante". Lembro, neste de Araújo, "garoto-prodígio" do lial, actual treinador do Milão, de Julho de 2009: "Os jogadores strelas da música ou do cinema. dimento. Se você perder o foco, mesmo. Veja o caso do Adriano". t. Só que o Homem morreu tam-ncipalmente num mundo, como írio verbal da Informação, tudo

ol a distinguir, figuras inapagá-ntiago Bernabéu, presidente do tendo o seu Clube conquistado, is nacionais, seis Taças de Espas-ampeões Europeus; Jorge Nuno F. C. Porto desde 1982, tendo ezes a campeão nacional e duas undial de Clubes. A direcção e não está tanto nos livros, na te-vida dessas instituições, como ando se está no domínio da ges-iceito a ser considerado deve ser ue permite conhecer, analisar e lado contexto desportivo, num us elementos desportivos, para-' (Gustavo Pires, *Agôn – Gestão* Porto Editora, 2007, p. 157).

o Poder, de Nietzsche: "A fé nas o niilismo. O que temos feito é rdo com categorias que se refe-ctício" (p. 13). A frase aplica-se nal, onde o físico surge de costas

voltadas à complexidade e onde se julga conhecer os jogadores, sem conhecer a equipa na sua globalidade, ou conhecer a equi-pa, sem conhecer os jogadores. Na preparação para o Mundial do Chile (conta Pelé) o preparador físico da selecção "canari-nha", Paulo Amaral, "estava sempre a dizer: Toda a gente tem de participar, na preparação física. Se alguém da equipa técnica ten-tasse interferir no seu programa, Paulo limitava-se a dizer: Sei o que estou a fazer. Não quero que ninguém se meta no meu trabalho – é por isso que também não interfiro no trabalho de quem quer que seja. O relacionamento de Paulo com os jogadores tornou-se muito complicado; numa ocasião, Nilton Santos recusou-se a saltar uma barreira e, quando foi repreendido, respondeu: Não vim ao Chile para um campeonato de atletismo" (Pelé, *A minha vida*, Editorial Bizâncio, Lisboa, 2006, pp. 116/117). Neste pas-so, recorde Edgar Morin: "Conhecer é simultaneamente separar e ligar, é análise e síntese (...) Devemos pensar a interdependên-cia em todos os domínios, incluindo a relação complexa entre as partes e o todo" (in Edgar Morin e Jean-Louis Le Moigne, *Inteligência da Complexidade. Epistemologia e Pragmática*, Insti-tuto Piaget, Lisboa, 2009, p. 57). No treino tradicional, não há sujeitos-que-reflectem, mas tão-só um sujeito-que-reflecte, o treinador. Há, aqui, uma dissolução do sujeito, pela ausência de pensamento crítico. E a indispensável disciplina? A discipli-na, no futebol, é a última palavra, pronunciada pela diferença de cada um dos jogadores. Nele, importa considerar que a tática se completa no valor individual dos praticantes.

7. No que ao sucesso desportivo diz respeito, "existe um fenómeno associado à performance do grupo que tem sido estu-dado, na área das identidades sociais, ao qual se chama o efeito de Basking in reflected glory (...). Este efeito baseia-se na tendên-cia comum das pessoas em exhibir as suas ligações com pessoas que são bem sucedidas (...). Este fenómeno é particularmente evidente entre o sucesso das equipas desportivas e a glória dos adeptos" (Cristina Sousa, in Cristina Sousa e Jorge C. Jesuino, *coords., Identidade e Emoções em Eventos Desportivos – o caso*

Euro 2004, Instituto Piaget, 2008, p. 63). No insucesso desportivo das equipas, verifica-se o fenómeno inverso: as pessoas tendem a esconder a simpatia pelo clube pouco vencedor. “Alguns estudos (...) têm demonstrado que os adeptos do futebol têm um comportamento mais pró-social, depois dos jogos, fazendo mais doações, para obras de caridade, quando a sua equipa ganha” (idem, ibidem, p. 66).

7.1. Durante os momentos de sucesso desportivo, o insucesso nunca abandona o horizonte da vida de um futebolista. O sucesso é imanente ao real que é processo, historicidade objectiva e portanto incorpora uma pluralidade de formas e momentos, os mais contraditórios. No Mundial de 2006, o guarda-redes da selecção portuguesa, Ricardo, foi considerado, com irreprimível alegria, “Herói Nacional” (A Bola, de 3 de Julho de 2006) pela exibição inesquecível, realizada no jogo de passagem às meias-finais, com a Inglaterra. Hoje, há quem levante interrogações ao seu valor, como futebolista. A vida é uma unidade dialéctica, onde cabem os momentos mais díspares, em relação decisiva com o processo que é a história de cada um de nós. Por isso, em todos os momentos desta dialéctica imparável, importa que nos saibamos colocar numa perspectiva de humildade e de consciência dos limites. Na linha dos sucessos, será de lembrar, neste momento, que o brasileiro Luiz Nazário de Lima Ronaldo, por antonomásia o “fenómeno”, e o francês Zinedine Zidane foram, até hoje, os únicos jogadores que conquistaram, por três vezes, o prémio de “melhor jogador do ano”, atribuído pela FIFA (Fédération Internationale de Football Association): aquele, em 1996, 1997 e 2002; este, em 1998, 2000 e 2003.

8. Por que não a presença do filósofo, no departamento de futebol? Lou Marinoff (cfr. o seu livro *Pergunte a Platão*, Editora Record, Rio de Janeiro/S. Paulo, 2003) assevera que os marcos mais luminosos da História da Filosofia têm uma sabedoria que permite confrontarmo-nos com as grandes questões da vida.

008, p. 63). No insucesso desportivo, o fenómeno inverso: as pessoas tendo o clube pouco vencedor. "Alguns jogadores que os adeptos do futebol têm uma vida social, depois dos jogos, fazendo a sua vida, quando a sua equipa ga-

de sucesso desportivo, o insucesso da vida de um futebolista. O sucesso, historicidade objectiva, a realidade de formas e momentos, mundial de 2006, o guarda-redes da bola foi considerado, com irreprimível bola, de 3 de Julho de 2006) pela a no jogo de passagem às meias, há quem levante interrogações. A vida é uma unidade dialéctica, dois díspares, em relação decisiva de cada um de nós. Por isso, em prática imparável, importa que nos efectiva de humildade e de consciência sucessos, será de lembrar, neste z Nazário de Lima Ronaldo, por o francês Zinedine Zidane foram, te conquistaram, por três vezes, o ano", atribuído pela FIFA (Fédération Association): aquele, em 1996, 2000 e 2003.

do filósofo, no departamento de filosofia, no livro Pergunte a Platão, Editora Alameda, 2003) assevera que os marcos da Filosofia têm uma sabedoria com as grandes questões da vida.

Quem representa o departamento de futebol e é o seu primeiro responsável – não restam dúvidas: é o treinador principal! O filósofo, como seu adjunto (ao lado dos demais adjuntos) no departamento de futebol, situar-se-ia numa zona de intersecção dos vários saberes, dialogando com todos eles e tentando pôr em evidência, identificar e reelaborar os valores e os critérios que, sob a orientação do treinador principal, devem integrar a estrutura mental de todos os jogadores e da equipa técnica. Um ponto a salientar: o filósofo, a trabalhar num departamento de futebol, deverá apresentar uma cultura desta modalidade desportiva, que lhe permita a inter e a transdisciplinaridade. Um filósofo, no futebol, com uma filosofia intemporal e a-histórica, alimenta-se de subprodutos fora de circulação no mercado das ideias, sobrevive na esclerose e não poderá compreender a prática desportiva, que normalmente reproduz e multiplica o tempo em que vivemos. Transformar, em problemas filosóficos, a informação que lhe chega (incluindo a do ciberespaço) há-de contribuir ao surgimento de uma equipa com alma, com fé, com valores e com espírito problematizante. O filósofo, no futebol, não ensina filosofia, procura antes transmitir a paixão de filosofar...

9. Uma nótula de carácter pessoal: quando nas minhas aulas, há mais de trinta anos, no Instituto Superior de Educação Física da Universidade Técnica de Lisboa, tentava abordar o desporto, servindo-me dos conceitos de ciência (distinguindo já as ciências humanas das demais), totalidade, contradição e dialéctica (ressoando a escola hegel-marxista) e, poucos anos depois, de complexidade (Bachelard e Edgar Morin), paradigma (Thomas Kuhn), o "tudo vale" (Feyerabend) e filosofia de jogo (dado que uma ideia primeira deveria informar qualquer jogo), eu dizia aos meus generosos alunos que era contra todos os dualismos, apontando tanto os que se verificavam, na sociedade, como os que emergiam, no meu modesto entender, da educação física e do treino desportivo. Pensava eu que podia assim concorrer, na pequena medida das minhas posses, ao surgimento de uma sociedade onde a democracia fosse uma forma de governo e um

estilo de vida e de um desporto onde o pensamento crítico e criativo nele brilhasse sem sofismas. Confesso-me: não o consegui! Mas revejo-me no José Mourinho (poucas naturezas conhecidas tão ricamente dotadas, para treinador de futebol, como ele), no José Peseiro, no Carlos Azenha, no Mariano Barreto, no Rui Dias e tantíssimos mais. Porque fizeram, depois, o que o meu platonismo não me deixaria fazer...

9.1. Porque vejo futebol, desde que me conheço (emergindo do nevoeiro dos anos, recordo a final da Taça de Portugal, nas Salésias, em 1939); porque, de há setenta anos até hoje, dialoguei e fiz amizade com muitos “homens do futebol”, alguns deles medularmente bons – não sei se não há treinadores, hoje, que não digam o mesmo que o Amaro (internacional indiscutível, na década de 40 e líder do Belenenses do seu tempo) me dizia, há trinta anos atrás: “Quando observo um jogador, vejo, em primeiro lugar, se ele é bom tecnicamente e só depois se é inteligente do ponto de vista táctico. Sem técnica apurada, não há táctica eficiente”. Eu levantava muitas dúvidas ao predomínio da técnica sobre a táctica. Para que serve a técnica, sem a táctica? Mas... a táctica resulta, sem a técnica? No meu modesto entender, o método da complexidade diz-nos que, no desporto de alta competição, tudo deverá submeter-se à filosofia de jogo. Com excepções logicamente. Conheci jogadores que, mesmo sem escutarem as ideias do treinador, mesmo sem deixarem fundir-se no gregarismo da equipa – marcavam golos, inevitavelmente. Em Portugal, o Matateu e o Vítor Batista; no estrangeiro, o Romário e o Maradona. Os genes presentearam-nos e, por isso, subordinavam-se a tácticas com o mesmo prazer com que se cumprem trabalhos forçados. Mas eram de uma irreverência e de uma eficiência incomuns. Contou-me o professor João Mota (hoje, em Amarante, já afastado do futebol) que, era José Maria Pedroto o treinador do Vitória de Setúbal e Vítor Batista jogador dos “sadinhos”, e aproximava-se a hora do jogo. Pedroto deu os últimos conselhos a todos, mas pareceu esquecer o Vítor Batista. E ele, génio assomadoço, acudiu: “E que faço eu mister?”. E Pedroto:

onde o pensamento crítico e
ias. Confesso-me: não o conse-
inho (poucas naturezas conhe-
cinador de futebol, como ele),
a, no Mariano Barreto, no Rui
fizeram, depois, o que o meu
...

de que me conheço (emergin-
o a final da Taça de Portugal,
e há setenta anos até hoje, dia-
: "homens do futebol", alguns
sei se não há treinadores, hoje,
Amaro (internacional indiscu-
Belenenses do seu tempo) me
ndo observo um jogador, vejo,
cnicamente e só depois se é in-
o. Sem técnica apurada, não há
nuitas dúvidas ao predomínio
te serve a técnica, sem a tática?
cnica? No meu modesto enten-
z-nos que, no desporto de alta
r-se à filosofia de jogo. Com ex-
gadores que, mesmo sem escu-
mo sem deixarem fundir-se no
um golos, inevitavelmente. Em
ista; no estrangeiro, o Romário
aram-nos e, por isso, subordi-
o prazer com que se cumprem
uma irreverência e de uma efi-
professor João Mota (hoje, em
que, era José Maria Pedroto o
Vitor Batista jogador dos "sa-
o jogo. Pedroto deu os últimos
esquecer o Vitor Batista. E ele,
ie faço eu mister?". E Pedroto:

"Fazes golos!". Mais palavras para quê? O jogador só faria o que
a sua autonomia inata lhe ditava. Será assim também o Leonel
Messi? Inclino-me a supor que sim. Li (já não sei onde) que
perguntaram ao incomparável Charlot: "Sr. Chaplin, por que
é que o senhor representa tão bem?". E ele, decidido: "Porque,
felizmente, ninguém me ensinou".

10. Os jogadores lutam pela vitória das suas cores; o árbi-
tro de radical honradez luta sempre pela verdade desportiva. Por
isso, nos campos de futebol, o árbitro muitas vezes parece um
Robinson Crusoe. Quantos são, além dele, os que lutam pela
verdade desportiva?... Uma sugestão igual à que já venho fazen-
do, de há trinta anos a esta parte, aos jogadores e aos treinadores
(sempre com o temor e o tremor de quem nunca fez desporto
profissional, como é o meu caso): por que não se treinam os
árbitros, utilizando o método da complexidade, isto é, criando
exercícios onde o trabalho do árbitro esteja presente, acima de
tudo? Os planos físico, emocional, mental e técnico devem con-
fundir-se, na organização do treino do árbitro, ou melhor: na
operacionalização dos seus objectivos últimos.

10.1. A tecnologia, por si só, não é sinónimo de "verdade
desportiva". Não é por falta de tecnologia que o "doping" ain-
da não foi erradicado da prática desportiva. A tecnologia é ins-
trumental e formula as verdades de quem a comanda. Mas não
sou contra a tecnologia que procura a verdade desportiva. Sou
a favor... criticamente! No século XXI, para uma arqueologia
do saber, a tecnologia é uma das principais condições de possi-
bilidade do dizível. O Foucault de *Les Mots et Les Choses* pode
recordar-se: o conceito de conhecimento varia em conformida-
de com o período histórico a que diz respeito. Ora, o período
histórico que vivemos tem, no progresso tecnológico, uma das
suas principais características.

10.2. “As tecnologias desempenham um papel importante no estabelecimento das performances e no domínio especializado do desporto. Os skis, o calçado, as roupas especiais, no atletismo e na natação, fazem com que se ganhem fracções de segundo” (Marc Augé, *Para que vivemos?*, Grua Editora, Lisboa, 2006, p. 57). A tecnologia é necessária. Mas, como Gadamer o refere, na *Verdad y Método*, “o ser que pode ser compreendido é linguagem” (Sígueme, Salamanca, 1977, p. 567). E bem é que a tecnologia, ao serviço do desporto, fale a linguagem da Verdade e da Justiça. O essencial não é a tecnologia, mas o que fazemos dela.

11. O sentimento trágico da vida, que Unamuno exprimiu como ninguém, é próprio do ser humano que se sente morrer a cada instante. Mas... sentem-se morrer a cada instante o atleta, ou o futebolista, na prática do desporto? Faz sentido “a morte súbita em desporto”? A motricidade humana é movimento com intencionalidade, a qual, segundo Emmanuel Lévinas, “é essencialmente o acto de emprestar um sentido” (*En découvrant l'existence, avec Husserl et Heidegger*, Vrin, Paris, 1949, p. 27). Teilhard de Chardin esclarece que “a acção humana vale e só vale pela intenção com que é feita” (*O Meio Divino*, Editorial Presença, Lisboa, s/d., p. 51). Ora, a morte rouba o sentido à motricidade humana. O que fazer? Mais investigação científica e menos competição? Mas não é o desporto um espaço de ensino/treino da competição? A acção é sempre uma síntese de mil opções possíveis. E, no fim último da acção, bem pode inscrever-se a ideia de que é urgente romper com a lógica interna do actual modelo de crescimento, onde a competição exige sacrifícios humanos. Desde 1999 até hoje, sucumbiram, de morte súbita, vinte futebolistas federados. Por causas unicamente genéticas?...

penham um papel importante
ces e no domínio especializado
roupas especiais, no atletismo
ganhem fracções de segundo”
rua Editora, Lisboa, 2006, p.
as, como Gadamer o refere, na
le ser compreendido é lingua-
, p. 567). E bem é que a tecno-
e a linguagem da Verdade e da
logia, mas o que fazemos dela.

vida, que Unamuno exprimiu
humano que se sente morrer a
torrer a cada instante o atleta,
lesporto? Faz sentido “a mor-
cidade humana é movimento
segundo Emmanuel Lévinas,
tar um sentido” (En découvrant
ger, Vrin, Paris, 1949, p. 27).
te “a acção humana vale e só
ta” (O Meio Divino, Editorial
ra, a morte rouba o sentido à
? Mais investigação científica e
lesporto um espaço de ensino/
npree uma síntese de mil opções
cção, bem pode inscrever-se
om a lógica interna do actual
competição exige sacrifícios
ucumbiram, de morte súbita,
ausas unicamente genéticas?...

12. Continua viva a luta entre os práticos e os teóricos. Adorno, na *Negative Dialektik*, sustenta que “a prática é um conceito eminentemente teórico” (p. 147). Em qualquer práxis, não há práticas, nem teorias, puras. Por isso, no futebol, não há prática, sem elementos teóricos; nem teoria sem ininterrupta dialéctica com a prática. O futebol há-de ser um sistema aberto que aprende!

12.1. Importa não esquecer-se nunca que é em equipa que os êxitos se alcançam. E tanto assim é que, na fragmentação e separação dos elementos de um todo, as propriedades que os distinguem desaparecem. Demais, há no sistema muito mais informação do que num elemento isolado. No Real Madrid actual, aplaudem-se mais os jogadores do que a equipa. Parece-me um erro. O jogador compreende-se, acima do mais, como o elemento de um todo. O sociólogo José Machado Pais, no seu livro *Sociologia da Vida Quotidiana* (Imprensa de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, 2002, p. 129) escreve: “Um texto é constituído por frases. As frases, por sua vez, compõem-se de palavras, isto é, peças de que está armada a máquina da frase. Isoladas não funcionam”. E mais adiante o mesmo autor, figura cimeira da sociologia em língua portuguesa, remata: “A palavra é sempre equívoca e para precisar o seu sentido faz falta compreendê-la a partir de determinados contextos” (p. 130). O mesmo acontece no futebol: as acções não podem entender-se senão a partir do(s) todo(s) que as contextualizam.

III - A Educação Física e o Racionalismo

O termo Educação Física aparece, no século XVIII, garbosamente defendido pelo médico suíço Ballesxerd, de acordo com o Michel Foucault da Microfísica do Poder. Segundo o Jacques Ulmann (de la Gymnastique aux Sports Modernes) é em John Locke, um racionalista-empirista, que o termo aparece, pela primeira vez, precisamente no seu livro Alguns pensamentos sobre a educação. Num ponto havemos de convir: A Educação Física é um produto do racionalismo cartesiano e destinava-se ao que, no ser humano, é puramente material e mecânico e portanto só analisável, matemática e experimentalmente. Desde Platão até ao século XVII só a palavra ginástica aparece, nos filósofos de renome. Educado na escola da Antiguidade, a Renascença procura reviver a ginástica de que falam os gregos, como o Platão da República.

Todavia, a Razão não se basta a si própria; precisa da complexidade humana para poder viver. E é por ser visível esta complexidade que o racionalismo e a educação física (refiro-me a ambos, ao jeito de Descartes), ambos portanto mecanicistas e dualistas, atravessam uma crise profunda. E é ainda por ser visível esta complexidade que já há quem pretenda passar do corpo-objecto ao corpo-sujeito, ou seja, da Educação Física (entendida como macro-conceito) à Ciência da Motricidade Humana (CMH). No caso específico da motricidade humana, ou "intencionalidade operante", ou "intencionalidade em acto", à luz da fenomenologia, visando a transcendência (ou superação). No desporto, manifesta-se a "intencionalidade operante" de quem procura transcender e transcender-se, dentro de uma complexidade onde também o social e o político se encontram presentes: é portanto um sub-sistema do sistema motricidade

humana. No entanto, “um atleta não deve copiar servilmente outro, mas mirar-se no exemplo de um grande campeão é até uma forma de aprendizado – e muito positiva. Se vejo alguém que tem técnica apurada, boa preparação física e postura emocional equilibrada, posso estar diante de um modelo, uma escola. Ótimo que se aprenda daí. Mas não há lugar, na formação do atleta, para a imitação mecânica” (Bernardinho, cartas a um jovem atleta, Elsevier, Rio de Janeiro, p. 67).

Relembro o Eduardo Prado Coelho, que foi meu contemporâneo na Faculdade de Letras de Lisboa (ele, em Filologia Românica; eu, em Filosofia). Nasceu, em 29 de Março de 1944 (recordo que mo disse, no Hotel Altis, em Lisboa, pouco tempo antes do seu passamento, em 25 de Agosto de 2007). Foi o mais mediático dos intelectuais portugueses. Um dia, que não sei datar, esclareceu-me: “Gosto muito de ver um bom jogo de futebol, mas o jogo de que mais gosto é o jogo retórico da polémica”. O meu colega de curso e querido amigo, José Medeiros Ferreira, também intelectual brilhante, criou uma paráfrase de um dito genial de Jorge Luís Borges: “Escrevo, com a seriedade com que brinca uma criança”. E o Medeiros Ferreira: “Sou benfiquista, com a seriedade com que brinca uma criança”. A razão crítica de Eduardo Prado Coelho e de José Medeiros Ferreira não se identificam com a repetição cansativa do Mesmo, em que o racionalismo descambou, ressoando o paradigma metafísico platónico. O jogo, o humor, a festa humanizam a seriedade, altamente competitiva, de um futebol disjuntivo, analítico, que não sabe rir.

“Parece indiscutível que a passagem do jogo ao desporto, propriamente dito, se tenha efectuado nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa, nas public schools inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia, retomaram um certo número de jogos populares, quer dizer vulgares, fazendo-os sofrer uma transformação de função e de sentido, inteiramente semelhante à que o campo da música erudita fez sofrer às danças populares, bourrées, sarabandas ou gavotas, fazendo-as entrar em formas eruditas, como a suite” (Pierre Bourdieu, *Questões de Sociologia, Fim de Século*, Lisboa,

humana. No entanto, “um atleta não deve copiar servilmente outro, mas mirar-se no exemplo de um grande campeão é até uma forma de aprendizado – e muito positiva. Se vejo alguém que tem técnica apurada, boa preparação física e postura emocional equilibrada, posso estar diante de um modelo, uma escola. Ótimo que se aprenda daí. Mas não há lugar, na formação do atleta, para a imitação mecânica” (Bernardinho, cartas a um jovem atleta, Elsevier, Rio de Janeiro, p. 67).

Relembro o Eduardo Prado Coelho, que foi meu contemporâneo na Faculdade de Letras de Lisboa (ele, em Filologia Românica; eu, em Filosofia). Nasceu, em 29 de Março de 1944 (recordo que mo disse, no Hotel Altis, em Lisboa, pouco tempo antes do seu passamento, em 25 de Agosto de 2007). Foi o mais mediático dos intelectuais portugueses. Um dia, que não sei datar, esclareceu-me: “Gosto muito de ver um bom jogo de futebol, mas o jogo de que mais gosto é o jogo retórico da polémica”. O meu colega de curso e querido amigo, José Medeiros Ferreira, também intelectual brilhante, criou uma paráfrase de um dito genial de Jorge Luís Borges: “Escrevo, com a seriedade com que brinca uma criança”. E o Medeiros Ferreira: “Sou benfiquista, com a seriedade com que brinca uma criança”. A razão crítica de Eduardo Prado Coelho e de José Medeiros Ferreira não se identificam com a repetição cansativa do Mesmo, em que o racionalismo descambou, ressoando o paradigma metafísico platónico. O jogo, o humor, a festa humanizam a seriedade, altamente competitiva, de um futebol disjuntivo, analítico, que não sabe rir.

“Parece indiscutível que a passagem do jogo ao desporto, propriamente dito, se tenha efectuado nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa, nas public schools inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia, retomaram um certo número de jogos populares, quer dizer vulgares, fazendo-os sofrer uma transformação de função e de sentido, inteiramente semelhante à que o campo da música erudita fez sofrer às danças populares, bourrées, sarabandas ou gavotas, fazendo-as entrar em formas eruditas, como a suite” (Pierre Bourdieu, *Questões de Sociologia, Fim de Século*, Lisboa,

2003, p. 185). Vinham ainda longe, tanto a segunda revolução da Física (com a teoria da relatividade e a mecânica quântica), como a terceira (com o estudo sistemático dos sistemas complexos). Predominava ainda uma visão mecanicista da realidade, o monótono e previsível relógio cartesiano e, na ordem analítica da filosofia do mesmo Descartes, o eu era definido unicamente como coisa ou substância pensante. Na ordem sintética do filosofar cartesiano, “o eu encontra-se associado a um corpo sem que, no entanto, este contribua para a definição do próprio eu, já completa enquanto substância pensante” (Maria do Céu Patrão Neves, “O Homem Verdadeiro, segundo Descartes”, in AA.VV., *Descartes – reflexão sobre a modernidade*, Fundação Engº. António de Almeida, Porto, 1996, p. 351). Assim, os alunos das public schools estudavam o corpo humano como uma máquina, composta de diversas peças, ou órgãos, que desempenham diversas funções. Thomas Arnold (1795-1842), director do Colégio de Rugby, soube fazer do desporto um meio insubstituível de educação, mormente através do fair play.

Se bem me lembro, nos finais da década de 60, o dr. Armando Rocha, meu bom amigo e director-geral dos Desportos de raro talento, convidou o Mário Wilson, treinador de futebol e discípulo dilecto de Cândido de Oliveira, o dr. José Paúl, director da Escola de Educação Física de Lisboa e a mim próprio, para realizarmos colóquios nalgumas cidades do nosso País, onde havia gente, dizia ele, “capaz de pensar o fenómeno desportivo”. Começámos por Águeda, a cidade natal de Armando Rocha. Mas, com Mário Wilson e José Paúl, em viagens longas e em terras então apovadas de espectáculos, pude ouvir falar de futebol e do treino físico que o suporta, em linguagem viva e plural, atendendo à prática dos meus companheiros de jornada. Depois do WM (que, nesse tempo, já levava muitos anos de vida) e do 4-2-4, preocupações eminentemente tácticas, era o tempo de afirmar-se que uma táctica, sem o preparo físico adequado, de pouco vale. Falei no assunto ao Acácio Rosa e o Belenenses começou a integrar o preparador físico, nos seus quadros técnicos. A Mathesis, estritamente mecanicista e matemática, informava então a educação física e a preparação física. Há muito, os “mes-

humana. No entanto, “um atleta não deve copiar servilmente outro, mas mirar-se no exemplo de um grande campeão é até uma forma de aprendizado – e muito positiva. Se vejo alguém que tem técnica apurada, boa preparação física e postura emocional equilibrada, posso estar diante de um modelo, uma escola. Ótimo que se aprenda daí. Mas não há lugar, na formação do atleta, para a imitação mecânica” (Bernardinho, cartas a um jovem atleta, Elsevier, Rio de Janeiro, p. 67).

Relembro o Eduardo Prado Coelho, que foi meu contemporâneo na Faculdade de Letras de Lisboa (ele, em Filologia Românica; eu, em Filosofia). Nasceu, em 29 de Março de 1944 (recordo que mo disse, no Hotel Altis, em Lisboa, pouco tempo antes do seu passamento, em 25 de Agosto de 2007). Foi o mais mediático dos intelectuais portugueses. Um dia, que não sei datar, esclareceu-me: “Gosto muito de ver um bom jogo de futebol, mas o jogo de que mais gosto é o jogo retórico da polémica”. O meu colega de curso e querido amigo, José Medeiros Ferreira, também intelectual brilhante, criou uma paráfrase de um dito genial de Jorge Luís Borges: “Escrevo, com a seriedade com que brinca uma criança”. E o Medeiros Ferreira: “Sou benfiquista, com a seriedade com que brinca uma criança”. A razão crítica de Eduardo Prado Coelho e de José Medeiros Ferreira não se identificam com a repetição cansativa do Mesmo, em que o racionalismo descambou, ressoando o paradigma metafísico platónico. O jogo, o humor, a festa humanizam a seriedade, altamente competitiva, de um futebol disjuntivo, analítico, que não sabe rir.

“Parece indiscutível que a passagem do jogo ao desporto, propriamente dito, se tenha efectuado nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa, nas public schools inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia, retomaram um certo número de jogos populares, quer dizer vulgares, fazendo-os sofrer uma transformação de função e de sentido, inteiramente semelhante à que o campo da música erudita fez sofrer às danças populares, bourrées, sarabandas ou gavotas, fazendo-as entrar em formas eruditas, como a suite” (Pierre Bourdieu, *Questões de Sociologia*, Fim de Século, Lisboa,

humana. No entanto, “um atleta não deve copiar servilmente outro, mas mirar-se no exemplo de um grande campeão é até uma forma de aprendizado – e muito positiva. Se vejo alguém que tem técnica apurada, boa preparação física e postura emocional equilibrada, posso estar diante de um modelo, uma escola. Ótimo que se aprenda daí. Mas não há lugar, na formação do atleta, para a imitação mecânica” (Bernardinho, cartas a um jovem atleta, Elsevier, Rio de Janeiro, p. 67).

Relembro o Eduardo Prado Coelho, que foi meu contemporâneo na Faculdade de Letras de Lisboa (ele, em Filologia Românica; eu, em Filosofia). Nasceu, em 29 de Março de 1944 (recordo que mo disse, no Hotel Altis, em Lisboa, pouco tempo antes do seu passamento, em 25 de Agosto de 2007). Foi o mais mediático dos intelectuais portugueses. Um dia, que não sei datar, esclareceu-me: “Gosto muito de ver um bom jogo de futebol, mas o jogo de que mais gosto é o jogo retórico da polémica”. O meu colega de curso e querido amigo, José Medeiros Ferreira, também intelectual brilhante, criou uma paráfrase de um dito genial de Jorge Luís Borges: “Escrevo, com a seriedade com que brinca uma criança”. E o Medeiros Ferreira: “Sou benfiquista, com a seriedade com que brinca uma criança”. A razão crítica de Eduardo Prado Coelho e de José Medeiros Ferreira não se identificam com a repetição cansativa do Mesmo, em que o racionalismo descambou, ressoando o paradigma metafísico platónico. O jogo, o humor, a festa humanizam a seriedade, altamente competitiva, de um futebol disjuntivo, analítico, que não sabe rir.

“Parece indiscutível que a passagem do jogo ao desporto, propriamente dito, se tenha efectuado nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa, nas public schools inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia, retomaram um certo número de jogos populares, quer dizer vulgares, fazendo-os sofrer uma transformação de função e de sentido, inteiramente semelhante à que o campo da música erudita fez sofrer às danças populares, bourrées, sarabandas ou gavotas, fazendo-as entrar em formas eruditas, como a suite” (Pierre Bourdieu, Questões de Sociologia, Fim de Século, Lisboa,

2003, p. 185). Vinham ainda longe, tanto a segunda revolução da Física (com a teoria da relatividade e a mecânica quântica), como a terceira (com o estudo sistemático dos sistemas complexos). Predominava ainda uma visão mecanicista da realidade, o monótono e previsível relógio cartesiano e, na ordem analítica da filosofia do mesmo Descartes, o eu era definido unicamente como coisa ou substância pensante. Na ordem sintética do filosofar cartesiano, “o eu encontra-se associado a um corpo sem que, no entanto, este contribua para a definição do próprio eu, já completa enquanto substância pensante” (Maria do Céu Patrão Neves, “O Homem Verdadeiro, segundo Descartes”, in AA.VV., Descartes – reflexão sobre a modernidade, Fundação Eng.º António de Almeida, Porto, 1996, p. 351). Assim, os alunos das public schools estudavam o corpo humano como uma máquina, composta de diversas peças, ou órgãos, que desempenham diversas funções. Thomas Arnold (1795-1842), director do Colégio de Rugby, soube fazer do desporto um meio insubstituível de educação, mormente através do fair play.

Se bem me lembro, nos finais da década de 60, o dr. Armando Rocha, meu bom amigo e director-geral dos Desportos de raro talento, convidou o Mário Wilson, treinador de futebol e discípulo dilecto de Cândido de Oliveira, o dr. José Paúl, director da Escola de Educação Física de Lisboa e a mim próprio, para realizarmos colóquios nalgumas cidades do nosso País, onde havia gente, dizia ele, “capaz de pensar o fenómeno desportivo”. Começámos por Águeda, a cidade natal de Armando Rocha. Mas, com Mário Wilson e José Paúl, em viagens longas e em terras então apovadas de espectáculos, pude ouvir falar de futebol e do treino físico que o suporta, em linguagem viva e plural, atendendo à prática dos meus companheiros de jornada. Depois do WM (que, nesse tempo, já levava muitos anos de vida) e do 4-2-4, preocupações eminentemente tácticas, era o tempo de afirmar-se que uma táctica, sem o preparo físico adequado, de pouco vale. Falei no assunto ao Acácio Rosa e o Belenenses começou a integrar o preparador físico, nos seus quadros técnicos. A Mathesis, estritamente mecanicista e matemática, informava então a educação física e a preparação física. Há muito, os “mes-

não deve copiar servilmente de um grande campeão é até muito positiva. Se vejo alguém paração física e postura emonte de um modelo, uma escola não há lugar, na formação ca” (Bernardinho, cartas a um ro, p. 67).

oelho, que foi meu contem-de Lisboa (ele, em Filologia eu, em 29 de Março de 1944 Altis, em Lisboa, pouco tem-25 de Agosto de 2007). Foi o ortugueses. Um dia, que não uito de ver um bom jogo de isto é o jogo retórico da polé-querido amigo, José Medeiros ante, criou uma paráfrase de es: “Escrevo, com a seriedade Medeiros Ferreira: “Sou ben-brinca uma criança”. A razão e de José Medeiros Ferreira cansativa do Mesmo, em que undo o paradigma metafísico a humanizam a seriedade, al-col disjuntivo, analítico, que

sagem do jogo ao desporto, uado nas grandes escolas re-rguesas, nas public schools in-da aristocracia ou da grande imero de jogos populares, quer ma transformação de função nte à que o campo da música ares, bourrées, sarabandas ou mas eruditas, como a suite” ologia, Fim de Século, Lisboa,

2003, p. 185). Vinham ainda longe, tanto a segunda revolução da Física (com a teoria da relatividade e a mecânica quântica), como a terceira (com o estudo sistemático dos sistemas complexos). Predominava ainda uma visão mecanicista da realidade, o monótono e previsível relógio cartesiano e, na ordem analítica da filosofia do mesmo Descartes, o eu era definido unicamente como coisa ou substância pensante. Na ordem sintética do filosofar cartesiano, “o eu encontra-se associado a um corpo sem que, no entanto, este contribua para a definição do próprio eu, já completa enquanto substância pensante” (Maria do Céu Patrão Neves, “O Homem Verdadeiro, segundo Descartes”, in AA.VV., Descartes – reflexão sobre a modernidade,, Fundação Eng.º António de Almeida, Porto, 1996, p. 351). Assim, os alunos das public schools estudavam o corpo humano como uma máquina, composta de diversas peças, ou órgãos, que desempenham diversas funções. Thomas Arnold (1795-1842), director do Colégio de Rugby, soube fazer do desporto um meio insubstituível de educação, mormente através do fair play.

Se bem me lembro, nos finais da década de 60, o dr. Armando Rocha, meu bom amigo e director-geral dos Desportos de raro talento, convidou o Mário Wilson, treinador de futebol e discípulo dilecto de Cândido de Oliveira, o dr. José Paúl, director da Escola de Educação Física de Lisboa e a mim próprio, para realizarmos colóquios nalgumas cidades do nosso País, onde havia gente, dizia ele, “capaz de pensar o fenómeno desportivo”. Começámos por Águeda, a cidade natal de Armando Rocha. Mas, com Mário Wilson e José Paúl, em viagens longas e em terras então apoucadas de espectáculos, pude ouvir falar de futebol e do treino físico que o suporta, em linguagem viva e plural, atendendo à prática dos meus companheiros de jornada. Depois do WM (que, nesse tempo, já levava muitos anos de vida) e do 4-2-4, preocupações eminentemente tácticas, era o tempo de afirmar-se que uma táctica, sem o preparo físico adequado, de pouco vale. Falei no assunto ao Acácio Rosa e o Belenenses começou a integrar o preparador físico, nos seus quadros técnicos. A Mathesis, estritamente mecanicista e matemática, informava então a educação física e a preparação física. Há muito, os “mes-

tres da suspeita" (Marx, com O Capital, 1º. Livro; Nietzsche, com O Nascimento da Tragédia e A Genealogia da Moral; e Freud, com A interpretação dos Sonhos) tinham alterado o modo de ver o "homem em movimento" e o "movimento do homem". Só que, para mim, nesta área do conhecimento, ainda um certo imobilismo me tolhia o pensamento. Entretanto, num restaurante do Largo do Rato, em Lisboa, encontrava-me habitualmente, à hora do almoço, com Almada Negreiros que escrevera, n'A Invenção do Dia Claro: "Nós somos do século de inventar as palavras que já foram inventadas".

IV -

No
dever
práxis
mana
Huma
bol).
bol po
"Filos
pelo s
2003,
home
dignic
Qu
acção.
dade,
co-glo
a um
métod
começ
lugar
dy of
Dond
na cul
e mul
são pe
na "to
dirige
D
nem s

IV - Os Objectivos Primeiros do Futebol

No futebol (o espectáculo de maior magia no mundo actual) deverão ser evidentes as relações dialéticas entre a teoria e a práxis, ou seja, não só entre a epistemologia da motricidade humana e a sua operacionalização, mas também entre os Direitos Humanos e a luta pela dignidade humana (neste caso, no futebol). Na Educação, na Saúde, no Lazer, no Espectáculo, o futebol pode ter o seu lugar, como teoria e prática de solidariedade. “Filosofia significa (...) amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber” (Marilena Chauí, *Filosofia*, editora ática, São Paulo, 2003, p. 17). Só que, na Grécia, onde a filosofia nasceu, só o homem livre criava filosofia. Ao escravo não se lhe reconhecia a dignidade do homem livre...

Quando se fala no futebol, como motricidade humana, ou acção, procura aludir-se, sem quaisquer pretensões de exaustividade, a quatro enfoques principais: a uma orientação antropológico-global, a um esforço fenomenológico-analítico de hermenêutica, a um envolvimento predominante da acção na órbita da ética e ao método da complexidade. Num registo antropológico, podemos começar por Johan Huizinga que se debruça sobre o papel e o lugar do jogo, no domínio da cultura (cfr. *Homo Ludens – a Study of the Play-element in Culture*, Beacon Press, Boston, 1955). Onde, poder surgir a interrogação: e qual o papel do futebol, na cultura actual? O futebol de alta competição, hoje, reproduz e multiplica a sociedade de mercado, designadamente na obsessão pela vitória, o que provoca um terrível desgaste emocional, na “torcida” (o “torcedor” é o 12º jogador), nos treinadores, nos dirigentes, nos jogadores, nos árbitros.

De facto, o citius, altius, fortius, na sociedade de mercado, nem sempre tem em conta quaisquer valores humanizantes. Seja

como for, o futebol é a maior manifestação da alma colectiva de um povo. E não só no Brasil! É um extraordinário promotor de microssociedades. Quando em Portugal se diz que “o Porto é uma nação”, tal se fundamenta nas vitórias, tanto a nível nacional como internacional, das equipas de futebol do Futebol Clube do Porto, O F. C. Porto e o S.L. Benfica são “os irmãos Karamazov” do futebol português. A rivalidade entre ambos é tal que são sempre, para a polícia, “jogos de risco” os encontros futebolísticos entre os dois clubes. Nelson Mandela, antigo presidente da África do Sul e prémio Nóbel da Paz em 1993 (e ainda dirigente do ANC), para o subscritor destas linhas um verdadeiro “santo laico”, serviu-se do Mundial de Râguebi de 1995 para solidificar, alicerçar a democracia multirracial, no seu País, dado que, durante o “apartheid”, o râguebi era para os brancos e o futebol para os negros. Mas são raros os dirigentes desportivos, como Nelson Mandela! Quando será o futebol (pois que tem força para tanto) um contra-poder ao poder das taras dominantes?... No quadro contemporâneo de uma combinatória de fenomenologia, de filosofia analítica e de hermenêutica, é desejável que se empreendam itinerários onde o futebol surja como actividade verdadeiramente humana, onde a sua prática acrescente ser ao ser e os seus praticantes sejam considerados como sujeitos. Louis Lavelle proclama que “a filosofia começa lá onde precisamente o ser deixa de ser confundido com o objecto” (De l'être, Aubier-Montaigne, Paris, 1947, p. 17). No âmbito predominantemente ético do futebol, importa que, no treino e na competição, se criem acções instituintes de uma vitória sobre o adversário e sobre nós mesmos. Um futebol do futuro não pode subordinar-se ao “feiticismo da mercadoria”, que tudo manipula e reifica. Demais, na busca de novos mercados, o grande capital associa os seus produtos ao futebol, para torná-los mais competitivos. E, na subordinação do facto desportivo à lógica do capital, nem sempre o desporto continua desporto!... O método da complexidade diz-nos que, em tudo o que se faz e se pensa, há relações entre as partes e o todo, como é próprio de um sistema. “Por isso, a noção de organização passa a ser capital, dado que é através da organização das partes num todo que

tação da alma colectiva extraordinário promotor. Igual se diz que "o Porto tórias, tanto a nível nacional de futebol do Futebol Benfica são "os irmãos de validade entre ambos é de risco" os encontros de Mandela, antigo presidente da Paz em 1993 (e ainda destas linhas um verdadeiro de Râguebi de 1995 multirracial, no seu País, Râguebi era para os brancos e os os dirigentes desportivos o futebol (pois que ao poder das taras do de uma combinatória a e de hermenêutica, é onde o futebol surja na, onde a sua prática tes sejam considerados ue "a filosofia começa lá fundido com o objecto" 47, p. 17). No âmbito certa que, no treino e na de uma vitória sobre o bol do futuro não pode loria", que tudo mercados, o grande bol, para torná-los mais cto desportivo à lógica inua desporto!... O método o que se faz e se do, como é próprio de ização passa a ser capias partes num todo que

aparecem as qualidades emergentes" (in Edgar Morin e Jean-Louis Le Moigne, op. cit., p. 43).

A 10 de Dezembro de 1948, a Assembleia Geral das Nações Unidas votou uma Declaração Universal dos Direitos do Homem. Neste texto admirável, estão inscritos, para quem sabe ler, os objectivos primeiros do futebol. Esta modalidade desportiva, ao nível da alta competição, é, nos dias que passam, tensa e intensa. Perdeu em beleza o que ganhou em competição e rigor, de acordo com a episteme contemporânea. Mas que o futebol seja cultura com raízes e não raízes sem cultura.

V - Para saber de futebol é preciso saber mais do que futebol

A interpretação do “ser como acto” (afinal a unidade do teórico e do prático, ao nível do conhecimento) encontramos-la, em aguarelas fortes, já em S. Tomás de Aquino, como resultado da assimilação da filosofia aristotélica. Pensar o ser significa, portanto, em finais da Idade Média, tematizar a perfeição do “ser como acto”. Poderá mesmo acrescentar-se que, sem jogo, não há ser. De qualquer forma, é depois de Descartes (1596-1650) que nasce a educação física e, como já vimos acima, com o objectivo de aprimorar as qualidades da “res extensa” (o corpo, que era matéria e nada mais do que isso). La Mettrie (1709-1751), um radical discípulo de Descartes, publica, em 1748, *O homem-máquina*, onde defende que um organismo saudável deverá assemelhar-se a uma autêntica máquina. Se tivermos em conta que o cartesianismo triunfou na educação física até meados do século XX, não deverá estranhar-se que o treino desportivo haja atribuído demasiada importância a uma preparação física mecanicista, cartesiana, independente do pensamento táctico, integrador e unificador.

Em qualquer sistema complexo, não há partes isoladas, porque, em cada uma delas, estão todas as outras, numa teia inseparável de relações: “O importante é definir, desde o primeiro dia, um modelo e uma filosofia de jogo. Depois, há que fazer tudo para que os jogadores tenham sempre, em qualquer fase, as mesmas condições atléticas para se exibirem (...). No processo de operacionalização do seu jogar, a equipa deve lograr primeiro a precisão de movimentos (entenda-se princípios) e só depois a velocidade de execução dos mesmos. A velocidade, por si só, sem

precisão, não garante a aplicação eficaz do modelo de jogo (...). A questão física, crucial para a execução, deixa de fazer sentido quando entendida como algo isolado. Ela deve estar ao serviço do modelo. Por isso, mais do que forma física, poderia talvez chamar-se forma táctico-física integrada no modelo” (Luís Freitas Lobo, *Planeta do Futebol*, pp. 161/162). As neurociências ensinam que o pensamento não funciona sem uma base física. Mas não há desporto sem objectos mentais que, por sua vez, geram qualidades físicas. “Consideremos os três grandes domínios: física, biologia, antropossociologia. Como fazê-los comunicarem-se? Sugiro a comunicação em circuito. Primeiro movimento: há que enraizar a esfera antropossociológica na esfera biológica (...). De igual modo, há que enraizar a esfera viva na physis (...). Além disso, há que operar o movimento em sentido inverso: a ciência física não é o puro reflexo do mundo físico, mas uma produção cultural, intelectual noológica” (Edgar Morin, *Ciência com Consciência*, Bertrand Brasil, 2003, p. 138). O dr. João Ganço, arguto treinador do Nélson Évora que, no triplo salto já fez a melhor marca do ano, em Belém do Pará, com 17,66 metros, sublinha que o treino do seu atleta tem mais em conta a qualidade do que a quantidade, “com uma ideia determinante: o descanso é fundamental para a regeneração” (*A Bola*, de 9 de Agosto de 2009). A qualidade é a proposta de que o desporto (e a vida) continua à espera – é a qualidade que nos distingue das demais criaturas.

Em Descartes, os caminhos do pensar, pela mediação da técnica, dependem do agir. E não sei se a dúvida cartesiana não atinge a física dos nossos dias. Não é verdade que, em toda a Idade Moderna, se esqueceu a relação dialéctica, entre a “vita contemplativa” e a “vita activa”? Mas centremo-nos em autores mais próximos de nós. Não escondo, neste passo, que os regimes políticos ditos marxistas entraram em colapso económico (como aconteceu com os neoliberais, anos depois) e o seu desporto se resumia à formação de homens-máquinas que, pelas suas performances físicas, procuravam encobrir a inexistência de liberdade e democracia. Sem democracia económica, social, cultural; sem o aprofundamento da democracia participativa – não será possível desenvolver um programa desportivo, de âmbito

verdadeira
partido ú
Desporto:
“É possível
o desenv
volvimen

No en
década d
mesmo o
Junho de
2-2). Viv
impôs, n
meses an
em Buda
7-1! A ec
e Puskas
cimento
“equipa
como se
não dev
futebol,

Por i
verá def
ber de f
repetir o
de futeb
mesma
tralmen
e Marac
entre m
landrag
modo
socieda
forma.
do fute
neles a
caboço

do modelo de jogo (...).
 o, deixa de fazer sentido
 Ela deve estar ao serviço
 na física, poderia talvez
 a no modelo” (Luís Frei-
 i2). As neurociências en-
 em uma base física. Mas
 que, por sua vez, geram
 ês grandes domínios: fí-
 o fazê-los comunicarem-
 Primeiro movimento: há
 ica na esfera biológica
 sfera viva na physis (...).
 o em sentido inverso: a
 nundo físico, mas uma
 a” (Edgar Morin, Ciên-
 03, p. 138). O dr. João
 ora que, no triplo salto
 im do Pará, com 17,66
 eta tem mais em conta a
 ma ideia determinante:
 ração” (A Bola, de 9 de
 ta de que o desporto (e
 e que nos distingue das

pela mediação da técnica,
 tesiana não atinge a física
 da a Idade Moderna, se
 contemplativa” e a “vita
 s próximos de nós. Não
 os ditos marxistas entra-
 ceu com os neoliberais,
 rmação de homens-má-
 , procuravam encobrir a
 democracia económica,
 democracia participativa
 da desportivo, de âmbito

verdadeiramente nacional, pois que só a “nomenklatura” decide e o partido único propõe. Gustavo Pires, no seu livro *Agôn-Gestão do Desporto-O jogo de Zeus*, já aqui citado (pp. 220 ss.) adianta que: “É possível alinhar um conjunto de razões que obrigam a considerar o desenvolvimento do desporto, no quadro do processo do desenvolvimento humano”.

No entanto, eu jamais poderei esquecer a selecção húngara da década de 50, onde pontificavam Hidegkuti, Kocsis e Puskas. Eu mesmo os vi jogar, em Lisboa, no Estádio Nacional, no dia 9 de Junho de 1956 com a selecção portuguesa de futebol (o resultado: 2-2). Viviam em ditadura e criaram uma equipa maravilhosa, que impôs, no Estádio de Wembley, a primeira derrota à Inglaterra, seis meses antes do Mundial de 1954 e por estrondosos 3-6! Na desforra, em Budapeste, a Inglaterra foi vergada a um mais duro resultado: 7-1! A equipa húngara, no entanto, desmoronou-se, quando Kocsis e Puskas rumaram ao futebol espanhol. Sem eles e com o envelhecimento dos demais, Gusztav Sèbes não voltou a comandar uma “equipa maravilha”. Sem grandes jogadores, não há grandes equipas, como sem grandes intérpretes, não há grandes orquestras. Embora não deva ocultar-se o papel insubstituível do maestro (no caso do futebol, o treinador) que organiza, disciplina, conduz, unifica.

Por isso, o perfil de desempenho de um treinador de futebol deverá definir-se por um conjunto de competências (e não só por saber de futebol) principalmente na área das ciências humanas. Vou repetir o que já venho dizendo, há mais de quarenta anos: “Só sabe de futebol quem sabe mais do que futebol”. Para um treinador, na mesma equipa, conviver, sabiamente, com dois jogadores, diametralmente opostos, no corpo e na alma, como os argentinos Valdano e Maradona, ou os brasileiros Garrincha e Pelé (são dois exemplos, entre muitos) – é evidente que não basta saber só de futebol. A “malandragem”, como se diz no Brasil, de Maradona e Garrincha é um modo de sobrevivência alternativa das classes populares que uma sociedade hierárquica, vertical e excludente não deixa viver doutra forma. E que deixa impreparados, para a vida, muitos dos “craques” do futebol! Possuídos de elevada tonicidade sensorial, pode avultar neles a ladinice com que se livram de apuros, mas faltar ao seu arcaboço rijo a capacidade intelectual que lhes permita discernir e

decidir com acerto. Uma figura desempenhada, indócil e viril precisa de um entendimento luminoso, aliado à boa compleição física, para que nasça um exemplar modelo de homem. O brasileiro Ronaldo, o "fenómeno", eleito por três vezes o melhor futebolista do mundo, vencedor de dois Mundiais de selecções, dono de um património de 250 milhões de dólares, é o exemplo de que não basta o "físico", para se merecer o respeito e admiração com que o mundo todo envolve, por exemplo, o seu compatriota Kaká. Só que, se o antigo dificilmente morre, o novo nascerá inevitavelmente. E o Luíz Nazário de Lima Ronaldo parece outro jogador e outro homem, actualmente, no Corinthians.

O marxismo, que atravessou ovante, praticamente todo o século XX, fazia suas as palavras de Marx, em O 18 do Brumário de Luís Bonaparte: "Os homens fazem a sua própria história". Que o mesmo é dizer: o homem passa da ideia subjectiva à verdade objectiva, através da prática, a qual historicamente se vai completando e realizando. Heidegger, na sua obra *Sein und Zeit*, procura o sentido do ser. Só que o sentido do ser revela-se na existência do Homem, na sua acção. Na Carta sobre o Humanismo emerge o seguinte: pensar o ser significa agir por ele e nele. Em *L'être et le néant*, Sartre faz ressaltar a liberdade na construção do futuro, e adianta: "O homem não é mais do que ele a si mesmo se faz. Tal é o primeiro princípio do existencialismo". E, ao fazer-se, ele é o "doador de sentido", em relação ao mundo envolvente. Daí, a existência preceder a essência. Não esqueço deste autor a célebre frase: "Nous n'avons jamais aussi libres que sous l'Occupation", lembrando-nos que a linguagem da acção não é a linguagem do simples movimento. Teilhard de Chardin, no *Fenómeno Humano*, tendo sempre presente o cósmico e o crístico, como sacerdote que é, encontra sentido, na acção humana: "Quanto mais o Homem chegar a ser Homem, tanto menos aceitará mover-se noutra direcção que não seja aquela que leva para o interminavelmente, indestrutivelmente novo". Acção sem sentido não passa de mera agitação ou capricho. A intencionalidade, assevera Levinas, é "essencialmente o acto de emprestar um sentido" (*En découvrant l'existence, avec Husserl e Heidegger*, p. 74).

No desporto, como na vida, a transcendência é o sentido. Mas um sentido em que o ser humano tome consciência de que não é ob-

ada, indócil e viril precisa da compleição física, para n. O brasileiro Ronaldo, or futebolista do mundo, ão de um património de : não basta o "físico", para e o mundo todo envolve, que, se o antigo dificil- nte. E o Luís Nazário de ro homem, actualmente,

aticamente todo o século 18 do Brumário de Luís ia história". Que o mes- tiva à verdade objectiva, vai completando e reali- eit, procura o sentido do stência do Homem, na merge o seguinte: pensar re et le néant, Sartre faz o, e adianta: "O homem l é o primeiro princípio "doador de sentido", em ncia preceder a essência. ous n'avons jamais aussi nos que a linguagem da ento. Teilhard de Char- : presente o cósmico e o rtido, na acção humana: nem, tanto menos acei- : aquela que leva para o /o". Acção sem sentido ntencionalidade, asseve- prestar um sentido" (En egger, p. 74).

lência é o sentido. Mas ciência de que não é ob-

jecto da História, mas sujeito construtor da própria História. Assisti, no Estádio do Restelo, a vários treinos do Belenenses, liderados por Helenio Herrera (1916-1997), um dos mais laureados treinadores da história do futebol. Em Itália, como treinador do Inter, conquistou três campeonatos Nacionais, duas Taças dos Clubes Campeões Europeus e duas Taças Intercontinentais. Antes, como treinador do Barcelona, em dois anos venceu a Taça UEFA, o campeonato espanhol e a Taça de Espanha. Nos treinos, insistia na velocidade: "Pensa com velocidade, faz tudo com velocidade, o futebol é velocidade". E todo ele se animava de uma vitalidade agressiva, quando acrescentava: "É em velocidade que superas o adversário! E superar o adversário é o nosso objectivo último". Sem sentido, não há unidade! "O importante, para José Mourinho, é encontrar uma velocidade colectiva, onde cada jogador terá de descobrir a sua própria velocidade (...). Quem não conseguir descobrir esta velocidade dará mais rapidamente a bola ao adversário e, isso sim, é o contrário de ser veloz" (AA.VV., Mourinho – porquê tantas vitórias, op. cit., p. 123).

É que não basta dar um sentido, mas um sentido para o mundo actual (para o desporto actual). Por isso, a transcendência dos campeões desportivos deverá supor a transcendência da generalidade das populações a que eles pertencem. Caso contrário, o desporto transforma-se em factor de cloroformização e conformização dos marginalizados pela sociedade injusta. A propósito da velocidade no futebol, é preciso não esquecer o sentido que da velocidade deve emergir. Jorge Valdano, que fala do futebol da mesma forma que o praticou, isto é, com beleza, longe de um intelectualismo amorfo, relembra no jornal *A Bola* (2008/5/24): "Alfredo Di Stéfano disse um dia: Dantes, o futebol era jogado; hoje, corre-se. Estas palavras, ditas há já bastante tempo, foram uma premonição". O desporto actual é velocidade porque, entre outros motivos, a velocidade é a lógica da sociedade consumista. Para tornar indispensável o supérfluo, não há tempo para pensar. Para transformar o "torcedor" em consumidor, não há tempo para pensar. Para "robotizar" o jogador, não há tempo para pensar. As classes dominantes não temem quem pratica futebol, mas quem pensa o futebol. Sou espectador assíduo do futebol, foi o espectáculo que mais sofrimento me trouxe e mais alegrias me deu, necessariamente porque muito o amo – custa-me,

por isso, vê-lo ao serviço doutros interesses, ainda que a mundialização, a liberalização e a ciberdemocracia, reinantes, não nos tragam boas notícias: a velocidade, segundo se diz, é condição de progresso. Mas, assim como a velocidade, no futebol, pode referir-se, ou só à bola, ou só ao futebolista, importa que, segundo o método da complexidade, a bola e o jogador façam um todo, subordinados portanto às exigências da “vontade de poder” (Nietzsche) que anima o todo. A própria circulação de bola compreende-se, verdadeiramente, no quadro de um pensamento que a clarifica e lhe dá sentido.

Leio o livro de Pierre Bourdieu, *Science de la science et réflexivité* (Raisons d'Agir, Paris, 2001). Na introdução, o autor defende a autonomia da ciência contra os poderes da economia, da política, da filosofia. Eu digo o mesmo acerca da autonomia do futebol, porque não há interdisciplinaridade, sem disciplinaridade. E a velocidade? Em Portugal, temos o Simão, o Quaresma, o Cristiano Ronaldo. Num futebol sem extremos, há extremos em Portugal. Mas, “sem extremos clássicos, as equipas tentam abrir a frente de ataque de outras formas. Com laterais ofensivos, estilo Roberto Carlos ou Cafú. Outros, com os chamados flaqueadores, a maior aproximação ao extremo clássico, casos de Figo e Bechkan, que vivem sobre as alas, mas que em vez de ir à linha, optam, no enfiamento do bico da área, por mortíferos centros enroscados para a área, convidando alguém a apenas tocar a bola para as redes. Por fim, há quem utilize extremos disfarçados que, partindo de uma posição central, se encostam às alas quando o onze ataca, casos Henry e Messi” (Luís Freitas Lobo, op.cit., p. 190). Sou tentado, neste passo, a citar Umberto Eco, na sua *História da Beleza* (Difel, Lisboa, 2004, p. 394), quando relembra que Marinetti asseverava “que um carro de corrida é mais belo do que a Nike da Samotrácia”. E recorda também “a análise magistral feita por Roland Barthes sobre o primeiro exemplar do Citroen DS, em que a própria sigla parece tão tecnológica e se for pronunciada em francês, soa como déesse, isto é, deusa”.

VI - A Intencionalidade

Habermas, mantendo-se fiel à tradição dos nomes cimeiros da Escola de Frankfurt, recebe forte influência de Marx e Freud e, assim, toda a sua filosofia assenta numa História que se processa, sob o ideal da emancipação. De facto, ele procura uma ética universal, não metafísica, mas antropológico-linguística, em que o agir seja comunicacional. A validade de uma norma só pode fundamentar-se racionalmente, quando referida a um consenso entre todos os membros da comunidade e como resultado de um discurso realizado, sob as condições formais que definem a situação comunicativa ideal. O espírito de equipa nasce do consenso sobre objectivos e interesses comuns. Segundo a fenomenologia (entre os varões assinalados desta filosofia, Husserl é o primeiro) a consciência resume-se a uma “vivência intencional”. A radical diferença, entre Descartes e Husserl, está aí na intencionalidade. Não mais o ego cogito, mas o ego cogito cogitatum, onde o mundo permanece, enquanto cogitatum. Sem intencionalidade, não há criatividade, nem capacidade de decisão. A intencionalidade, diz Lévinas, é “essencialmente o acto de emprestar um sentido” (*En découvrant l'existence avec Husserl et Heidegger*, p. 27). Dar um sentido ao que se vê, é reuni-lo sob o mesmo olhar, compreendê-lo, não no seu isolamento, mas no seu conjunto; é esforço ininterrupto de totalização, sem jamais alcançar a totalidade. No futebol, o aleatório está demasiado presente: há vitórias de equipas que remataram uma única vez à baliza. Mas concordo com o técnico brasileiro Paulo César Carpegiani: “Um time vencedor é formado por 50% de talento e 50% de autoconfiança”.

Maurice Merleau-Ponty acrescenta que, entre o meu corpo e o mundo, há uma íntima relação de envolvimento, a minha motricidade supõe intencionalidade. Não me parece desajustada neste interim uma citação do escritor Vergílio Ferreira, em

prefácio que antepôs ao Existencialismo é um Humanismo, de Jean-Paul Sartre: "A Fenomenologia fixa-nos (...) que o homem é, no reino da criação, não apenas o rei, mas largamente o verdadeiro criador". Mas, sem esquecermos que "um acto de liberdade é uma posição de fins, de valores". No futebol profissional, os jogadores são livres, para assumirem fins e valores? A liberdade dá auto-estima e, com auto-estima, o que o treinador sugere o jogador amplifica. De Maurice Merleau-Ponty ressalta a passagem do corpo-objecto, onde se fundamentava a preparação física tradicional, a corpo-sujeito que "actua com significado, com aptidão, com competência e propósitos". Nesta conformidade, o corpo é complexidade, onde não pode isolar-se o que é físico da globalidade do humano, que é corpo-mente-desejo-natureza-sociedade. Em finais da década de setenta e princípios da década de oitenta, depois do meu "baptismo" fenomenológico, entrei de proclamar a inutilidade, quase o "nonsense", do preparador físico que procurava o corpo-limite, visando uma das partes e excluindo o todo, acentuando a estrutura e excluindo o processo.

Recordo que depois de me ouvir, a este propósito, num congresso que decorreu em Espinho, em finais da década de 70 e onde eu fui com o Dr. Aníbal Silva e Costa (ao tempo, director-geral do Apoio Médico, se não laboro em erro), recebi, em minha casa, um telefonema de José Maria Pedrito, treinador do F. C. Porto e profissional que foi um polemista arguto, um vibrante desmistificador do que de anacrónico existia, no futebol português. "Explique-me lá por que não aceita o preparador físico, no departamento de futebol?", questionava-me ele. E eu que o sabia o obreiro vigoroso de um futebol novo aceitei o repto: "Porque espírito e matéria são duas faces da mesma moeda. O erro dos preparadores físicos e dos médicos da medicina desportiva é acreditarem que conhecem um atleta, estudando afanosamente a estrutura e desprezando o processo, que é essencialmente um processo global. Sem ser hegeliano convicto, acredito, com Hegel, que só o todo é verdadeiro. Assim, em todos os elementos e momentos em que o treino se divide, o todo há-de estar sempre presente, manifestando uma determinada intencionalidade". E ele insistiu, com a inteligência que o caracterizava: "E o que é, para si, o todo?". Respondi como podia: "É o jogador, em toda

smo é um Humanismo, de fixa-nos (...) que o homem ei, mas largamente o verdadeiros que "um acto de liberdade". No futebol profissional, os fins e valores? A liberdade o que o treinador sugere o eau-Ponty ressalta a passamentava a preparação física actua com significado, com atos". Nesta conformidade, pode isolar-se o que é físico e po-mente-desejo-natureza-tenta e princípios da década 10" fenomenológico, entrei "nonsense", do preparador, visando uma das partes e tura e excluindo o processo. a este propósito, num coniniais da década de 70 e onde (ao tempo, director-geral do, recebi, em minha casa, um inador do F. C. Porto e pro-um vibrante desmistificador ol português. "Explique-me ico, no departamento de fu-o sabia o obreiro vigoroso de ue espírito e matéria são duas paradores físicos e dos médi-em que conhecem um atleta, desprezando o processo, que Sem ser hegeliano convicto, verdadeiro. Assim, em todos reino se divide, o todo há-de na determinada intencionali-que o caracterizava: "É o que odia: "É o jogador, em toda

a sua complexidade, norteados pelos grandes objectivos do jogo". José Maria Pedroto levantou-me, então, a última pergunta: "É da opinião que deverá criar-se um treino novo?". E eu, terminante: "Não tenho dúvidas a esse respeito. Em cada momento do treino, deve estar presente a complexidade humana. Também no treino é preciso pensar o ser humano, para além do dualismo e do materialismo dogmáticos. É evidente que a eficiência física supõe preparação física, mas a eficácia operacional não se obtém só com preparação física. Tenho pena de não saber o suficiente de futebol, para propor modificações evidentes, no treino. Deixo este trabalho com o meu amigo que, nesta matéria, é um Mestre!".

Entretanto, por essa altura, José Mourinho matriculava-se, no primeiro ano do Instituto Superior de Educação Física da Universidade Técnica de Lisboa e, mal entrou na Universidade, logo se distinguiu por acesas críticas à metodologia de treino, prescrita por Matveev, demasiado cartesiana e por isso sem referência ao pensamento táctico. Por essa altura também, José Maria Pedroto convidava, para seu adjunto, com as funções de "observação, análise e estatística" o licenciado em Educação Física, José Carneiro Oliveira Neto, hoje (doutorando da Universidade da Beira-Interior) um dos mais lúcidos homens do futebol português. Nas minhas aulas, de há trinta anos atrás, eu citava, muitas vezes, o exemplo do pianista que, no seu "treino" habitual, toca piano e nada mais faz do que tocar piano. E concluía: salvo melhor opinião, no treino, o nadador deve principalmente nadar, o corredor deve principalmente correr, o basquetebolista deve principalmente jogar basquetebol, etc. Não esqueço que, no futebol, também se corre sem bola, mas com o sentido que a estratégia e a táctica determinam.

Ocorrem-me, neste passo, os finais da década de 50. Brilhavam o Real Madrid de Di Stéfano, o Milan de Rivera, o Benfica de Coluna, o Santos de Coutinho e Pelé e o F. C. Porto de Hernâni. Aliás, no F. C. Porto, jogava um dos mais notáveis defesas (lateral direito) que já passaram no futebol português: Virgílio Mendes, capitão da selecção portuguesa, de 1957 a 1960. Em 1951, o Celta de Vigo tentou-o com um contrato milionário. Recusou adiantando uma ideia hoje tida por espúria ou bastarda: "Por dinheiro, não troco de clube. Sentir-me-ia um merce-

nário". Num futebol avesso a exprimir o axiológico, ainda sabe bem contemplar o amor ao F. C. Porto que irradiava do Virgílio Mendes. Paul Ricoeur, que muitos denominam o filósofo da acção, grafou, na *Encyclopedia Universalis*: "Se há uma linguagem da liberdade, tal resulta de antes haver uma linguagem da acção".

A história da acção é a história da sua aliança com a liberdade. E a filosofia não cansa, no seu afã de ligar ser e acção. Na acção, o jogador reflecte o seu próprio ser e pode fazer-se um jogador diferente. Sem a liberdade dos jogadores, o futebol não é um pensamento em acto e, sem este, não há treinador de sucesso. Sem a decisão dos jogadores, não há vitórias. Em Assim falou Zaratustra e Para Além do Bem e do Mal e Gaia Ciência (e outros livros poderíamos citar), Nietzsche continua vivo, designadamente na pós-modernidade que atravessamos, como professor da "vontade de poder", defensor da superioridade da vontade sobre a razão e valorando a criação do super-homem sobre um cristianismo que realça, para ele, os sentimentos de covardia e conformismo. Deus morreu e, portanto, todo o fazer é um fazer-se, sob os imperativos da vontade de poder. Mas, embora Deus tenha morrido, os deuses proliferam. O que são o David Beckham, o Fernando Torres, o David Villa, o Messi, o Kaká, o Franck Ribéry, o Eto'o, o Ibrahimovic, o Cristiano Ronaldo, etc., etc.? Com toda a certeza, os novos deuses! Mas não foram eles que nos criaram à sua imagem e semelhança. Fomos nós que os criámos à nossa imagem e semelhança. Nós precisamos de exemplos de transcendência, para tomarmos a consciência de que podemos não ser "objectos" da história, mas "sujeitos" construtores da história.

Nietzsche (1844-1900) tem um amor selvagem a todas as liberdades. Espírito audacioso e recalcitrante, levanta-se em luta permanente contra o niilismo da cultura ocidental, porque, ao desprezar-se os valores da vida terrena, em prol de ilusórios valores da vida sobrenatural, é no niilismo que se descamba. Ora, na sociedade do conhecimento, é preciso criar o futebol do conhecimento, em luta permanente contra os que desconhecem a complementaridade, no futebol (e no desporto em geral), entre teoria e prática, entre competição e diálogo – complementaridade que nos faz vivenciar a unida-

r o axiológico, ainda sabe
que irradiava do Virgílio
nominam o filósofo da ac-
is: "Se há uma linguagem
uma linguagem da acção".
sua aliança com a liber-
fã de ligar ser e acção. Na
io ser e pode fazer-se um
s jogadores, o futebol não
não há treinador de suces-
vitórias. Em Assim falou
al e Gaia Ciência (e outros
continua vivo, designada-
ressamos, como professor
superioridade da vontade
o super-homem sobre um
sentimentos de covardia
tanto, todo o fazer é um
le de poder. Mas, embora
eram. O que são o David
d Villa, o Messi, o Kaká,
vic, o Cristiano Ronaldo,
os deuses! Mas não foram
e semelhança. Fomos nós
nelhança. Nós precisamos
tomarmos a consciência
la história, mas "sujeitos"

or selvagem a todas as liber-
s, levanta-se em luta perma-
ental, porque, ao desprezar-
de ilusórios valores da vida
mba. Ora, na sociedade do
do conhecimento, em luta
a complementaridade, no
oria e prática, entre compe-
te nos faz vivenciar a unida-

de de tantas diversidades, e que nos permite a certeza de que a vida é
relação. O agôn é um convite à sinergia. No desporto, todos os seus
agentes são interdependentes entre si. Podemos voltar a Gustavo
Pires, mestre incontestado da gestão do desporto, em língua portu-
guesa (e não só): "O que aconteceu nos últimos trinta anos foi uma
política desportiva que, ao apostar no rendimento, na medida, no
recorde, no espectáculo e no profissionalismo precoce, sem cuidar
da base do sistema através da educação desportiva e da criação de
condições de acesso generalizado à prática desportiva, foi também
responsável pela institucionalização de uma cultura de mediocrida-
de que não preza, nem os valores do agôn nem aspira aos estádios
superiores de organização pessoal e social que a areté promove" (op.
cit., p. 330).

Peter F. Drucker, na sua obra sociedade pós-capitalista, pro-
cura ensinar que a gestão "exige uma aplicação organizada e
sistemática do conhecimento ao conhecimento" (p. 198). Dian-
te do formigueiro humano confuso, pitoresco e borbulhante,
que rodeia o futebol-espectáculo, lastima-se que a sua gestão
seja, demasiadas vezes, arcaica e submissa às ideias feitas. Infor-
mação, conhecimento, estudo – são coisas que muito gestor do
futebol considera sobejantes e desinteressantes... para mal do
futebol! O "desporto-rei", como emancipação social, não cabe
na mente destes indivíduos. A primazia conferida ao económi-
co, na conceituação da ideia de desenvolvimento, tem as suas
limitações. A racionalidade, nos clubes de futebol, é meramente
técnico-instrumental e dá origem a todo o tipo de abusos e de
mistificações. Pierre Bourdieu, nas Questões de Sociologia (op.
cit., p. 199) lastima que, na prática desportiva, não se realcem
"mais que qualidades físicas e competências corporais". O abai-
xamento do nível humano em que muitas vedetas do futebol se
distinguem mostra bem que o futebol profissional quase nunca
é um processo moral e politicamente emancipatório. A "obra
divina", que foi o futebol de Diego Maradona, não o inibiu do
subhumano – hoje, felizmente ultrapassado. O mundo do fute-
bol, que o acolheu, não soube dar-lhe outros horizontes, para
além dos treinos e das competições. E ninguém se realiza sem
qualquer referência a uma instância transcendente (que não tem

de ser religiosa), bem para além da eficácia calculadora, materialmente mensurável, em que o futebol actual se desenvolve.

Vou salientar, agora, dois filósofos, de labor pertinaz e silencioso, actualmente pouco citados: Maurice Blondel (1861-1949) e Louis Lavelle (1883-1951). A redacção definitiva de *L'Action*, de Blondel, ressoa o convívio com a filosofia de S. Agostinho (em primeiro lugar e acima do mais) e S. Tomás de Aquino, sob a metodologia de uma *fides quaerens intellectum* ou de um *intellectum quaerens fidem*. O princípio da filosofia blondeliana é a realidade (não é o conceito tão-só) da Acção, como verdadeiro agir do ser. Acção é a expressão do ser realizando-se, em união de simpatia e de amor. O filósofo não concebe o ser humano sorumbático, parado, esvaído na velatura de todas as penumbras, porque o homem sente, na própria carne, "o conflito entre o encanto do mundo presente e o misterioso atractivo de um mundo superior" (*L'Action*, t. II, p.340). Acção e sabedoria completam-se, em Blondel, pois que, conforme a exclamação de Santo Agostinho, "fizeste-nos para Ti, Senhor, e inquieto anda o nosso coração até que descanse, em Ti". Ou esta, de uma densidade e concisão admiráveis: "Ama e faz o que quiseses". A Acção, assim, constitui-se como emergência do horizonte fontal do amor. Mas não será de adiantar uma questão: E mesmo no desporto profissional o amor emerge também das acções dos seus praticantes? Não tenho dúvidas a este respeito: na esmagadora maioria dos casos, o profissional de futebol ama a sua profissão. Demais, "uma equipa deve constituir um espaço de realização de todos aqueles que dela façam parte. Verificam-se nela interacções, onde se tornam fundamentais a confiança e o respeito mútuos entre os seus componentes, a cooperação, a sincronização, a coordenação e uma fundamental identificação individual e colectiva ao redor de objectivos comuns" (Jorge Araújo, *Gerir é Treinar*, Booknomics, Lisboa, 2008, p. 74).

VII - O jogador brasileiro Sócrates

De Louis Lavelle li dois livros, ainda era aluno da Faculdade de Letras de Lisboa, *De L'Être* e *De L'Acte*, tentando, com eles também, preparar a disciplina de Ontologia, de que Oswaldo Market era o professor. Reli há pouco o *De L'Acte*. Ele situa-se na linha reflexiva e subjectivista da filosofia francesa, inaugurada por Descartes. E assim a reflexão deverá instituir-se como método universal da filosofia e a metafísica deverá entender-se como "ciência da intimidade espiritual", dado que o fundamento da existência não o encontraremos no objecto, mas no sujeito. No entanto, é no acto que brota criativamente a percepção da existência, compreendendo-se então que ser é agir, uma vez que é no agir que eu me faço, fazendo. Só que o agir está em ligação íntima com o transcendente que o justifica. Em linguagem actual, poderemos acrescentar que, assim como as estruturas dissipativas (Prigogine) são sistemas abertos, dizendo que a vida possui uma ilimitada capacidade de inovação, assim também o acto apresenta um ímpeto criador de infinitas virtualidades, se se alimentar do diálogo com Deus e com o meu semelhante. Em *De L'Acte*, Lavelle não deixa dúvidas: "L'histoire de ma vie c'est l'histoire de mes relations avec les autres". Mas é no seio do Absoluto, que é também de uma profunda exigência relacional e dialógica, que o acto tem eficácia e deixa um largo e luminoso rasto de beleza moral. É-nos lícito concluir, assim, após a leitura de Blondel e Lavelle, pela íntima relação entre o movimento de aprofundamento de si e o de transcendência, em direcção à alteridade. De facto, quem verdadeiramente se conhece, sabe que os seus interesses apontam a algo mais do que ele mesmo. A síntese de identidade, entre o individual e o colectivo, é o princípio da constituição de uma equipa desportiva.

O Padre Joaquim Cerqueira Gonçalves, antigo professor na Faculdade de Letras de Lisboa, costumava dizer nas aulas que “se a historicidade é inerente à filosofia, tal não é óbvio para a ciência, embora seja mais fácil uma história da ciência. A filosofia não prescinde do passado; a ciência vive renegando o passado” (Departamento de Filosofia e Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, *Poiética do Mundo – Homenagem a Joaquim Cerqueira Gonçalves*, Edições Colibri, Lisboa, 2001, p. 81). Por isso, nalgumas das grandes colunas, que venho de referir, onde assenta a filosofia actual, desde o platónico Santo Agostinho, o aristotélico São Tomás de Aquino e Descartes, passando por Marx, Nietzsche e Freud e chegando a Husserl, Heidegger, Sartre e Ricoeur a ideia de acção está presente. A filosofia recusa pensar e pensar-se, sem este tema. [No entanto, a acção seria um luxo desnecessário, uma interferência caprichosa, nas leis gerais do comportamento, se os homens fossem interminavelmente repetições reproduzíveis do mesmo modelo (...).]

Ora, há modelos no futebol que subordinam o praticante a valores-fetiches. Segundo alguns, há “jogos de vida ou de morte” – um exemplo, entre outros, que justificam o doping, a corrupção, a violência. Mesmo o imperialismo científico é tão perigoso como o imperialismo político. É que a vida humana não é um valor relativo, é um valor anterior ao Estado e à Lei e à Ciência, é um valor em si, não instrumental. Importa repensar o desporto, para proteger a vida. O futebol há-de lutar por um novo humanismo onde todos são responsáveis por todos, incluindo os adversários! É preciso saber ler o futebol actual, lendo também o que não aparece, mas fundamenta o que aparece. Ulrich Beck efectua uma análise da sociedade contemporânea, na sua obra *Risk Society, Towards a New Modernity* (Sage Publications, London, 1992), salientando nela o conceito de sociedade de risco, donde emerge uma sofisticada e por vezes imperceptível manipulação, mascarada de social welfare. A Sociedade Informacional tem virtualidades para aumentar o espírito crítico. Estava, em São Paulo (Brasil), no dia 2 de Dezembro de 2007, no dia em que o Corinthians desceu, pela primeira vez, nos seus 97 anos de existência, à Série B do Campeonato Brasileiro. No “hall”

ves, antigo professor na
ava dizer nas aulas que
ia, tal não é óbvio para
istória da ciência. A fi-
lência vive renegando o
: Centro de Filosofia da
ndo – Homenagem a Joa-
ori, Lisboa, 2001, p. 81).
is, que venho de referir,
platónico Santo Agosti-
io e Descartes, passando
lo a Husserl, Heidegger,
esente. A filosofia recusa
ntanto, a acção seria um
aprichosa, nas leis gerais
n interminavelmente re-
lo (...).

ordinam o praticante a
gos de vida ou de morte”
cam o doping, a corrup-
científico é tão perigoso
vida humana não é um
itado e à Lei e à Ciência,
porta repensar o despor-
e lutar por um novo hu-
por todos, incluindo os
ol actual, lendo também
que aparece. Ulrich Beck
mporâne a, na sua obra
Sage Publications, Lon-
to de sociedade de risco,
zes imperceptível mani-
Sociedade Informacional
írito crítico. Estava, em
bro de 2007, no dia em
ra vez, nos seus 97 anos
to Brasileiro. No “hall”

do hotel onde me hospedara, um recepcionista chorava. Entre as várias perguntas que desejava fazer-lhe, escapou-me esta: Por que chora? Ele atirou-me um olhar desvairado e respondeu: “Sou corintiano sabe? Foi como a morte de um amigo...”. Entretanto, a televisão anunciava a conquista, pela selecção masculina de vôlei, do bicampeonato da Copa do Mundo. E nas faces molhadas de tristeza do meu interlocutor corintiano floruiu um sorriso e filosofou: “Também há coisas boas, na vida”. Na Sociedade Informacional, tudo está perto de tudo...

Por isso, gostei do brasileiro Sócrates, quando jogador de futebol. Futebolista genial, não escondia as suas convicções políticas, diante da sociedade do mercado consumista. A propósito, poderá recordar-se o conceito de “ressaca emocional” da autoria deste jogador inesquecível, como praticante de eleição: [“A entrega total a uma meta esvazia todos os envolvidos de suas forças físicas e psíquicas, tornando o retorno à situação normal muito demorada”] Ele dá dois exemplos, um com 25 anos, outro mais recente:

No campeonato brasileiro de 1984, o Corinthians enfrentaria, na quarta-de-final, aquele que era então o melhor time do Brasil, o Flamengo. Este vencera o primeiro jogo por dois golos de diferença, obrigando os paulistas a fazer o mesmo placar, na partida de volta, no Morumbi. A vitória de 4 a 1 deveu-se a uma mobilização total da comunidade, elenco e torcida, mas à custa de tal esgotamento que na etapa seguinte o time foi eliminado pelo Fluminense. Não foi possível recuperar as forças, principalmente no aspecto emocional;

Foi isso, continua Sócrates, que aconteceu em 2005, com o S. Paulo, após a conquista do tri da Taça Libertadores. Ao sucesso seguiram-se oito partidas sem vitória, no campeonato brasileiro” (in Hilário Franco Júnior, *A Dança dos Deuses – futebol, sociedade, cultura*, Companhia das Letras, S. Paulo, 2007, p. 346).

Entre 1980 e 1986, encontrava-me, quinzenalmente, com o Acácio Rosa, pioneiro em Portugal do voleibol, do andebol e do basquetebol e enamorado do Belenenses, de que foi dirigente sem mácula, anos a fio; com o Mariano Amaro, internacional de futebol, nas décadas de 30 e 40, capitão da equipa do Belenenses, jogador de técnica excelente e de invulgar cultura táctica, que anunciava o que fizeram, depois dele, o Zito (do Santos de

60), o Bobby Charlton, o Guardiola, o Rui Costa e, o maior de todos, Zinedine Zidane; e o Prefeito Rodrigues, extremo-direito hábil e veloz, companheiro de equipa do Amaro, que uma crítica sardónica procurava inculcar que “corria mais do que a bola” – mas todos eles amigos seguros e prestantes e pessoas de moral que nada tinha de incolor ou de fictício.

O encontro realizava-se à hora do jantar, num restaurante da rua Pinheiro Chagas, em Lisboa. E as conversas tinham o futebol como o tema de maior interesse. “O Artur José Pereira, na década de trinta, já tinha a convicção que o treino mental era tão importante como o treino físico. Nos treinos e antes dos jogos, transmitia-nos confiança e vontade de vencer”, recordou o Prefeito “É que ele sabia que a confiança gera vitória e uma vitória gera outra”, acrescentou pausadamente o Amaro. E eu... para não ficar calado: “Ele sabia que as vitórias são o grande psicólogo!”. Acácio, que assistira ao nascimento do Belenenses (em 23 de Setembro de 1919), que acumulou anos de verdadeira amizade com o Artur José Pereira, não escondeu um assomo de emoção nos seus olhos aguados, ao sublinhar: “O Artur fundou o Belenenses, depois de ter jogado no Benfica e no Sporting. Foi o futebolista de mais classe do seu tempo e um extraordinário treinador. Para ele, no futebol, o essencial era a técnica. Por melhor que pense, o jogador sem técnica não sabe interpretar o que lhe chega da cabeça”. E a conversa estendia-se até por volta da meia-noite, onde o Acácio metia sempre a sua tese favorita: “O que faz um clube grande é a sua massa associativa. Os jogadores passam, os sócios ficam. Hoje, é assim!... Até nos jogos, a massa associativa é o décimo segundo jogador!”.

No que à técnica diz respeito, recordo a segunda “mão” da Taça Intercontinental de 1962, disputada pelo Santos e o Benfica: “A primeira-mão teve lugar no Rio de Janeiro, no monumental Estádio do Maracanã, a 19 de Setembro de 1962. Os brasileiros venceram por 3-2, graças a dois golos de Pelé e um de Coutinho. Os encarnados marcaram por intermédio de Santana. Parecia ao alcance dos portugueses a conquista do troféu, mas na segunda partida tudo correu bem aos brasileiros. A 11 de Outubro, na Luz, contra todas as previsões, o Santos de um

ins
um
A l
tan
me
um
qu
mi
des
de
Me
bel
70
No
E c
Eu
qu
sor
ser
ver
o a
ao
chu
e c
me
pei
XV
de
ná
ria
pa
coi
za
ter
do
éti

Luí Costa e, o maior de rigues, extremo-direito Amaro, que uma crítica mais do que a bola” antes e pessoas de moral

antar, num restaurante as conversas tinham o “O Artur José Pereira, io que o treino mental Nos treinos e antes dos le de vencer”, recordou nça gera vitória e uma mente o Amaro. E eu... s vitórias são o grande cimento do Belenenses ulou anos de verdadeira scondeu um assomo de nhar: “O Artur fundou nfica e no Sporting. Foi o e um extraordinário icial era a técnica. Por a não sabe interpretar o stendia-se até por volta pre a sua tese favorita: sa associativa. Os joga- ssim!... Até nos jogos, a gador!”.

lo a segunda “mão” da la pelo Santos e o Ben- o de Janeiro, no monu- Setembro de 1962. Os lois golos de Pelé e um por intermédio de San- a conquista do troféu, m aos brasileiros. A 11 evisões, o Santos de um

inspirado Pelé dominou o Benfica de Eusébio, vencendo por um claro 5 a 2.” (João Nuno Coelho e Francisco Pinheiro, *A Paixão do Povo – História do Futebol em Portugal*, Edições Afrontamento, Porto, p. 446). Assisti a este jogo, na companhia do meu pai. Ainda hoje não escondo o pasmo do que vi: Não era um Pelé, eram onze! Tecnicamente, esmagaram o Benfica! Naquela equipa, o preparo físico era de certo o ideal; a táctica era minuciosamente a que mais convinha; mas foi na técnica que se desenhou a vitória! Por que não esqueço aquele jogo? E a técnica de Maradona e de Cruyff e de Ronaldo (o “fenómeno”) e de Leonel Messi e de Kaká e de Cristiano Ronaldo? E o que havia de belo, na selecção holandesa de 74 e nos escretes canarinhos de 70 e de 82? Porque deles, de todos eles, emerge o futebol-arte? No nosso tempo, no entanto, o belo cedeu o seu lugar ao útil. E o que se fixa, na mente, são os golos, acima do mais. Por isso, Eusébio será eterno! Nunca vi uma potência de remate como a que o “Pantera Negra” ostentava.

“A pluralidade é a condição da acção humana, porque todos somos irrepetíveis, em relação aos homens do passado, do presente e do futuro” (Hannah Arendt, *The human condition*, University of Chicago Press, 1958, p. 8). No entanto, por que há-de o acto (ou a acção) referir-se principalmente, na modernidade, ao animal laborans ou ao homo faber? Toda a modernidade nos chega impregnada de um fazer que visa apropriar-se da natureza e conferir ao económico um lugar determinante na História. Ao mesmo tempo que um pensamento crítico, vigoroso e desempenado, nasceria e ganharia maturidade, na Europa do século XVIII, sob a inspiração de John Locke, como bandeira ao vento de uma grande paixão de liberdade. Mas uma contradição insanável surgia também, numa dialéctica entre as ideias e a história: o eixo do pensamento deslocou-se gradualmente do homem para a produção, do sujeito para o objecto, da pessoa para a coisa. O grande empresário subalterniza o trabalhador e diviniza a produção e o lucro. E as ideias de liberdade-igualdade-fraternidade não se cumpriram e aparecem aos olhos do trabalhador como palavras venerandas, esvaziadas de qualquer sentido ético e social. As leis económicas, concebidas pelo liberalismo,

confundem, como vimos acima, pessoas com coisas e as bases ideológicas da liberdade-igualdade-fraternidade confinam-se a pura retórica.

Assim, sempre que o desporto é subsistema do sistema "capitalismo", há a tentação de esquecer o *homo ludens*, ou seja, o homem que joga. "O que é o jogo? Uma actividade que dá prazer. Quem joga? O homem. Porquê? Porque tem necessidade de prazer (...). Mas façamos uma última pergunta: Para que joga o homem? A resposta só pode ser esta: para vencer. Numa palavra, o homem joga pelo prazer que o jogo lhe dá, mas o prazer implica uma finalidade, sem a qual deixa de o ser. Essa finalidade é a vitória" (António Cabral, *O mundo fascinante do jogo*, Notícias Editorial, Lisboa, 2002, p. 23). Ser-nos-á lícito citar, agora, Humberto Maturana: "A competição não é nem pode ser sadia, porque se constitui na negação do outro. A competição sadia não existe. A competição é um fenómeno cultural e humano e não constitutivo do biológico. Como fenómeno humano, a competição se constitui na negação do outro. Observem as emoções envolvidas nas competições esportivas. Nelas não existe a convivência sadia, porque a vitória de um surge da derrota do outro. O mais grave é que, sob o discurso que valoriza a competição como um bem social, não se vê a emoção que constitui a prática do competir, que é a que constitui as ações que negam o outro" (*Emoções e Linguagem na Educação e na Política*, Editora UFMG, Belo Horizonte, 1999, p. 13). Devemos render-nos à hipótese de que o futebol é a continuação da guerra, por outros meios?

No entanto, a ideia de vitória supõe a consciência da imperfeição ontológica e o conseqüente movimento intencional da transcendência (ou superação). A transcendência, aqui, é superação na imanência. Não sei se não cabe, neste passo, lembrar O Existencialismo é um Humanismo, de Jean-Paul Sartre, em tradução de Vergílio Ferreira (Editorial Presença, Lisboa, pp. 217/218): "O homem não é mais que o que ele próprio se faz". Estou entre os que tiveram a felicidade de ver jogar o Pelé, o Di Stéfano, o Puskas, o Eusébio, o Didi, o Rivera, o Garrincha, o Bobby Charlton, o Maradona, o Rivelino, o Figo, o Rui Costa,

das com coisas e as bases
aternidade confinam-se a

bsistema do sistema “ca-
o homo ludens, ou seja, o
na actividade que dá pra-
orque tem necessidade de
pergunta: Para que joga o
ara vencer. Numa palavra,
lhe dá, mas o prazer im-
a de o ser. Essa finalidade
o fascinante do jogo, Notí-
r-nos-á lícito citar, agora,
ião é nem pode ser sadia,
outro. A competição sadia
neno cultural e humano
no fenómeno humano, a
outro. Observem as emo-
rtivas. Nelas não existe a
: um surge da derrota do
rso que valoriza a compe-
a emoção que constitui a
tui as ações que negam o
ação e na Política, Editora
). Devemos render-nos à
ção da guerra, por outros

e a consciência da imper-
ovimento intencional da
scendência, aqui, é supe-
cabe, neste passo, relem-
mo, de Jean-Paul Sartre,
rial Presença, Lisboa, pp.
o que ele próprio se faz”.
: de ver jogar o Pelé, o Di
o Rivera, o Garrincha, o
ino, o Figo, o Rui Costa,

o Zidane, o Ronaldo (o “fenómeno”), o Cristiano Ronaldo, o
Ronaldinho Gaúcho, o Kaká, o Robinho, o Didier Drogba, o
Daniel Messi, o Wayne Rooney, etc., etc. Eram uns, outros são,
verdadeiros artistas do futebol. Ora, o futebol, como um dos
aspectos da motricidade humana, pode ser arte e uma arte per-
formativa. Diante do futebol destes artistas, o economicismo
ambiente deve respeitar e não subjugar: neles, há mais caos do
que determinismo. Isto não quer dizer que, no seio da sua equi-
pa de futebol, o superdotado se sinta superior aos seus compa-
nheiros. Em equipa, todos os seus elementos são iguais, dando
cada qual tudo o que tem! O “conhecimento-em-rede” há muito
foi anunciado pelo futebol.

VIII - Complexidade, Caos, Criatividade, Pluralismo

“Ama e faz o que quiseses”, de Santo Agostinho, diz-nos que o projecto último da acção, ou do acto, deve ser o amor. Luc Ferry criou, a propósito, uma paráfrase: “age como se amasses” (*L’Homme-Dieu ou le sens de la vie*, Grasset & Fasquelle, Paris, 1996, p. 121). Num caso e noutro, o amor não é estranho ao imperativo moral. Mas não é verdade que as ideias que germinam, hoje, na filosofia, se iniciaram, como Foucault o lembra, em Marx, Nietzsche e Freud (Nietzsche, Ed. Minuit, Paris, 1964)? E não é verdade também que, para eles, tudo é interpretação, já que não há signos primeiros? De facto, não há signos primeiros, mas interpretações primeiras, mesmo nas cartilhas doutrinárias (até o Freud, ao lançar o paciente, para um divã, dá primazia à interpretação). Após a derrocada dos velhos triunfadores, chegou à filosofia, com os “mestres da suspeita”, a incerteza. Mas também, na física, o que era clássico se desmoronava. “Tanto ao nível macrocópico, como ao nível microscópico, as ciências da natureza libertaram-se de uma concepção estreita da realidade objectiva, que nega a novidade e a diversidade, em nome de uma lei universal imutável” (Prigogine, I.; Stengers, I.: *A Nova Aliança*, UnB, Brasília, 1984, p.209) Isto é, somos parte de um universo não-linear, não-previsível, complexo, caótico, criativo e pluralista. E a filosofia passou a viver também da contingência, da finitude, da crise. E sem o derrame descritivo de quem da ordem e da objectividade julga chegar inevitavelmente à verdade. Não é precisa muita verve, nem ministrar a ninguém “o santo sacramento da palavra”, de que nos fala Unamuno, para dizer que um pensamento novo sacode o torpor hibernar das ciências e da filosofia, clássicas: o pensamento sistémico e complexo! E sem o clima tépido e morno das coisas fáceis, pois só se ancorou

a ideias moças e originais, após revoluções científicas (Kuhn), ou rupturas epistemológicas (Bachelard), ou cortes epistémicos (Foucault), ou revoluções paradigmáticas (Morin).

O modo objectivo, certo, determinista de observar o mundo que sobrenadava, na física clássica, foi posto em causa pela mecânica quântica que, através do mundo microscópico, nos ensina que o mundo não é o que ingenuamente vemos, na nossa vida quotidiana. A certeza e a objectividade são necessidades do sujeito, não quaisquer propriedades da matéria. A certeza inamovível decorre da ideia de um universo fiável, próprio de uma concepção mecânica do universo. Por outro lado, a separação sujeito-objecto franqueava-nos um mundo objectivo, no qual a subjectividade do sujeito não interferia nas leis por que o mundo se ordenava. A mecânica clássica e as suas concepções deterministas eram defendidas, com arreigada convicção, por muito vir probus que estudara Descartes, Newton, Locke, Kant e lera, com irresistível simpatia, os iluministas, designadamente Voltaire. No acúmen do seu fulgor intelectual, escreveu Heisenberg: "As experiências, de facto, revelaram a completa mutabilidade da matéria. Todas as partículas elementares podem, sob energias suficientemente altas, transformar-se noutras" (Física e Filosofia, UnB, Brasília, 1999, p. 30). A contribuição de Ilya Prigogine para a hodierna filosofia das ciências é de fundamental importância. Prémio Nobel da Química, faleceu em Maio de 2003. No entanto, fechado em si, Dominique Lecourt, coordenador da *Encyclopédie des Sciences / Le livre de poche*, (1998) silenciou o nome de Prigogine, nesta prestigiada obra, engrossando, também ele, as hostes dos integristas do racionalismo da ciência clássica que, impotentes e infelizes, põem em dúvida algumas das descobertas de Prigogine que, em síntese, trazem consigo uma revolução autêntica, na maneira de pensar o mundo e a sua evolução. No revolutear da memória, relativamente a Prigogine ocorre-me que:

nasceu em Moscovo, em 25 de Janeiro de 1917;

os pais manifestaram pelo regime soviético uma esperança tão ténue, tão fluida que se refugiaram em vários países da Europa, fixando-se definitivamente, por fim, na pacata Bélgica;

es científicas (Kuhn), ou cortes epistémicos (Fou-
rin).

sta de observar o mun-
foi posto em causa pela
ndo microscópico, nos
amente vemos, na nossa
ade são necessidades do
matéria. A certeza ina-
fiável, próprio de uma
outro lado, a separação
do objectivo, no qual a
nas leis por que o mun-
sua concepções deter-
la convicção, por muito
ton, Locke, Kant e lera,
designadamente Voltai-
il, escreveu Heisenberg:
completa mutabilidade
res podem, sob energias
utras" (Física e Filosofia,
uição de Ilya Prigogine
de fundamental impor-
ceu em Maio de 2003.
e Lecourt, coordenador
poche, 1998) silenciou
obra, engrossando, tam-
acionalismo da ciência
em em dúvida algumas
síntese, trazem consigo
pensar o mundo e a sua
lativamente a Prigogine

de 1917;
ético uma esperança tão
rios países da Europa, fi-
ta Bélgica;

a súbita solidariedade dos belgas os empolgou e que Prigogine
adquiriu a nacionalidade belga, em 1949; que, em 1941, na Univer-
sidade Livre de Bruxelas, se licenciou em ciências físico-químicas e
nela ganhou o estatuto de investigador e assistente; que se doutorou,
em 1945, nesta mesma Universidade, com a tese seguinte: *Étude
Thermodynamique des Phénomènes Irreversibles* e que, a partir daí,
iniciou um demorado processo de investigação que o levaria a for-
mular, em 1967, o conceito de "estrutura dissipativa", numa comu-
nicação que dava pelo nome de *Structure, Dissipation and Life*;

foi distinguido pelo prémio Nobel da Química, após, em 1965,
ter recebido o prémio Solvay;

Em 1971, na companhia de Paul Glansdorff, escreveu o livro
Structure, Stabilité et Fluctuations e nomearam-no director do Cen-
ter for Statistical Mechanics and Thermodynamics da Universidade
do Texas;

Em 1977, firmado em razões que ele julgou de indiscutível rigor,
publicou uma obra fundamental à compreensão do seu pensamento
científico, *Self-Organization in Non-Equilibrium Systems*;

Em 1979, na companhia de Isabelle Stengers, escreve o li-
vro *La Nouvelle Alliance – métamorphose de la science*. E outras
obras ofereceria ao seu público leitor, como adiante veremos!...
Confesso que me coleí avidamente, há anos atrás, à leitura deste
livro, donde respigo o seguinte da edição portuguesa: "Mas a
ciência de hoje já não é a ciência clássica. Os conceitos básicos
que fundamentavam a concepção clássica do mundo encontra-
ram hoje os seus limites num progresso teórico, que não he-
sitamos em chamar uma metamorfose. A própria ambição de
reduzir o conjunto de processos naturais a um pequeno número
de leis foi já abandonada; as ciências da natureza descrevem, de
ora em diante, um universo fragmentado, rico de diversidades
qualitativas e de surpresas potenciais. Descobrimos que: "O di-
álogo racional com a natureza não constitui mais o sobrevoar
desencantado de um mundo lunar, mas a exploração, sempre
local e electiva, de uma natureza complexa e múltipla"(p.34).
Reparei, depois, que zoava, na vida universitária europeia, um
fervor anónimo de conversas, em relação às ideias de Prigogine.
Adentrei-me, depois, na leitura do livro, também editado, em

português, pela Gradiva, Entre o Tempo e a Eternidade, donde selecciono: "O universo clássico, infinito pelas suas dimensões espaciais, não deixa de ser fechado, no sentido de que a evolução e a novidade estão dele excluídas e de que qualquer evolução deve idealmente ser reduzida ao modelo dos movimentos periódicos" (p.206).

Mais tarde, já cansado da filosofia racionalista, demasiado exacta e magra, como as suas teorias, aceitei, sem dificuldade, o que encontrei, no prefácio do livro de Prigogine e Dilip Kondepudi, editado pelo Instituto Piaget, Termodinâmica – dos motores térmicos às Estruturas Dissipativas: "Passado meio-século, a nossa visão da natureza mudou radicalmente. Onde a ciência clássica falava de equilíbrio e de estabilidade, vemos agora flutuações, instabilidades, processos evolutivos. E isto a todos os níveis, desde a cosmologia à biologia, passando pela química". Foi já com um afecto humilde, que nascia do fundo da minha ignorância, que dei de frente com uma afirmação de Prigogine, em livro da sua autoria intitulado O Nascimento do Tempo: "A novidade a que, a pouco e pouco aderi, e que foi uma surpresa para mim, é que longe do equilíbrio a matéria adquire novas propriedades, típicas das situações de não-equilíbrio, situações em que um sistema, longe de estar isolado, é submetido a fortes condicionamentos externos (fluxos de energia ou de substâncias reactivas). E estas propriedades completamente novas são verdadeiramente necessárias para compreender o mundo à nossa volta" (Edições 70, Lisboa, p.26).

Neste momento, quando transpus o átrio de algumas dúvidas, posso fazer minhas as palavras de Immanuel Wallerstein, em livro organizado por Boaventura de Sousa Santos, Conhecimento Prudente Para Uma Vida Decente: "É importante perceber o que são e o que não são os estudos da complexidade. Não se trata de rejeitar a ciência, enquanto modo de conhecimento. Trata-se de rejeitar uma ciência baseada na concepção de uma natureza passiva, em que toda a verdade já está inscrita nas estruturas do universo. Trata-se na verdade de acreditar que o possível é mais rico do que o real" (Edições Afrontamento, Porto, 2004, p. 121). Soerguem-se da tumba Marx e Engels, com a sua dialéti-

o e a Eternidade, donde o pelas suas dimensões sentido de que a evolução de que qualquer evolução do modelo dos movimentos

acionalista, demasiado itei, sem dificuldade, o Prigogine e Dilip Konrmodinâmica – dos mo-Passado meio-século, a mente. Onde a ciência idade, vemos agora flutivos. E isto a todos os assando pela química”. cia do fundo da minha ifirmação de Prigogine, iscimento do Tempo: “A e que foi uma surpresa matéria adquire novas ão-equilíbrio, situações lo, é submetido a fortes ergia ou de substâncias tamente novas são ver-nder o mundo à nossa

rio de algumas dúvidas, nuel Wallerstein, em li-i Santos, Conhecimento ortante perceber o que plexidade. Não se trata conhecimento. Trata-se epção de uma natureza inscrite nas estruturas editar que o possível é umento, Porto, 2004, p. zels, com a sua dialécti-

ca da natureza, que Prigogine não segue à letra, mas que bordeja, curioso e lúcido. A recusa do aleatório, do caos, do possível, raiada de certezas e de convicções, estava no cerne do mundo de Descartes e Newton. A ideia de que a ordem, como estado de equilíbrio, resulta de uma desordem prévia, emerge do pensamento de Prigogine, desde o alvorecer das suas descobertas. E, convenhamos, alvoroçou-nos a todos os que nascemos, para o conhecimento científico, na ordem e no determinismo até. Ilya Prigogine apareceu-me como um furacão, derrubando a física das certezas e onde o passado não assumia a importância capital de que gozava na física de Newton. Vale a pena relê-lo, com vagar, na entrevista concedida ao *l'Humanité*, de 22 de Novembro de 1994: “As leis de Newton reenviam a uma noção teológica da natureza. Para Deus, tal como o homem o concebe, não há diferença entre o passado e o futuro. Daí, o valor concedido à noção de simetria. Na visão que exprime a ciência clássica, sustentada por uma razão intemporal, não há lugar para o devir. Querendo denunciar esta concepção, afastei-me dos repetidores da ciência normal, que abriram à volta das minhas descobertas, ou um silêncio absoluto, ou um sonoro cepticismo”.

Na realidade, a noção de caos deixava vexados os “repetidores da ciência normal”, pois que os empurrava a repensar tudo o que defendiam, com desaforada embófia. Os conceitos de probabilidade e de irreversibilidade acentuavam os limites da sua ciência, diziam-lhes que tudo é tempo, que o universo é história, que uma concepção dualista do mundo não tem sentido (ou seja, de um lado o mundo do ser humano com a sua liberdade e do outro o da matéria com o seu determinismo). De facto, tudo é tempo. Daí, o ser necessário revisitar, para actualizar, os nossos conhecimentos. As ciências evoluem, em movimento implacável. Assim, se tudo está em tudo, muito há, por inventar, no futebol.

VIII - Ciência e Cultura

Torno à citada entrevista de Prigogine: “A probabilidade não é uma perda de saber, mas um ganho”. Karl Popper queria dizer o mesmo, quando no seu *Conhecimento Objectivo* (cito de cor) afirmava: “A física clássica interessava-se, acima de tudo, pelos relógios. A física hodierna interessa-se principalmente pelas nuvens”. E não só a física, ou as ciências duras, ou as ciências exactas, mas também as ciências humanas ou as ciências moles. Folheemos, de novo, o *l'Humanité*: “Tenho a consciência de que as mudanças que hoje acontecem, no âmbito científico, encontramos-las também, no plano cultural. Vivemos um período que já não crê nos dogmas herdados do passado. Quer seja o dogma cristão, ou o liberal, ou o marxista. Ciência e Cultura atravessam dúvidas semelhantes. Isso mostra, aliás, que o conhecimento científico é bem deste mundo e, por isso, não se encontra capaz de nos transmitir uma verdade absoluta sobre a matéria que estuda”. Em *le Chaos et l'Harmonie – La fabrication du réel* (Fayard, Paris, 1998), Trinh Xuan Thuan notável astrónomo vietnamita, professor na Universidade da Virgínia, nos Estados Unidos, sustenta que “com a teoria do caos, o acaso e o não determinismo invadiram, não só a nossa vida de todos os dias, mas também o domínio dos planetas, das estrelas, das galáxias”. E mais adiante: “O caos libertou a matéria da sua inércia. Ele permite à natureza (homem incluído) entregar-se a um jogo criativo, produzir o novo não anunciado, pelos seus estados precedentes”. Se assim não fosse, como poderíamos entender a noção de complexidade? Conheci, no futebol português, admiráveis jogadores-artistas, como o Jorge Mendonça e o Manuel Vasques (Sporting), ou o Hernâni e o António Oliveira (F. C. Porto), ou o António Simões e o João Alves (Benfica). Tinham o imprevisível do caos e o fulgor da arte. Mas (volto ao tema): não se pode ser um jogador notável, sem uma equipa – equipa que

se vai fazendo à medida que vai crescendo, dentro de todos os que a constituem, a certeza de um objectivo nítido. Uma grande equipa vive de uma grande crença!

Prigogine elucida, a propósito, que “tradicionalmente, chamamos simples aos sistemas que têm poucos graus de liberdade e complexos aos sistemas que se descrevem com numerosos graus de liberdade”. E que “a emergência, longe do equilíbrio, de novas estruturas levanta questões essenciais, no plano industrial e científico. Dizem também respeito ao ambiente, à climatologia, como à criação de novos materiais, de novos algoritmos, à neurofisiologia, ou à correlação dos elementos que formam as linguagens ou os genomas” (Ilya Prigogine, in Vários Autores, *A Sociedade em Busca de Valores*, Instituto Piaget, Lisboa, 1998, p.233). No mesmo livro, Edgar Morin sublinha que a complexidade exige uma verdadeira reforma do pensamento, semelhante à provocada pela passagem do sistema geocêntrico ao sistema heliocêntrico. Com efeito, se a ciência constitui o domínio de muitas certezas, ela não é o domínio de nenhuma certeza absoluta. Com o autor de *O Fim das Certezas* (livro que Prigogine publica, em 1996), cada raiz do nosso ser se ilumina de uma inesperada liberdade, porque não somos pessoas pré-determinadas. Recordo, neste passo, a *Crítica da Razão Dialéctica*, de Sartre, quando ele chama “charlatão” a Karl Jaspers, por exprimir, na sua obra, um “optimismo teológico que não ousa dizer o nome”. Certo dia, Prigogine visitou a Universidade Lomonossov, de Moscovo, e o seu anfitrião, o cientista russo Ivanenko, solicitou-lhe, cortesmente, que deixasse uma frase num muro, onde já tinham escrito os físicos Niels Bohr e Paul Dirac. Ele, de olhos fosforescentes, adiantou: “O tempo precede a existência”.

O fim das certezas convida-nos a superar a falácia de um universo material, subordinado ao determinismo de leis inalteráveis (ou à redução das ciências ao modelo epistemológico da física newtoniana), lado a lado com o ser humano, livre e responsável. É que a matéria não se cansa de inventar! Por isso, o futuro, se não é totalmente imprevisível, não é absolutamente previsível. Baseando-nos em Prigogine, poderemos opinar que o determinismo é de origem religiosa, como se torna evidente, no caso de

Leibniz. Se o Homem foi feito à imagem de Deus, o Homem é a primeira de todas as criaturas e com a missão de modelar a face da Terra, como a Bíblia o revela. Demais, a ruptura ontológica, entre a razão e o mundo, reproduz a separação alma-corpo. O mundo é uma grande máquina des-espiritualizada, com leis inalteráveis, que os especialistas dos vários ramos do saber hão-de procurar pesquisar, para manipular as coisas a seu bel-prazer. Galileu (condenado em 1616), Bacon (*Novum Organum*, 1620) e Descartes (*O Discurso do Método*, 1636) iniciam a modernidade, insistindo neste ponto. Não se timbra muito, nos meios universitários, em referir que o racionalismo moderno é uma construção eurocêntrica, desde Descartes e os iluministas, passando por Weber e até Habermas, nem que se considerou as outras culturas e povos da Ásia, da África e da América Latina, como periféricos, constituídos por sub-homens, dado que pareciam mais próximos da natureza. Há testemunhos forrageados em autores nacionais e estrangeiros que assim o comprovam.

No meu modesto entender, o “ego cogito” (eu penso) foi precedido pelo “ego conquiro” (eu conquisto). O próprio desporto nasce profundamente colonizado pelo racionalismo da “época vitoriana”. Aliás, a Europa da modernidade pensa... para explorar, subjugar, enriquecer. O futebol brasileiro já proclamou, inúmeras vezes, que a superioridade da raça branca é uma colossal mentira. Portugal aproveitou-se de dois moçambicanos, Eusébio e Coluna, para se afirmar no mundo do futebol. Hoje, Didier Drogba, Samuel Eto'o e tantíssimos mais (como, há mais de 60 anos, Larbin Ben Barek ou, há mais de 50, Matateu) mostram qualidades de que poucos futebolistas brancos usufruem.

IX - Um Projecto Pós-moderno emancipador

Em entrevista concedida ao Club de la Press TSF-Huma (23 de Janeiro de 1996), Ilya Prigogine reafirma: “Estamos, hoje, diante de uma natureza mais autónoma. Logo, a relação de domínio não se justifica. A relação homem-natureza está mais próxima da relação, que deve existir, de um homem com outro homem”. Prigogine supera o mito do racionalismo eurocêntrico... que escravizou a natureza e as mulheres e os homens doutras raças! Ele, se não laboro em erro crasso, não encima um projecto pré-moderno, como afirmação folclórica do passado; nem um projecto anti-moderno de qualquer grupo neofascista; nem um projecto pós-moderno de negação radical do racionalismo moderno – mas um projecto pós-moderno emancipador, em que a razão resulta da complexidade humana, em que a natureza é o radical fundante dessa complexidade (“eu sou meu corpo” disseram-no Maurice Merleau-Ponty, na *Fenomenologia da Percepção* e o português Vergílio Ferreira, em livro muito citado e pouco lido, *Invocação ao meu Corpo*) e em que o mito civilizador e evangelizador da Europa Ocidental se transforma em respeito pelo multiculturalismo. O próprio cristianismo se deixou confundir com a modernidade racionalista e colonial. A concentração da riqueza e a distribuição da exploração e da pobreza, que a globalização neoliberal origina, continuam a misturar-se, aqui e além, com a cultura ocidental, no seu todo. Ilya Prigogine; ao propor um novo diálogo homem-natureza; ao questionar o determinismo que tradicionalmente se reconhecia, nas leis científicas; ao sublinhar, com uma curiosa galeria de afirmações, que a matéria é muito mais criadora do que habitualmente se pensa; ao tentar conciliar a cultura científica com a cultura histórico-filosófica; ao declarar que o irracional é a fonte de renovação de

IX - Um Projecto Pós-moderno emancipador

Em entrevista concedida ao Club de la Press TSF-Huma (23 de Janeiro de 1996), Ilya Prigogine reafirma: “Estamos, hoje, diante de uma natureza mais autónoma. Logo, a relação de domínio não se justifica. A relação homem-natureza está mais próxima da relação, que deve existir, de um homem com outro homem”. Prigogine supera o mito do racionalismo eurocêntrico... que escravizou a natureza e as mulheres e os homens doutras raças! Ele, se não laboro em erro crasso, não encima um projecto pré-moderno, como afirmação folclórica do passado; nem um projecto anti-moderno de qualquer grupo neofascista; nem um projecto pós-moderno de negação radical do racionalismo moderno – mas um projecto pós-moderno emancipador, em que a razão resulta da complexidade humana, em que a natureza é o radical fundante dessa complexidade (“eu sou meu corpo” disseram-no Maurice Merleau-Ponty, na Fenomenologia da Percepção e o português Vergílio Ferreira, em livro muito citado e pouco lido, *Invocação ao meu Corpo*) e em que o mito civilizador e evangelizador da Europa Ocidental se transforma em respeito pelo multiculturalismo. O próprio cristianismo se deixou confundir com a modernidade racionalista e colonial. A concentração da riqueza e a distribuição da exploração e da pobreza, que a globalização neoliberal origina, continuam a misturar-se, aqui e além, com a cultura ocidental, no seu todo. Ilya Prigogine; ao propor um novo diálogo homem-natureza; ao questionar o determinismo que tradicionalmente se reconhecia, nas leis científicas; ao sublinhar, com uma curiosa galeria de afirmações, que a matéria é muito mais criadora do que habitualmente se pensa; ao tentar conciliar a cultura científica com a cultura histórico-filosófica; ao declarar que o irracional é a fonte de renovação de

muitas normas racionais: Prigogine foi actual. Não diz o mesmo Gilles Deleuze, na sua *Logique du sens*? Ilya Prigogine viveu a vida que merece ser vivida, isto é, teve o mérito de ver primeiro que outros, e de ver bem, que o mundo material tem história e que o importante não é só o ente humano, o cogito individual e individualista, mas também a emergência da complexidade donde irradia a própria instância humana. De facto, se o real é complexo, só o pensamento complexo poderá tentar explicá-lo e compreendê-lo. Segundo Edgar Morin, em artigo publicado em *le Courrier de l'Unesco* (Fevereiro de 1996), a noção de complexidade muito deve ao matemático norte-americano, John von Neumann (1903-1957), ao físico von Foerster, ao biólogo Henri Atlan e a Ilya Prigogine que introduziu, na comunidade científica e de modo original, a ideia de organização, a partir da desordem.

Escoando-se-lhe da boca e martelando as palavras, Jacques Monod repetiu, com insistência, as frases célebres que vertera em *O Acaso e a Necessidade*: "A velha aliança quebrou-se. O homem sabe finalmente que está só, na imensidão indiferente do universo, onde ele apareceu por acaso. Sabe agora que, como um cigano, encontra-se à margem de um universo, onde tem de viver – universo surdo à sua música, indiferente às suas esperanças, bem como aos seus sofrimentos ou aos seus crimes". Ilya Prigogine diz-nos, ao invés, que o verdadeiro conhecimento é o que se mostra capaz de contextualizar, de reunir, de globalizar. Entre o ser humano e o mundo há relações indispensáveis, visto que sem o mundo o homem não se compreende e sem o homem o mundo não se explica. Homem e mundo formam uma comunidade: Vivemos no mundo e o mundo vive em nós. Por outro lado, de acordo com o mesmo Prigogine, verifica-se uma dimensão histórica nos fenómenos naturais e, assim, no lugar de um mundo feito de uma vez por todas, eis-nos diante de um mundo em permanente evolução e que apela à unidade do material e do espiritual até para uma implantação prática de todo o acto cognoscitivo. Poderia citar José Barata Moura, no seu livro *Ideologia e Prática* (editorial Caminho, Lisboa, p. 84): "O conhecimento nunca é desvendamento do real, por parte de uma consciência

ctual. Não diz o mesmo Ilya Prigogine viveu a mérito de ver primeiro material tem história e ano, o cogito individualidade da complexidade na. De facto, se o real é poderá tentar explicá-lo n, em artigo publicado 1996), a noção de com-norte-americano, John on Foerster, ao biólogo oduziu, na comunidade organização, a partir da

do as palavras, Jacques ses célebres que vertera ança quebrou-se. O ho-nsidão indiferente do Sabe agora que, como 1 universo, onde tem de iferente às suas esperan- aos seus crimes". Ilya deiro conhecimento é o de reunir, de globalizar. ões indispensáveis, visto preende e sem o homem do formam uma comu- vive em nós. Por outro , verifica-se uma dimen- assim, no lugar de um os diante de um mundo nidade do material e do tica de todo o acto cog- ra, no seu livro *Ideologia* 84): "O conhecimento rte de uma consciência

etérea, mas função totalizante de um ser concreto que o assume e protagoniza. A consciência é sempre consciência de alguma coisa – o seu termo intencional – mas também consciência de alguém, isto é, de um ser determinadamente situado no mundo, o mesmo é dizer, num dado tempo e lugar". Em 1994, Ilya Prigogine publica *Les lois du chaos* (Flammarion, Paris), onde concluiu que: "A evolução se processa, através de leis, quer aquelas onde predomina o determinismo, quer aquelas onde predomina o probabilismo" (p. 34). As estruturas dissipativas, a reversibilidade do tempo, a incerteza como parte integrante do saber, a complexidade levantam interrogações que chegam a todas as comunidades científicas e fazem de Prigogine um vulto cintilante da ciência hodierna, quer vivendo um sentimento crepuscular, em relação à ciência clássica, quer anunciando tempos novos, que parecem irromper, irreprimíveis, da sua criatividade.

Para o filósofo espanhol Fernando Savater (*As Perguntas da Vida*, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 265): "A tarefa da filosofia é reflectir sobre a cultura em que vivemos e sobre o seu significado para nós (...): para isso, como é óbvio, é preciso ter a melhor formação cultural possível. Nem todas as pessoas cultas são filósofos, mas não há filósofos declaradamente incultos. E as ciências são parte imprescindível da cultura". Ora, sem esquecer também o que se deve a Humberto Maturana e Francisco Varela, com a sua teoria da autopoiesis, o que define vida, em cada sistema vivo individual, é a autonomia e a constância de uma determinada organização das relações que o constituem e porque, decorrente ainda da mesma teoria, sabemos que os processos moleculares e os seres vivos (vegetais, animais e humanos) são sistemas autopoieticos, autoorganizadores, auto-eco-organizadores e autorreferentes – já temos connosco a bagagem que nos permite "viajar", levando Edgar Morin como guia, até uma reforma geral do pensamento, que supõe:

Substituir o princípio determinista/mecanicista por um princípio dialógico, em que ordem/desordem/organização se relacionem, entre si, de modo antagónico e complementar;

Invocar um conceito sistémico, para entender as relações complexas entre as partes e o todo;

Reconhecer as autonomias, a partir dos conceitos de sistema aberto e de auto-eco-organização;

Integrar o sujeito observador no objecto observado;

Não esquecer a interrogação filosófica, durante e no fim de qualquer labor científico;

porque: "O acto de conhecer é ao mesmo tempo, biológico, cerebral, espiritual, lógico, linguístico, cultural, social, histórico, ele não pode dissociar-se da vida humana e das relações sociais" (E. Morin, *El Metodo III. El conocimiento del conocimiento*, Cátedra, Madrid, 1994, p. 33). O mundo noológico emerge da linguagem e mediante a linguagem, ressalta da cultura e através da cultura, desponta do biológico e por intermédio do biológico importa:

Observar, explicar e compreender, à luz do paradigma da complexidade, já que o real é multidimensional e complexo;

Substituir, quase sempre, a noção de objecto pela noção de sistema que se compõe de elementos, em diversos tipos de relações e conexões intrasistémicas.

conceitos de sistema

bservado;
ante é no fim de qual-

empo, biológico, cere-
cial, histórico, ele não
ões sociais" (E. Morin,
miento, Cátedra, Ma-
ge da linguagem e me-
és da cultura, despona
nporta:

lo paradigma da com-
complexo;

cto pela noção de sis-
sos tipos de relações e

X - Motricidade Humana

Para mim, e tendo em conta os estudos que venho realizando com (e não sobre) a motricidade humana, há factores culturais da maior importância, na conquista do sentido da vida e na grande síntese donde nascem os valores. Mas tudo isto a *unitas multiplex* (o ser humano) pode abranger? A informar esta unidade múltipla há um anseio de transcendência, que é tanto uma vocação como um dever do sujeito. A motricidade humana (a energia para o movimento intencional da transcendência, ou da superação), que em actos (ou acções) se corporiza, é inseparável da consciência desta vocação e deste dever. Sem o anseio, visível no corpo em acto, de superação do que se é e do que se tem, não há sujeito. O ser humano só o é, enquanto acto de superação ou de criação. O ser humano, enquanto ser sem acto, é uma alienação, dado que a Verdade não é o Ser, à maneira do ontologismo tradicional – a Verdade é o que o existente faz da existência. A motricidade humana, enquanto ciência actual e portanto aberta, autopoietica, autorreferente, em processo contínuo de organização, produção e reprodução, não é algazarreada pela Comunicação Social. Na era da imagem, associada à ideia de consumo, o corpo surge como "o mais belo, precioso e resplandecente de todos os objectos" (Jean Baudrillard, *A Sociedade de Consumo*, Edições 70, Lisboa, 1975, p.212).

O modelo corporal ideal corresponde (dizem) a mais elegância, a mais força, a mais saúde. E fixam-no, com irreprimível sobrançeria, em corpos jovens de atletas e de artistas, se bem que um ou outro corpo de idoso apareça também, mas normalmente para apoiar a verdade do discurso médico, ou as excelências de alguns produtos dietéticos. Anthony Giddens, Norbert Elias, Pierre Bourdieu são autores que poderemos consultar para, de uma desafogada varanda, contemplarmos, surpreendermos o desporto, em plena sociedade do espectáculo. A motricidade

humana faz o trânsito do físico ao corpo em acto (ou acção), dando relevo ao texto que a motricidade produz e superando a dicotomia entre a compreensão e a explicação. Ora, esse mesmo texto acentua que não é pensando que somos, mas é sendo que pensamos e que a motricidade, também ela, decorre de estruturas dissipativas ou estruturas dinâmicas, que nos levam a uma ordem nova, a qual se caracteriza por um nível superior de organização e de aspirações. A aventura da vida resulta de uma tendência geral da matéria em organizar-se em sistemas cada vez mais heterogêneos; e orienta-se da unidade à diversidade, nascendo uma ordem nova e mais complexa, a partir da desordem. Por isso, na CMH, a ciência da compreensão e da explicação do movimento intencional da transcendência, que aí surge em actos, ou acções, não há educação de físicos, mecanicamente considerados, nem processos de colonização, por parte de técnicos ou de professores autoritários, porque o educando, ou o atleta, ou o bailarino, ou o paciente, é um sujeito que só de modo inter, trans, multidisciplinar poderá conhecer-se e que não pretende a superação de si, a partir de si, mas a superação de si, ao apelo do Outro, ou de Deus.

O paradigma clássico do educador e do técnico de saúde é o da intervenção-manipulação, tentando homogeneizar o discente ou o doente, de acordo com as normas que o Poder determina. Pensar o novo, investigar o diferente, aprender a aprender – são comportamentos que o Poder detesta e os seus esbirros de esquina ou de gabinete impedem, tanto pela “lei da força”, como pela “força da lei”. O acto, que para mim é sinónimo de acção, aliás em consonância com o Dictionnaire de la Philosophie Occidentale (Silvan Auroux, tome I, PUF, Paris, 1990), é o que eu hoje entendo como o visível da motricidade humana. O acto é o gesto mais qualquer coisa, a intencionalidade que também reflecte vontade e liberdade. Wittgenstein talvez possa ser invocado, neste passo, nas suas Investigações Filosóficas: “Este é o problema: o que ficará se subtrair o facto de que o meu braço se levanta do facto de que eu levanto o braço?”. A diferença está na intencionalidade da vontade. Só ao segundo gesto eu chamo “acto”. Ser, humanamente (a essência de Deus é indizível, para

nós)
ética.
no n
uma
os m
mens
profe
À
e mai
do sei
A
do co
pela “
A
ciplin
senho
sim, i
no gl
Ao
mo na
humana
não at
jecto
A
vação
científ
E a
Pos
(e não
lugar,
e a luc
des pe
os gre
incerte
determ
É p
mazia,
e a prá

nós) é agir, pela transcendência, como inovação ontológica e ética. É, através de cada um de nós, que Deus deve encarnar, no mundo. Sou eu que, através das minhas acções, empresto uma dimensão divina à realidade. Saber é encontrar as razões e os métodos que permitem a dimensão divina da realidade – dimensão divina, isto é, capaz, pela transcendência, de ruptura e profecia. Ruptura, em relação:

À ideia de que o ser humano é o Rei da Criação, seu conquistador e manipulador, que: reparou o sujeito do objecto e alguns sujeitos do seu semelhante, como é visível até na organização burocrática;

A um crescimento, apenas técnico e científico, onde as “razões do coração” não se conhecem e onde a “religião dos fins” se substitui pela “religião dos meios”;

A um conhecimento que fraccionou e separou as ciências em disciplinas, encerradas em si mesmas, propriedades privadas de alguns senhores feudais e de algumas classes profissionais, tornando-se, assim, incompreensível, perdido em verdadeiros labirintos, o fenómeno global e complexo do processo histórico;

Ao domínio exclusivo, ditatorial do quantitativo e do físico (mesmo nas suas formas pedagógicas), que eliminou do desenvolvimento humano o não-mensurável, o não-formalizável, o não-biológico e não atribui ao ser humano senão funções sem referência a um projecto de vida;

A políticas onde a afectação de recursos contemple tão-só a inovação tecnológica, a competitividade empresarial, a competência científica, sem outros valores, como a justiça social.

E a profecia que se manifesta, através de quatro postulados:

Postulado do ser como acto, como actividade inicial e iniciante (e não vaga e generalizante). É pela motricidade que, em primeiro lugar, nos afirmamos como seres vivos, que manifestamos a coragem e a lucidez de quem deseja mudar de paradigma, ou seja, das verdades pela sua procura, do monólogo pelo diálogo (não identificavam os gregos a essência da amizade, com o diálogo?), das certezas pelas incertezas também, do autoritarismo pela auto-organização e auto-determinação, da simplicidade pela complexidade.

É pela motricidade que se prova que o saber teórico não tem primazia, em relação ao saber prático. Na motricidade, a teoria é práxis e a práxis é teoria. Só assim a práxis poderá emancipar e a teoria não

deixará prender-se em qualquer idealismo subjectivo. Em termos históricos sociais concretos, não há história das ideias que não acompanhe, ou não antecipe, o processo histórico. O ser humano sabe, hoje, que pensar completa-se, no acto de transformar. Postulado da transcendência, pois que a motricidade, na sua historicidade intrínseca, é mesmo transcendência, ou superação, tentativa de relativizar e desdogmatizar. E assim um acto não pode deduzir-se do passado e há-de surgir com uma linguagem, indumentária da profecia. Este postulado significa a negação de qualquer determinismo ou dogmatismo. O ser humano não é objecto, mas sujeito da própria História.

Postulado profético, dado que nenhum acto deverá considerar-se como fim último. A motricidade humana tem sempre virtualidades, para superar a ordem socialmente estabelecida e o que o sujeito é e o que tem. A ausência de profecia é a ausência de movimento intencional, preanuncia a morte. É preciso, imperioso e urgente reconhecer que os conceitos e categorias científicos e filosóficos aparecem profundamente marcados de historicidade. Aponto, entre outros exemplos de profecia, alguns dos textos de Roger Garaudy (e que José Rui da Costa Pinto sintetizou, admiravelmente, no I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia), a Teologia e a Filosofia da Libertação e ainda a obra de Paulo Freire, Leonardo Boff, Enrique Dussel, Orlando Fals Borda e Alejandro Moreno.

Postulado de esperança. A motricidade humana é postulado da esperança, pois que todo o acto deve ser emergência de esperança, designadamente para quem se sente em movimento, para quem deseja, ardentemente, como os pobres e os explorados, uma práxis emancipadora. Para estes, o passado e o presente não lhes pertencem... só o Futuro!

A motricidade humana (onde se integram o desporto, a dança, a ergonomia, a reabilitação psicomotora e a actividade motora adaptada) há-de significar, hoje, ao contrário do que se pensou entre os séculos XVII e a metade do século XX, um novo paradigma do saber e do ser:

Porque todos os paradigmas clássicos, simplificadores e fragmentadores, deverão transformar-se em complexos e dialogantes;

Porque só se é, verdadeiramente, no movimento intencional da transcendência, ou seja, mesmo que não acaudatado por ninguém, na motricidade de novos possíveis.

XI - O Futebol é uma Ciência?

Edgar Morin, no seu livro *La Tête Bien Faite*, que pode ler-se em tradução portuguesa (edição de 2002, do Instituto Piaget, sob o título *Reformar o Pensamento*) fala-nos da necessidade imperiosa de: “Uma reforma, não programática, mas paradigmática” dos nossos conhecimentos. No mesmo livro, o seu autor escreve também: “A filosofia deve evidentemente contribuir para o desenvolvimento do espírito problematizador. A filosofia é antes de mais uma força de interrogação e de reflexão que trata dos grandes problemas do conhecimento e da condição humana” (p. 25). Assim, se se apela a uma reforma paradigmática onde a filosofia assuma papel decisivo, ocorre-nos, sem grande esforço, a epistemologia, pois que, como quer Jean Piaget, ela estuda a “passagem dos estados de menos conhecimento aos estados de mais conhecimento” (*Logique et Connaissance Scientifique*, Gallimard, Paris, 1967, p. 7). Ora, a epistemologia geral insere-se no quadro global dos problemas respeitantes à gnosiologia, ou teoria do conhecimento. Karl Popper, no prefácio à edição inglesa da sua *Lógica da Descoberta Científica*, assinala que: “O problema central da epistemologia foi sempre e ainda é o problema do crescimento do conhecimento”, onde o conhecimento científico necessariamente se integra. As diversas epistemologias regionais fazem seus os problemas da epistemologia geral, ou seja, o distanciamento crítico em face dos dados imediatos da experiência e a justificação do conhecimento verdadeiro mas, porque se ocupam especificamente de cada uma das várias ciências, encontram-se intimamente relacionadas com o processo histórico da construção da verdade em cada uma delas.

“No entanto, é conveniente sublinhar, para evitar interpretações deformadoras, que toda a valorização do contexto histórico dos conhecimentos científicos, que o pensamento epistemológico tem sublinhado a partir de Thomas Kuhn, não responde a interesses de

teor historicista, mas visa antes compreender que factores intervêm na sua modelação” (José Luís Brandão da Luz, *Introdução à Epistemologia – Conhecimento Verdade e História*, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2002, p.14). O jornal português *A Bola*, de 6 de Agosto de 2006, referia uma entrevista de Luís Figo ao canal televisivo do Inter de Milão: “Estou como o vinho do Porto. Sinto-me bem, cada vez melhor, pronto para ajudar o Inter, em todas as competições” afirmou o conhecido futebolista. Questionado sobre o excelente Mundial de 2006, protagonizado pela selecção portuguesa, o médio lusitano elogiou a boa preparação realizada, a enorme força de vontade e as qualidades de Scolari: “É possível que ninguém esperasse que chegássemos tão longe. Mas nós sempre acreditámos. Essa força de vontade foi determinante. Mas o mais importante foi mesmo o papel de Scolari que, nestes anos de comando da selecção, tem feito um trabalho espectacular, não só a nível técnico-táctico, mas fundamentalmente no que respeita ao trabalho humano, na formação de um grupo fantástico”.

No futebol, como um dos aspectos da motricidade humana, é precisamente o humano, na sua globalidade, que ressalta. Não é o desporto que constitui o fim do ser humano, mas é este que é o fim do desporto. Realizar o humano no Homem – eis aí o objectivo primeiro do futebol. E por isso o futebol, quer como educação, quer como lazer, quer como saúde, quer como alto rendimento, há-de ser um humanismo integral. Toni, que foi jogador da Académica de Coimbra e jogador e treinador do Benfica (Scopelli, treinador do Belenenses, na década de setenta, chegou a dizer-me que o considerava o melhor médio da Europa) é uma figura exemplar de humanista. Quando, hoje, comenta um jogo de futebol, na televisão, as suas palavras são uma verdadeira lição de ética! O futebol precisa de ética, para sua realização plena!... Do que vem de escrever-se até aqui se infere que o futebol não é uma ciência, mas é ciência, porque desporto, ou seja, uma especialidade da CMH. “Foi nos anos 70 que, inspirado no futebol total, Valery Lobanovsky (...), finda a carreira nos relvados, começou a congeminar, nos laboratórios de Kiev, junto com o seu fiel amigo e adjunto Vassiliev, o chamado futebol científico. Obra táctica sistematizada para deter o menos tempo possível a posse de bola, reduzindo o tempo a pensar com ela nos

r que factores intervêm
 uz, Introdução à Epís-
 ria, Imprensa Nacional
 rnal português A Bola,
 ta de Luís Figo ao canal
 vinho do Porto. Sintol-
 ar o Inter, em todas as
 a. Questionado sobre o
 pela selecção portugue-
 ão realizada, a enorme
 É possível que ninguém
 s sempre acreditámos.
 o mais importante foi
 e comando da selecção,
 a nível técnico-táctico,
 trabalho humano, na

notricidade humana, é
 , que ressalta. Não é o
 mas é este que é o fim
 m – eis aí o objectivo
 r como educação, quer
 lto rendimento, há-de
 jogador da Académica
 ca (Scopelli, treinador
 a dizer-me que o con-
 figura exemplar de hu-
 e futebol, na televisão,
 ética! O futebol precisa
 vem de escrever-se até
 cia, mas é ciência, por-
 CMH. “Foi nos anos
 obanovsky (...), finda a
 ar, nos laboratórios de
 assiliev, o chamado fu-
 ara deter o menos tem-
 o a pensar com ela nos

pés, preferindo o passe ao primeiro toque, com velocidade e eficaz
 ocupação de espaços vazios, em lineares jogadas de contra-ataque.
 O ideal colectivista, em forma de movimento táctico futebolístico.
 Um estilo que foi, durante décadas a imagem das equipas de leste
 (...). A primeira geração, nos anos 70, teve um líder incontestável:
 Oleg Blokhine, o avançado que corria à velocidade da luz e conduzia
 a bola ao ritmo do Kalinka e aliava o génio ao sentido táctico (...).
 Em 1975, venceu a Bola de Ouro, para o melhor jogador europeu
 do ano. A seu lado, na frente de ataque, jogava Onichenko. Duas
 flechas apontadas às redes contrárias. No meio-campo, o carrossel
 mecânico era composto por Burjak, Kolotov e Vermeiv” (Luís Frei-
 tas Lobo, op. cit., pp. 136-137). Em 1985, o laboratório de Lobano-
 vsky criou ainda uma segunda geração de talentos. Mas quedou-se
 por aí. Futebol científico é o que resulta, após crítica constante e
 renovação atempada, em vitórias. A ciência finda, quando a crítica
 termina, quando o seu objecto de estudo se dilui. E quando a prá-
 tica avisa a teoria que o seu “código de leitura” envelheceu. Só que
 nem todos sabem escutar a prática...

XII - Futebol & Motricidade Humana

Quando as ciências, nos séculos XVI e XVII, despontaram no mundo ocidental, foram forçadas a disputar, com outras formas do conhecimento, nomeadamente a teologia, os seus paradigmas. Acontece o mesmo, hoje, com a CMH, a mais nova das ciências humanas, onde o desporto (e portanto o futebol) se integra. A sua imaturidade permite que outras ciências pretendam apropriar-se das suas problemáticas. No entanto, se a epistemologia dá conta de que esta ciência se encontra em período de formação, assinala também a sua indispensabilidade. Os preconceitos anti-CMH têm raízes no passado e no presente:

No passado, pelo positivismo reinante, desde o século XIX até à segunda metade do século XX, onde só se consideravam “científicos” os métodos das ciências da natureza;

No presente, por desfasamento cultural e reacção de defesa, comportamentos típicos de quem se encontra instalado ou envelhecido e sem confiança e coragem para gerar transformações estruturais.

Mas não nos podemos furtar a esta interrogação: O que nos impede, num tempo em que se anunciam novos saberes, a criação de uma nova ciência onde uma profissão encontre a sua fundamentação científica? Para nós, o futebol, como desporto que é, radica na Motricidade Humana. De facto, sem movimento intencional e sem vontade de transcendência, não é possível a prática desportiva. Na introdução do livro Epistemologia, Mario Bunge apontava, no alvorecer da década de oitenta, que a epistemologia, ou filosofia da ciência, era o domínio mais importante da filosofia, nos últimos cinquenta anos. No livro atrás citado, da sua autoria, Piaget referia que a epistemologia ganha importância indiscutível, em períodos de crise da ciência, como a que hoje vivemos, dado que: “Existe a inadequação cada vez

mais ampla, profunda e grave entre os nossos saberes separados, partidos, compartimentados entre disciplinas e por outro lado as realidades ou problemas cada vez mais poldisciplinares, transversais, globais, planetários. Nesta situação, tornam-se invisíveis: os grandes complexos, as interações e retroações entre as partes e o todo, as entidades multidimensionais, os problemas essenciais” (Edgar Morin, *Reformar o Pensamento*, op. cit., p.13). Assim, a introdução da epistemologia, num programa disciplinar, torna-se, não só necessário, como há-de pretender ultrapassar a “crise da degenerescência” do paradigma racionalista e positivista que, com a hiperespecialização, trouxe de facto conhecimento, mas também, usando as palavras de Edgar Morin, “a ignorância e a cegueira”.

Uma epistemologia regional, que deve informar cada um dos saberes (por isso, é regional), deve ter em conta, conforme nos adverte Jean Piaget, que hoje se verifica uma tendência para a separação entre a filosofia e a epistemologia, ficando esta nas mãos de cientistas capazes de reflexão filosófica. Isto significa que é, através da prática científica, presente, por exemplo, em laboratórios e centros de investigação, que deverá estudar-se os fundamentos, a validade e os limites das várias ciências. Bachelard, Canguilhem, Lacan, Prigogine, etc. são exemplos de cientistas que se afastaram cautamente de uma epistemologia que não sabia conciliar a filosofia com as ciências, que faziam dela uma disciplina do tipo “literário”. Boaventura de Sousa Santos, na sua *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna (Afrontamento, Porto, 1989, pp. 33 ss.)* propõe a primeira e a segunda rupturas epistemológicas:

A primeira construída contra o senso comum, “necessariamente conservador e fixista” (p.34);

A segunda, pois que “uma vez feita a ruptura epistemológica, o acto epistemológico mais importante é “a ruptura com a ruptura epistemológica” (p.39), isto é, conceitos e preconceitos (ou até contemplação e acção) são elementos do mesmo todo e a síntese de ambos insere-os numa totalidade onde estão integrais mas superados.

A CMH não é fruto tão-só de uma superior erudição, ou da meditação sobre informações eruditas – ela apresenta-se como

instrum
o vêm r
da moti
como te
nas que
principi
compre
logismo
conheci
rer. Cor
ras, Ged
em crer
é uma c
tica des
interpre
infinito
“A perce
ceber sin
Lisboa,
(Paulo C
do “erro
de um e
e não co
mento, a
preende
dade de
entende
demarca
pela sua
lidades
Gabriel
uma caoi
Universi
criativo
rente, qu
Obser
há uma

instrumento de conhecimento e meio de acção, como afinal já o vêm reconhecendo alguns treinadores desportivos. A filosofia da motricidade humana deverá percepcionar, portanto, a CMH como teoria e prática e desdobrando-se num feixe de disciplinas que dela nascem. E, porque ciência humana, assumindo principalmente, sem negar o apoio laboratorial, os métodos da compreensão e da interpretação. Sabemos dos riscos de psicologismo e de subjectivismo (iguais aos exageros anteriores do conhecimento objectivo e instrumental) em que se pode incorrer. Como Clifford Geertz (cfr. *La Interpretación de las Culturas*, Gedisa, Barcelona, 1992), no âmbito da antropologia, sou em crer que a descrição mais fidedigna dos factos desportivos é uma correcta interpretação, pois o que se vislumbra, na prática desportiva, são sinais, mensagens, textos, que podem ser interpretados e lidos – sinais, mensagens, textos de um número infinito de actos e de relações. António Damásio é explícito: “A percepção é tanto actuar sobre o meio ambiente, como dele receber sinais” (*O Erro de Descartes*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1999, p. 233). Demais, no futebol, há mais caosidade (Paulo Cunha e Silva) do que causalidade. A causalidade decorria do “erro de Descartes”, ao sustentar que o universo não passava de um enorme relógio mecânico. A caosidade ensina a pensar e não como se deve pensar. “A elevada fragmentação do conhecimento, alicerçada na ideia clássica de dividir para melhor compreender, desembocou numa hiperespecialização de uma infinidade de áreas e espaços disciplinares que, conhecendo tudo, não entendem nada. Estes territórios, encontrando-se perfeitamente demarcados e cristalizados geograficamente, não conseguem, pela sua rigidez, abrir-se e adaptar-se à multiplicidade das realidades caóticas, dos devires inter cruzados do Mundo” (João Gabriel Jardim Caldeira, *A acção homeodinâmica: a caminho de uma caoicologia do homem no desporto, tese de doutoramento, Universidade da Madeira, 2008, p. 33*). Daí, que ao treinador criativo possam considerá-lo um excêntrico. Ele é tão-só diferente, que escapa à indiferença generalizada...

Observa Le Breton que: “Há uma inteligência do corpo como há uma corporeidade do pensamento” (*Les passions ordinaires*.

Anthropologie des émotions, Colin, Paris, 2001, p. 35). Francisco Varela sustenta que: “a cognição é acção inscrita no corpo, ou acção incarnada” (Francisco Varela, Evan Thompson, Eleanor Rosch, L’inscription corporelle de l’esprit. Sciences cognitives et expérience humaine, Seuil, Paris, 1993, p. 234). O corpo em acto (ou em movimento intencional visando a transcendência) também comunica: “De facto, a linguagem verbal está longe de desempenhar, na interacção humana, o papel de quase exclusividade que tradicionalmente lhe tem sido atribuído” (Agostinho Ribeiro, O Corpo que Somos – Aparência, Sensualidade, Comunicação, Editorial Notícias, Lisboa, 2003, p. 201). David Le Breton ridiculariza mesmo a expressão “comunicação não verbal”, dizendo a propósito que: “Designar assim o conjunto dos processos simbólicos independentes da fala é, de facto, tão rigoroso como chamar não peixe vermelho ao conjunto dos peixes que não são dessa cor ou não terra ao que tem a ver com a água ou com o ar” (op. cit., p.33). A função comunicacional do corpo deverá merecer especial atenção de quem lidera a prática desportiva e a dança e a ergonomia e a reabilitação. Como modalidade desportiva e, por isso, como uma das especialidades em que a CMH se desdobra, o futebol, como desporto que é, há-de assumir-se como elemento de uma nova ciência humana. Se é verdade, como Foucault o assevera, que “o homem é uma invenção recente”, cabe ao futebol, como fenómeno de magia incomparável, reinventar um “homem novo” plural, aberto, complexo, onde se tornem evidentes os principais elementos da complexidade humana. Afinal, o habitual, no futebol (como no desporto), é uma lógica da complexidade onde, num todo, tudo se associa e é complementar.

01, p. 35). Francis-
 inscrita no corpo,
 Thompson, Elea-
 Sciences cognitives
 234). O corpo em
 a transcendência)
 verbal está longe de
 del de quase exclu-
 atribuído" (Agos-
 ência, Sensualidade,
 03, p. 201). David
 "comunicação não
 r assim o conjunto
 fala é, de facto, tão
 o conjunto dos pei-
 ue tem a ver com a
 comunicacional do
 tem lidera a prática
 ilitação. Como mo-
 das especialidades
 no desporto que é,
 va ciência humana.
 e "o homem é uma
 enómeno de magia
 vo" plural, aberto,
 cipais elementos da
 o futebol (como no
 de, num todo, tudo

XIII - Futebol, Novos Paradigmas e Complexidade

Deverá exprobar-se o expediente (mais frequente do que se julga) de proclamar crises e rupturas e não pensar em novos paradigmas. De facto, há quem seja useiro em assumir "rupturas na continuidade". Para a descontinuidade, olham-na com a sobranceira dos tímidos. As revoluções científicas (Kuhn), as rupturas epistemológicas (Bachelard), os cortes epistémicos (Foucault) e as revoluções paradigmáticas (Morin) põem em causa o saber institucionalizado e burocrático, académico e ortodoxo. E, entre a normalidade administrativa e a loucura criativa, os carreiristas procuram vibrar a estocada mortal em tudo o que lhes pareça desviante do oficialmente estabelecido, ou do que é "moda" defender. Só que, hoje, a objectividade, em sua versão clássica, que asseverava existirem separados sujeito observador e objecto observado, ou que ao sujeito observador não restava outro caminho do que aceitar o objecto como real, absoluto e transcendente – está ultrapassada, sofre de uma visão anacrónica. Com efeito, o que o observador contempla é o que as suas próprias concepções, cosmovisões, ideologia e linguagem lhe permitem ver.

O que observamos não são os ditames rigorosos da natureza, mas a natureza resultante dos nossos modos de questionamento. A certeza e a objectividade são uma necessidade do sujeito e não uma propriedade da natureza e resultam de uma concepção mecânica do universo. A incerteza, por outro lado, bem longe da ortodoxia e do dogmatismo, abre-nos as portas à heterodoxia, à criatividade, à liberdade, à democracia cognitiva. Até ao século XIX, por circunstâncias que não vale a pena rememorar, a ciência não era mais do que a física, designadamente a mecânica newtoniana. A partir de princípios do século XX, com o surgir da física quântica, é verdade que no

mundo macroscópico se verifica algum determinismo, do mundo microscópico e quântico, no entanto, só probabilidades emergem. As teses mais recentes sobre a física quântica não nos falam de objectividade à maneira clássica, mas de conexões e relações. As palavras de Heisenberg cabem perfeitamente, neste passo: "El mundo aparece entonces como un complicado tejido de acontecimientos, en el que conexiones de distinta índole alternan o se superponen o se combinan, determinando así la textura del conjunto" (in Fritjof Capra, *La trama de la vida. Uma nueva perspectiva de los sistemas vivos*, Anagrama, Barcelona, 1996, p. 50). Se nos é possível resumir o que aprendemos em Morin, em Luhman e em Maturana:

Ler a realidade implica um processo que a intui como algo complexo e multidimensional;

As representações da realidade integram ordem-desordem-interacções-organização;

A realidade desponha de uma causalidade complexa, correlativa, determinista, aleatória, onde todos estes elementos mutuamente se inter-relacionam;

Um sistema aberto é de facto uma unidade complexa de diversidades, multiplicidades e antagonismos.

São conhecidas as palavras de Edgar Morin, em *O Paradigma Perdido*: "Começa a era de uma teoria aberta, multidimensional e complexa". Daí, através da complexidade, a necessidade de novos paradigmas. A CMH apresenta um paradigma novo: O ser humano, no movimento intencional da transcendência (ou superação). Trata-se, indubitavelmente, de uma teoria aberta, multidimensional e complexa, que está presente, por exemplo, em todos os ramos profissionais dos ainda denominados "professores de educação física". É a motricidade humana, ou o corpo no movimento intencional da transcendência, que eles trabalham e que estudam. No desporto, na ergonomia, na dança, na reabilitação, etc. o que está presente senão a motricidade humana, ou seja, o corpo em acto? E não nos acusem de idealistas empedernidos por adiantarmos o novo, por rejeitarmos qualquer estrutura imperialista – não é platonismo puro uma liberdade conscientemente edificada e vivida. Focando a possibilidade de novos paradigmas, no nosso campo de estudo, pergunta-se:

minismo, do mundo
 babilidades emergem.
 não nos falam de ob-
 es e relações. As pala-
 ste passo: "El mundo
 o de acontecimientos,
 an o se superponen o
 conjunto" (in Fritjof
 pectiva de los sistemas
 nos é possível resumir
 em Maturana:
 intui como algo com-

rdem-desordem-inte-

complexa, correlativa,
 entos mutuamente se

e complexa de diversi-

rin, em O Paradigma
 rta, multidimensional
 le, a necessidade de
 m paradigma novo:
 la transcendência (ou
 e uma teoria aberta,
 esente, por exemplo,
 denominados "pro-
 le humana, ou o cor-
 ência, que eles traba-
 nomia, na dança, na
 a motricidade huma-
 sem de idealistas em-
 rejeitarmos qualquer
 puro uma liberdade
 lo a possibilidade de
 estudo, pergunta-se:

É ou não, a Motricidade Humana, isto é, o ser humano em movi-
 mento intencional, visando a superação, o que os técnicos e trei-
 nadores de futebol estudam e trabalham? Por isso, nos cursos
 superiores de desporto e nos cursos de treinadores de futebol, a
 filosofia não quer formar professores e treinadores, unicamente
 teóricos, mas estudiosos que saibam que a prática do futebol
 também é teoria, porque não há prática universitária que não
 se desenvolva à luz de uma teoria científica, de uma disciplina-
 ridade que permita a necessária interdisciplinaridade. A prática
 é mais importante do que a teoria e a teoria só tem valor, se
 for a teoria de uma determinada prática. No entanto, a teoria é
 indispensável... para perspectivar e antecipar uma nova prática.

Edgar Morin defende uma reforma geral do pensamento e,
 em particular, das ciências sociais, que assim se sintetiza:

Substituir o princípio determinista-mecanicista por um princí-
 pio dialógico em que ordem-desordem-organização apareçam em
 relações, ao mesmo tempo complementares e antagónicas e em que
 os vários fenómenos estejam sujeitos ao azar, a instabilidades e a
 bifurcações de várias ordens;

Superar a oposição reducionismo-holismo por um conceito sis-
 témico, que integre as relações complexas entre as partes e o todo;

Indivíduo, grupo, espécie, sociedade, cultura são sistemas autó-
 nomos, abertos, termodinâmicos, na sua auto-organização e auto-
 -eco-organização, ou seja, na sua organização que, embora autónoma,
 encontra-se em relação dialéctica com outros sistemas circunvolven-
 tes;

Cada sistema social a observar é um polissistema composto por
 sistemas de sistemas.

Qualquer sistema é complexo na sua organização, funções e rela-
 ções com a natureza e a cultura. O futebol, portanto:

É uma unitas multiplex, ou seja, é unidade e diversidade, é um
 megassistema composto por elementos que, por sua vez, são siste-
 mas de sistemas de sistemas, em contínuas interações, conexões e
 interpenetrações;

Ao ser uno e múltiplo, é necessariamente complexo, o que sig-
 nifica que as relações entre os seus elementos, processos e níveis são
 concorrentes, antagónicos e complementares.

Um ponto é de realçar: enquanto nas ciências da natureza o seu domínio de investigação pertence a uma esfera de realidade diferente do sujeito, nas ciências humanas o objecto de estudo pertence à esfera de realidade do investigador.

Daí, o não dever estranhar-se os temas como este: Dilthey e a distinção entre a explicação, própria das ciências da natureza, e a compreensão, típica das ciências humanas. Ortega y Gasset anteviu que a religião do homem do século XX seria o futebol e o historiador Eric Hobsbawen definiu o futebol como a religião laica da classe operária.

Na segunda metade do século XX, o Cruzeiro formou um "time" de classe invulgar. O Arcebispo de Belo Horizonte, de então, e torcedor do Atlético Mineiro, D. Serafim Fernandes de Araújo, chegou a confessar desanimado: "Por mais que reze, não tem jeito. Esse Tostão é mesmo infernal". Nos finais do século XX, o célebre Padre Lino abençoava os jogadores do Vasco da Gama, antes dos jogos. Alguns "homens do futebol" (e não só), ao pretenderem cientificar esta modalidade desportiva, julgaram ter expulsado o mito para a pré-história do saber racional. Enganam-se: o racional e o irracional pactuam, em qualquer trabalho criador!

Heidegger e a compreensão como um existencial do ser-aí. Estar-no-mundo é compreender e interpretar o Homem e a Vida. Assim, porque em primeiro lugar se situa a compreensão e a interpretação, é que o mundo e as coisas fazem sentido. As discussões dos "torcedores" e os comentários dos jornalistas comprovam a tese. Quantas vezes um remate falhado pode servir de centro e o centro canhestro pode resultar em golo? E, no entanto, porque o golo surgiu, o sofrível é interpretado e compreendido, como óptimo ou bom. O futebol (como qualquer competição desportiva) apresenta inúmeras possibilidades de re-significações.

O futebol e os paradigmas do saber. O conceito de conhecimento varia em conformidade com o período histórico a que diz respeito. Na recente História do Ocidente, Foucault destacou três períodos principais: O Renascimento (século XVI), a Idade Clássica (meados do século XVII até fins do século XVIII) e a Idade Moderna (princípios do século XIX até meados do século XX). E, se existe uma episteme, ou seja, uma relação sistemática entre discursos paralelos, que

ciências da natureza o seu
ra de realidade diferen-
o de estudo pertence à

como este: Dilthey e a
ciências da natureza, e a
Ortega y Gasset anteviu
o futebol e o historia-
a religião laica da classe

eiro formou um "time"
zonte, de então, e tor-
andes de Araújo, che-
ze, não tem jeito. Esse
lo XX, o célebre Padre
ama, antes dos jogos.
pretenderem cientificar
ado o mito para a pré-
onal e o irracional pac-

tencial do ser-aí. Estar-
mem e a Vida. Assim,
nsão e a interpretação,
discussões dos "torce-
rovam a tese. Quantas
o e o centro canhestro
te o golo surgiu, o so-
mo óptimo ou bom.
iva) apresenta inúmeras

ceito de conhecimento
ico a que diz respeito.
destacou três períodos
dade Clássica (meados
dade Moderna (princi-
. E, se existe uma epis-
discursos paralelos, que

configura as práticas discursivas de uma dada época, não admira que o discurso do futebol de hoje seja, principalmente, de competição, mercado e poder. O mercado é, hoje, no futebol, um "despotismo esclarecido", ou seja, rodeado de especialistas, mas absoluto! A propósito: justifica-se distinguir o mercado, como um bem, do capital, como um mal? É que o capital colonizou o mercado...

A importância fundamental da dimensão religiosa, na vida humana, exige, para o torcedor, a divindade dos grandes jogadores e que se vejam templos nos estádios. Pelé findou a sua carreira de jogador, em Outubro de 1974, ajoelhando-se, em pleno gramado, antes de ser substituído, em acto de adoração a um deus desconhecido. Será, no entanto, de assinalar que nem todos são "Pelés". Há pessoas que as julgamos grandes só porque as contemplamos de joelhos!

Na epistemologia geral, exposta na sua obra *Conhecimento e Interesse*, Habermas distingue três blocos fundamentais de ciências: as Ciências da Natureza (empírico-analíticas, técnicas ou positivas), as Ciências Humanas (histórico-hermenêuticas) e as Ciências Críticas. Estas distinguem-se das Ciências Humanas, pelo seu interesse emancipatório. A sua principal tarefa consiste em compreender teoricamente a nossa sociedade, com o interesse prático de a transformar num estádio superior de humanização. Poderá ser o futebol um dos sub-sistemas de uma ciência crítica, ou seja, capaz de crítica, problematização, demanda de fundamento e exploração do leque dos possíveis? "As marcas da aparição divina de Cruyff, no mundo do futebol, continuam bem vivas. Com ele, o futebol conheceu a sua quinta dimensão, um futebol de autor. Com a bola nos pés, como treinador, ou como mero observador. Um dom descrito no livro *Brilliant Orange*, onde se narra como analisava um jogador longe do relvado. A sua técnica não é boa, dizia. Mas como pode dizer isso tão seguramente? E Cruyff: "É óbvio. Quando ele chuta a bola, o som é o errado (...). Pelo simples som que a bola faz ao ser rematada, sabe-se para onde ela vai, a intensidade do remate, sua direcção e velocidade" (Luís Freitas Lobo, op. cit., p. 173). Só que uma ciência crítica, no nosso futebol globalizado, também procura os fundamentos económicos e políticos, que permitem a sua globalização.

A ciência da motricidade humana, fundamento epistemológico

do desporto (e portanto do futebol) concorre ao surgimento, não de uma filosofia do ser e do logos, mas de uma filosofia do acto e da relação. No caso do futebol, quer ontologicamente (o estudo da natureza da motricidade), quer epistemologicamente (o estudo do conhecimento sobre a motricidade), a raiz fundadora é o ser humano:

Ontologicamente, é o ser humano em determinado tipo de movimento e com determinados objectivos (não há nela movimento que não tenha sentido);

Epistemologicamente, é o ser humano estudando e questionando as características científicas dos fenómenos vários (e não um só) que decorrem do movimento intencional que procura a superação, que é o futebol .

Qualquer investigação séria se processa num quadro de referência inicial. No futebol, é a pluridimensionalidade humana que surge como radical. Daí, a CMH! Daí, o método da complexidade, onde até é necessária a arte de compreender o sentido, porque só compreende o humano quem compreender sentidos, significações, intenções! O desportista, o dançarino, o trabalhador, o paciente, a criança, o idoso, etc. não fornecem “dados” ao estudioso, como o positivismo entende esta palavra, mas “o horizonte do indivíduo à luz do seu contexto cultural e histórico e o horizonte de uma cultura ou história, reconstituído à luz da vida e da experiência individual” (Adolfo Yáñez Casal, Para uma epistemologia do discurso e da prática antropológica, Edições Cosmos, Lisboa, 1996, p.55).

Nesta perspectiva, a relação treinador-atleta processa-se, sobre o mais, ao nível do diálogo, da intersubjectividade. A compreensão, no desporto (como em toda a motricidade humana) é compreensão que passa pela linguagem, incluindo a linguagem corporal. Cabe, neste interim, Vergílio Ferreira: “A realidade última do meu ser é o corpo que sou, ou seja, o eu que ele é” (Invocação ao meu corpo, Bertrand, Lisboa, 1994, p. 256). A função do treinador resume-se, em primeiro lugar, a um acto interpretativo. O futebol surge assim como texto, contexto e sistema. Não se trata de uma ciência da natureza à procura de leis, mas uma ciência humana em busca de significações. Uma teoria não faz uma ciência, se ela se reduz a simples especulação, sem qualquer relação com a prática. No entanto, para

e ao surgimento, não a filosofia do acto e da mente (o estudo da natureza) (o estudo do co-nhecimento humano: o ser humano: o conhecimento tipo de movimento há nela movimento

dando e questionando os (e não um só) que cura a superação, que

num quadro de racionalidade humana o método da compreensão o sentido, compreender sentidos, unificar, o trabalho o fornecem "dados" esta palavra, mas "o contexto cultural e histórico, reconstituído à luz de Yáñez Casal, Para a antropologia, Edições

a processa-se, sobre o lado. A compreensão, humana) é compreensão da imagem corporal. Cabe, a última do meu ser é o alicação ao meu corpo, o treinador resume-se, O futebol surge assim como uma ciência da natureza em busca de sig-nificações ela se reduz a simples linguagem. No entanto, para

finalizarmos este excuro, havemos de referir que:

São os treinadores desportivos mais conceituados que asseguram ser a implementação de sólidas relações humanas a chave dos maiores êxitos, nas competições desportivas. Palavras de José Mourinho que Luís Lourenço, seu biógrafo oficial e amigo de infância, transcreve na sua tese de mestrado: "Até agora, as minhas estrelas foram estrelas que cresceram comigo. Quando treinei o Porto, ninguém era estrela e todos acabámos por crescer juntos (...). Quando fui para o Chelsea, os jogadores que lá estavam não eram estrelas de dimensão mundial e também acabámos por crescer nessa direcção" (p. 140).

Para interpretar e compreender o futebol, pode perguntar-se: a que género literário ele pertence?... A poesia? Ou uma prosa, aqui e além com labaredas de imaginação? No futebol, há prosa, no futebol pragmático e poesia no futebol-arte. Mas, sem o golo, não há felicidade, para o "torcedor". Mesmo com todo o seu ludismo, não será o futebol um drama?

As ideias não transformam o futebol, se não encarnam em agentes desportivos que objectivamente se encontram em condições de concretizá-las na vida. Sem Jorge Nuno Pinto da Costa, o que era o F. C. Porto? Homem livre (de uma liberdade de que não deserta nunca), ele fez do seu Clube um dos grandes do futebol mundial. Sartre, na *Critique de la raison dialectique*, précédé de *Questions de méthode* (Gallimard, Paris, 1961, p. 96) refere que "o que nós chamamos liberdade é a irreducibilidade da ordem cultural à ordem natural".

XIV - O Futebol e as Ciências Humanas

Jean Ladrière (cfr. A Articulação do Sentido, USP, 1977) divide as ciências em três grandes categorias:

Ciências formais (a que pertencem a lógica e a matemática).

Ciências empírico-formais ou da natureza (a que pertencem a física e as ciências que seguem o seu método).

Ciências hermenêuticas ou humanas (a que pertencem aquelas onde é preciso encontrar o sentido da acção humana ou de um acontecimento social). Todas as ciências são humanas, mas só estas (repete-se) estudam o sentido das acções humanas. O futebol não é tão-só uma actividade física, é verdadeiramente uma actividade humana. Por isso, para saber-se de futebol, há que assumir vários tipos de competência: ao nível dos conhecimentos, no âmbito dos valores e no campo da acção (competência na aprendizagem, competência de raciocínio, competência metodológica, competência comunicativa).

Todo o treinador deve ter uma “concepção geral do mundo” (Popper), ou uma “filosofia espontânea” (Althusser), para decidir sobre os assuntos do futebol. “A experiência humana não é unicamente científica”, segundo Jean-Pierre Changeux, no livro *O que nos faz Pensar?*, p. 175.

Quando João Paulo Medina e Alcides Scaglia, nomes brilhantes da teorização do futebol brasileiro, apontam a inter e a transdisciplinaridade, como vias para o progresso do futebol, aplicam ao “desporto-rei” a frase de Jean-Pierre Changeux, atrás citada.

“O modo de pensar tecnicista é avesso às mudanças. Para o tecnicismo sobreviver, é preciso que o mundo continue apenas reproduzindo o que sempre existiu em todas as áreas” (Alcides Scaglia e João Paulo Subirá Medina, in AA. VV., *Futebol, Psicologia e a Produção de Conhecimento*, Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício,

Volume 3, Atheneu, S. Paulo, 2009, p. 4). Aqui, o “pensar tecnicista” refere-se aos “homens do futebol que só sabem de futebol”.

O positivismo valorizou as ciências, cujo estado de desenvolvimento teriam atingido já a etapa positiva: a física e a matemática. A complexidade exige a interdisciplinaridade. Um ponto a salientar: a complexidade não dispensa a matemática e a física. Só que a complexidade pede (engloba) muito mais do que estes dois saberes.

Um curso superior de desporto (onde o futebol se integra) deve apoiar a investigação e o ensino da interdisciplinaridade, como remédio, ou mesmo solução, para a excessiva fragmentação do conhecimento, que invadiu o futebol. O dr. Manuel Jesualdo Ferreira, actual treinador do F. C. Porto sabia isto mesmo quando criou (pela vez primeira, em Portugal) a disciplina de futebol, num curso universitário. Corria o ano de 1978. Éramos ambos (o Jesualdo e eu) professores do Instituto Superior de Educação Física de Lisboa. E todo o seu trajecto de treinador de futebol é o de alguém em permanente dialéctica com o saber dos outros. Daí, a sua sensatez e a sua lucidez; daí, a forma dialéctica como ele supera, conservando.

A grande diferença, para Habermas, entre teoria tradicional e teoria crítica, consiste no facto de esta última estar interessada, na emancipação do ser humano. Será esta a grande diferença entre o futebol actual e o futebol do futuro?

Os três interesses fundamentais, para Habermas, do conhecimento são o trabalho, a interacção e a emancipação do ser humano. Revê-se o futebol, nestes três interesses?

Gadamer e a dimensão histórica da compreensão (preparam-se os treinadores, para compreender os seus jogadores, normalmente doutra geração e com outros hábitos e outros desejos?).

Do que vem de escrever-se se infere que treinar não é impor ideias a ninguém, mas dar meios de expressão à capacidade criadora e de transcendência dos jogadores.

No futebol, o diálogo significa, muitas vezes, vencer o interlocutor. Poucas vezes significa aprender com ele. No futebol, há a religião e a teologia do saber do treinador. Para tomar decisões, importa antes saber ouvir, com atenção e respeito.

O futebol é uma instituição que faz nascer uma nova hierarquia social, que chega a competir, em termos de prestígio e popularidade,

ii, o “pensar tecnicismo de futebol”.

estado de desenvolvimento física e a matemática. Em ponto a salientar: a física. Só que a com estes dois saberes.

tebol se integra) deve a linearidade, como a segmentação do conhecimento. Jesualdo Ferreira, quando criou (pela bol, num curso universitário (o Jesualdo e eu) a Física de Lisboa. de alguém em perma a sua sensatez e a sua a, conservando.

teoria tradicional e estar interessada, na de diferença entre o

bermas, do conhecimento do ser humano.

reensão (preparam-se adores, normalmente desejos?).

treinar não é impor à capacidade criadora

s, vencer o interlocutor. No futebol, há a relinhar decisões, importa

uma nova hierarquia stígio e popularidade,

com a hierarquia económica, financeira, política e artística. Pelé, Maradona, Figo, Eusébio, etc., etc. são exemplos de indiscutível actualidade. De facto, o futebol confere inusitado relevo a muitos filhos provenientes dos estamentos mais marginalizados da sociedade.

Vale a pena, de quando em vez, reler Darcy Ribeiro: “Nações há, no Novo Mundo – Estados Unidos, Canadá, Austrália – que são meros transplantes da Europa (...). São excedentes que não cabiam mais no Velho Mundo (...). Na verdade das coisas, o que somos é a nova Roma. Uma Roma tardia e tropical. O Brasil é já a maior das nações neolatinas, pela magnitude populacional e começa a sê-lo também pela sua criatividade artística e cultural” (O povo brasileiro, Companhia das Letras, S. Paulo, 1997, pp. 454/455). A criatividade dos brasileiros, no futebol, não tem par no mundo. Há que estudar o futebol brasileiro. E não analisá-lo como fenómeno puramente estético. Por muitas razões, de certo, ele é o melhor do mundo. O desporto é sempre um subsistema cultural da sociedade onde nasce.

Gaston Bachelard e o corte epistemológico. Também no futebol há que fazer um corte epistemológico com o senso comum. Para ser ciência... humana! E assim entender-se por que o futebol é uma prática, com características eminentemente ocidentais. Ele é de origem inglesa e a racionalidade europeia está nele!

Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jacques Derrida, ou os filósofos franceses da diferença. Nietzsche é o seu mestre. O futebol pode aprender com eles a crítica da modernidade, ao desfazer o mito da Razão clássica. É preciso abandonar as “grandes narrativas”. Cada equipa de futebol é única, na comparação com todas as outras. Um estudioso muito tem a aprender com a singularidade de uma equipa de futebol – que, por ser singular, é uma fonte de conhecimento inédito, é um texto diferente dos outros textos (ou equipas). Por seu turno, as vitórias e os fracassos, os erros e os êxitos são capítulos inevitáveis e necessários do mesmo texto. Um desportista que só ganhasse seria um grande derrotado: na vida, não há só vitórias!

Popper e a desvalorização da indução como método científico. Com efeito, do futebol ressalta a competição (âgon), o acaso (alea), a simulação (mimicry) e a vertigem (ilinx). Nele, há mais complexidade do que aparenta a sua simplicidade. Contemple-se um futebolista, durante um jogo: é ele mais o modelo de jogo em que acredita!

Thomas Kuhn e a investigação científica. Bruno Mendes, o director do Laboratório de Optimização do Rendimento Desportivo, do Benfica, um incansável e atento estudioso do treino desportivo, interrogava-me, há pouco: "Professor, o que nos ensinam, acerca do treino, nos cursos de Educação Física, é muito limitado. Por que será?". Respondi-lhe: "Porque o positivismo é de tal modo dominante, na investigação desportiva, que o humano do desporto lhe escapa. O fundador do positivismo francês e a corrente utilitarista britânica são contemporâneos do nascimento e da expansão mundial do desporto. De facto, há muito mais, no futebol, para além da avaliação dos índices de fadiga, do controlo do treino, da recuperação física, da prevenção de lesões e da observação e análise do jogo. Há muito mais... a que não chegam as leis inamovíveis do positivismo!".

O anarquismo de Paul Feyerabend. De facto, "tudo vale" (anything goes), se resulta, quer dizer-se, no caso do futebol: se os jogadores aceitam determinada metodologia e, com ela, alcançam êxitos e sentem-se realizados. São as vitórias que mantêm, sobre o mais, em alto nível, a autoconfiança e o rendimento. O treinador do Sport Lisboa e Benfica, Jorge Jesus, que pode já ostentar um abundante mostruário de vitórias, concorda com Paul Feyerabend, quando me afirmou: "Sempre aceitei, em primeiro lugar pela minha prática de muitos anos e depois desde que conheço, nas suas linhas gerais, a sua tese sobre a motricidade humana, de que, no treino, a preparação física e a técnica e a táctica, deverão realizar-se, ao mesmo tempo, já que na competição tudo está em tudo. Mas, se com o treino analítico as vitórias acontecem, o treino analítico está certo, para os jogadores". O Jorge Jesus tem razão. Como afinal o Nietzsche já o rem, há muito tempo: é preciso inverter o platonismo, ou seja, desconstruir a metafísica de um valor inalteravelmente verdade. Certo dia, eu, meridional e portanto loquaz, questioneei o Jorge Jesus: E acredita nos "picos de forma"? E ele, muito experiente e seguro de si: "As minhas equipas quero-as no pico da forma, durante a época inteira". Não há dúvida: a experiência é um olho aberto sobre o mundo, que ultrapassa, muitas vezes, a simplificação quantitativa de alguma ciência. Voltando ainda a Paul Feyerabend, há que sublinhar o seu pluralismo metodológico, que pretende criticar a concepção

acurr
lacio
na es
perm
Fergi
do tr
perg
dores

A
hum
conve
"Porc
tava
e dou
jogad
é pre
braço
-los, 1

A
trans
("Fur
Brasil
etc. r

C
em p
perva
perar
fundo
euroj
O pro
em tu
deiro
tos es
de So
fissio
sacrif
se suj

Bruno Mendes, o didimento Desportivo, do treino desportivo, os ensinam, acerca do ito limitado. Por que é de tal modo dominante do desporto lhe a corrente utilitarista e da expansão munio futebol, para além o do treino, da recu-servação e análise do s leis inamovíveis do

cto, "tudo vale" (ani-lo futebol: se os joga-n ela, alcançam êxitos antêm, sobre o mais, O treinador do Sport tentar um abundante yerabend, quando me pela minha prática de as linhas gerais, a sua o treino, a preparação se, ao mesmo tempo, se com o treino ana-to está certo, para os final o Nietzsche já o tonismo, ou seja, des-nente verdade. Certo itionei o Jorge Jesus: experiente e seguro de rma, durante a época olho aberto sobre o icação quantitativa de end, há que sublinhar : criticar a concepção

acumulacionista do progresso da ciência. Na interpretação acumu-lacionista, a ciência progride por avanços sucessivos, sem recuos, na explicação dos dados experimentais. A metodologia pluralista permite que dois treinadores de excepcional craveira, Mourinho e Fergusson, não se subordinem aos mesmos princípios, na liderança do treino. E, perante o "curriculum vitae" de um e de outro, poderá perguntar-se: quem tem razão?... Ambos, porque ambos são ganha-dores!

A reforma do pensamento, em Edgar Morin. É a complexidade humana que está presente no treino e na competição. Relembro uma conversa que tive, com José Maria Pedroto, treinador do F. C. Porto: "Porque é o meu amigo um profissional do êxito?" E ele, onde crepi-tava um grande entusiasmo: "Porque tenho os melhores jogadores e dou mais tempo à resolução dos problemas do que a chatear os jogadores com recriminações. Depois do reconhecimento dos erros, é preciso tratar imediatamente de erradicá-los". E pegando-me do braço, com afabilidade, rematou: "E, por fim, motivá-los, motivá-los, motivá-los. Treinador que não sabe motivar não é treinador".

A transdisciplinaridade, segundo F. Guattari, deve ser "uma transversalidade entre a ciência, o social, o estético e o político" ("Fundamentos Ético-Políticos da Interdisciplinaridade", in *Tempo Brasileiro*, Janeiro de 1992). A bioética, o biodireito, a cibernética, etc. resultam, sem sofismas, da transdisciplinaridade.

Crise de valores, numa cultura, como a ocidental, assente em pilares básicos: a rejeição do emocional e a consequente hipervalorização do racional; a afirmação da liberdade individual, perante as instituições; e o cristianismo. Mas cultura que é, no fundo, um poder normalizador. O desporto exportado, pelos europeus, designadamente os ingleses, é parte desta cultura. O próprio "fair play" não passa de uma "disposição cavalheiresca, em tudo oposta à busca vulgar da vitória, a todo o preço". Verdadeiro produto da Inglaterra vitoriana, ele integra os pressupos-tos essenciais da moral burguesa (cfr. Pierre Bourdieu, *Questões de Sociologia, Fim de Século*, Lisboa 2003, pp.186 ss.). O pro-fissionalismo, no desporto, nasceu, porque um desporto, com sacrifício, isto é, com treinos mais exigentes, só os pobres a ele se sujeitavam e, para tanto, necessitavam de auferir rendimento.

Há que alargar, portanto, o campo da racionalidade desportiva, promovendo aqueles valores em que vale a pena apostar, ou seja, aqueles valores, sem os quais impossível se torna viver humanamente. E num desporto anti-dualista, anti-racista, anti-sexista, anti-colonialista... onde seja verdade uma solidariedade insofismável, com os homens e a natureza! A ética, no futebol, há-de promover um "humanismo integral", ou seja, deve tentar desenvolver os agentes do futebol, na totalidade das suas faculdades e aspirações profundas. E não aumentar exageradamente certas dimensões e subdesenvolver outras, tornando assim deficiente o crescimento humano.

"A bibliografia fundamentar-se-á nos autores e escolas acima citados e num ou noutro livro que se ocupe da problemática fundante desta área do conhecimento. No caso específico do futebol, não dispensamos o contributo de eminentes sociólogos, como Pierre Bourdieu e o Jean-Marie Brohm do livro *Sociologie Politique du Sport* (Presses Universitaires de Nancy, 1992, p. 206) que sublinha: " historicamente, o desporto nasceu com o desenvolvimento do capitalismo industrial ". A Filosofia do Futebol, que não pode limitar-se a uma actividade da consciência, sabe que, só quando uma teoria se apodera dos agentes sociais, ela pode emancipar . A transformação da realidade é um processo material que, para ser científico, há-de ter em seu favor pessoas e condições objectivas de vária ordem. Ocorre-me o Lenine de *Que fazer?*: "Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário". A prática deverá ser acompanhada por formas de consciência crítica (de consciência espontânea já se viveu demasiado tempo). Também, aqui, é preciso passar da potência ao acto, isto é, fazer ciência, lembrando sempre que a linguagem da motricidade humana (e portanto do futebol) não é a do simples movimento, mas do movimento intencional da transcendência. Por seu turno, a CMH é uma ciência hermenêutica ou humana e não um projecto científico sempre adiado, pelo comodismo ou pela ignorância. Em poucas palavras, podemos concluir: Os professores de Educação Física e os treinadores de futebol estudam e trabalham a motricidade humana, uma nova

ciência humana. São portanto especialistas em humanidade, ultrapassando em muito os limites das tradicionais ciências do desporto, que os teóricos que as defendem nunca nos souberam explicar. E, como ciência humana, em ruptura epistemológica com o senso comum; em constante construção teórica, com os dados obtidos; e pela verificação empírica da construção teórica que se criou, testando o que se vai realizando.

A intencionalidade, na Motricidade Humana, não se encontra vinculada a uma consciência expectante e sobranceira ao mundo da vida. A Motricidade Humana é sempre uma actividade orientada (daí que, no futebol, a tática deva informar a prática). Ortega y Gasset grafou que: "Consistimos (...) en un potencial de actos: vivir es ir dando salida a ese potencial, es ir convirtiéndolo en actuación" ("Ideas sobre Pio Baroja", in *Obras Completas*, II, p. 80). Mas não é verdade que a nossa sociedade: "Parece sofrer de uma deficiência aguda, no que diz respeito aos valores sociais"? (George Soros, *A Crise do Capitalismo Global*, sociedade aberta ameaçada, *Temas e Debates*, Lisboa, 1999, p. 105). E não é também verdade que uma acção, para ser verdadeiramente humana, deverá ter em conta um projecto de vida pessoal e comunitário? A pobreza, por exemplo, não é um dado natural, mas um produto da injustiça social, da discriminação. E também aqui se coloca o problema da intencionalidade. Em qualquer discurso sobre direitos, cidadania e participação, a CMH quer colher esclarecimentos e dar sugestões... para ser práxis! Sucede muitas vezes com os filósofos e homens de letras conceberem a política tão-só como crítica, considerada esta como timbre de independência. Como movimento intencional, visando a superação (afinal o Desenvolvimento), o futebol, à luz da Motricidade Humana, é práxis! E, como tal, proporcionará a aquisição de competências várias, para além das "físicas", que são as mais evidentes e que terão em conta, no futebol, uma ideia de jogo:

Competências cognitivas, relativas à definição de metas e à consciência da necessidade de transcender os obstáculos que as dinâmicas desportivas (e sociais) levantam (só tem saúde quem é capaz de transcender e transcender-se);

Competências técnicas e de método de trabalho, dado que a transcendência também se prepara e se treina, principalmente pela “douta ignorância” como estado permanente de quem quer aprender;

Competências interpessoais, que habilitem à integração e ao trabalho em grupo (no livro *En Découvrant l'Existence avec Husserl et Heidegger*, da editora parisiense Vrin, escreve Levinas, na página 172: “A ideia de infinito mantém-se na relação com Outrem. A ideia de infinito é a relação social”).

Competências morais, pois que a transcendência só se alcança com a crença, com a fé, em determinados valores, como os que se encontram expressos nos Direitos do Homem. É impossível a prática do futebol de alto nível, sem um certo grau de fidelidade a pessoas, a princípios e até a postulados da existência.

A CMH diz-nos que quem se movimenta, intencionalmente, no desporto e na vida, é um ser que precisa de transcender-se... para saber que vive! Outro tanto deverá acontecer com o futebol! É o futebol uma ciência? O futebol é, verdadeiramente, uma modalidade desportiva, ao lado de outras, e portanto, epistemologicamente, um dos aspectos da motricidade humana. E por isso fazendo do método da complexidade o seu método, onde ciências da natureza e ciências humanas e ainda o físico, o biológico e o antropológico podem rearticular-se, no seio de uma organização. Em poucas palavras se resume o método da complexidade: qualquer organização, com aptidão para se produzir a si mesma, criando assim uma autonomia dependente (ecológica e genética) onde as partes estão no todo e o todo está nas partes. O Mestre (hoje doutorando) Luís Lourenço, biógrafo oficial do José Mourinho, relata uma conversa havida com o actual treinador do Inter de Milão. Diz o José Mourinho que não conhece nenhum jogador de futebol que consiga igualar Francis Obikwelo, “sprinter” naturalizado português, numa corrida de 100 metros. “No entanto, numa partida de futebol, 11 contra 11, penso eu, o Obikwelo seria o mais lento (...)”. É que a velocidade no futebol tem a ver “com a análise da situação, de reacção ao estímulo e capacidade de o identificar. No futebol, o que é o estímulo? É a posição no campo, a posição da bola, é o

que o
a per
perce
bola:
ta: “A
torna
atrás,
Benfi
va co
o Sil
todas
os rei
é o jo
mest
a con
mim,
futeb
o trei
ção e
a ila
dado
hum
-se q
que s
Filos
relaçã
da di
táctic
da eq
todos
atleta
motiv
da eq
mais
que s
to do
isto p

abalho, dado que a principalmente pela e quem quer apren-

a integração e ao tra-
istence avec Husserl
e Levinas, na página
com Outrem. A ideia

dência só se alcança
res, como os que se
É impossível a práti-
le fidelidade a pesso-

, intencionalmente,
isa de transcender-
rá acontecer com o
l é, verdadeiramen-
outras, e portanto,
otricidade humana.
lade o seu método,
s e ainda o físico, o
articular-se, no seio
e resume o método
om aptidão para se
onomia dependente
o todo e o todo está
Lourenço, biógrafo
sa havida com o ac-
Mourinho que não
siga igualar Francis
guês, numa corrida
de futebol, 11 con-
lento (...). É que se
lise da situação, de
ificar. No futebol, o
osição da bola, é o

que o adversário vai fazer, é a capacidade de antecipar a acção, é a percepção daquilo que o adversário vai fazer, é a capacidade de perceber que espaço é que o adversário vai ocupar para receber a bola sozinho, etc.". E o José Mourinho, homem culto, acrescenta: "Ainda se pensa que, ao reduzir-se a complexidade, se está a tornar as coisas mais fáceis". Bem pelo contrário: "Há dez anos atrás, o Eusébio era o treinador de guarda-redes do Silvino, no Benfica. O Eusébio colocava a bola à entrada da área e rematava com o intuito de treinar o guarda-redes. O problema é que o Silvino não conseguia treinar-se, porque as bolas entravam todas na baliza. Ele assim simplesmente não se treinava, porque os remates eram descontextualizados daquilo que naturalmente é o jogo" (Luís Lourenço, *O Case Study José Mourinho*, tese de mestrado, Universidade Católica Portuguesa, p. 133). Quando a complexidade não está presente, o futebol não acontece. Para mim, modesto estudioso e que nunca fui treinador ou jogador de futebol, são estes os grandes princípios a que deve subordinar-se o treino e a competição: os princípios da complexidade e da relação e da motivação. Do princípio da complexidade pode extrair-se a ilação que não há treino de factores, isolados uns dos outros, dado que a "forma" não é física, mas resulta da complexidade humana. Ainda do princípio da complexidade é possível inferir-se que não há individualidade, sem o todo que se é e o todo a que se pertence. Há dezoito anos, no meu livrinho, *A Pergunta Filosófica e o Desporto*, já eu escrevia, sublinhando o princípio da relação: "Ser um atleta excepcional, ou até genial, é sem dúvida distinguir-se, pelos seus primores técnicos, pela inteligência táctica e pelo alto rendimento, em relação aos demais colegas da equipa, mas é também estar essencialmente em relação com todos eles. Fora desta dialéctica de distinção e de integração, o atleta excepcional não se compreende" (p. 59). O princípio da motivação ensina que não há vitórias, no egoísmo acomodatório da equipa e na apatia dos jogadores. Na alta competição, vale mais perder competindo do que ganhar sem ambição. Nela, o que sobrevive não é o culto da inteligência pelo sábio, mas o culto do sentimento pelo herói: é preciso crer para querer! Mas tudo isto precisa também de um líder que saiba comunicar e motivar

e dar forma verbal ao desejo unânime da equipa. No livro IX da Eneida, Vergílio põe estas palavras na boca de Niso: "Serão os deuses que colocam este ardor nas nossas almas, Euríalo, ou será que cada um de nós transforma em deus a violência do seu desejo?".

quipa. No livro IX
ca de Niso: "Serão
almas, Euríalo, ou
s a violência do seu

XV - Conclusão

Quando se diz que a teoria deve radicar criticamente na prática, tal significa que as concepções teóricas se devem fundamentar, sempre criticamente, num domínio da experiência – neste caso, no futebol-prática – mas sem esquecer que “todo o conhecimento, incluindo o conhecimento científico, conhece o mundo dos fenómenos, através das teorias” (in Edgar Morin, *O problema epistemológico da Complexidade*, Publicações Europa-América, s/d., p. 19). A construção de um objecto científico não decorre da aceitação servil do que a prática nos mostra, mas da criação de um “código de leitura” que nos permita interpretar e transformar a realidade. Ora, o futebol só como ciência humana poderá estudar-se porque, também ele, como as demais ciências humanas, estuda a condição humana – neste caso, a motricidade humana, na situação de futebol. No meu pensar, a compreensão do desporto, como cultura, não se confunde com a explicação da natureza, como ciência. Completam-se, mas não se confundem. A motricidade humana é irreduzível ao movimento da natureza. Paul Ricoeur afirma que “o mental vivido implica o corporal, mas num sentido da palavra corpo irreduzível ao corpo objectivo tal como é conhecido das ciências da natureza” (in Jean-Pierre Changeux e Paul Ricoeur, *O que nos faz pensar?*, Edições 70, Lisboa, 2001, p. 22). Tanto ontológica, como metodologicamente, Cultura e Natureza dissociam-se, mas associam-se no humano, já que “o número de combinações possíveis entre os nossos neurónios e as sinapses susceptíveis de contribuir para representações e de organizar condutas é gigantesca – podemos mesmo dizer astronómica” (idem, *ibidem*, p. 217). A capacidade de transcendência, típica do desporto, onde o desejo se associa à norma, significa que cultura e natureza são complementares. A acção, no desporto, é acontecimento e significado e tem origem num projecto, isto é, tem significado.

E vou ainda mais longe: no desporto, é fácil demonstrar que a acção humana não é totalmente explicável, ao nível do biológico, porque, nela, a explicação não dispensa a compreensão, nem a compreensão pode privar-se da explicação. Por que se diz que sabem muito de futebol Arrigo Sachi, Carlos Alberto Parreira, Carlos Queirós, José Mourinho, Alex Ferguson, Manuel Jesualdo Ferreira (e muitos mais exemplos poderia apresentar) se nunca se distinguiram como jogadores de futebol? Porque a sua leitura e compreensão do real e a sua capacidade de liderança assim o permitem.

Mas vale a pena ler o Prof. Gustavo Pires, um espírito vivo, culto e fortemente amassado em sinceridade: "Um treinador é um líder e, como tal, um gestor de recursos humanos por excelência. Isto porque um treinador, hoje, para além de ter de conviver diariamente com os jogadores, está rodeado por um significativo número de especialistas, que terá de saber coordenar e integrar em benefício da equipa (...). Em conformidade, um treinador não pode funcionar sem uma retaguarda estável que, nos diversos domínios, lhe proporcione as condições de êxito" (Desporto e Política – paradoxos e realidades, Edição O Desporto Madeira, Funchal, 1996, p. 82). O Pelé, o Maradona, o Gento (velocidade espantosa!), o Eusébio, o Tostão, o Zico, o Sócrates, o Cruyff, o Platini, o Zidane brilharam nos estádios, mas se não são líderes não podem ser treinadores da alta competição, onde o carisma do treinador é de facto imprescindível – o carisma, ou seja, a capacidade para ser fé e fazer com que todo o grupo o seja também. Não há equipa vencedora sem carisma, sem a crença que transborda do líder para a equipa. Seja como for, no treinador de futebol hão-de ressoar as palavras de Ferguson: "nasci com o futebol pulsando no meu coração e na minha alma e é esse o segredo do meu sucesso". Em linguagem chã: ele há-de gostar do que sabe fazer. No livro O Treinador na empresa, Jorge Araújo, nome grande do basquetebol português, escreve: "Quando, em 1977, fui pela primeira vez aos Estados Unidos, acompanhando uma equipa de basquetebol, levava naturalmente comigo um imenso número de questões, para colocar aos treinadores norte-americanos(...). E logo na primeira oportu-

nidade di
de desenv
portânci
algo com
espanto (.
mos bem,
possibilit
maiores p
entanto, u
às necessi
respeitada
ninguém,
com o col

Porque
cender e t
vida que c
chegam d
minha bo
melhor, o
Moser. Ela
exaltação
frenéticas
a urbanida
Vejam os: "
co vivemos
mundo jog
(...). De to
existem po
comum – c
consigo m
dades, o ca
instrument
muito mai
como desal
Pelas Minh
dência (a s
alta compe

mítico-mágica que Scolari patenteia, rezando continuamente aos santinhos da sua devoção; nem só a razão clássica e newtoniana, onde os métodos científicos, no futebol, continuam o dualismo antropológico cartesiano, trabalhando sobre o mais o treino físico, designadamente na pré-época, mas (sobre o mais) a razão da complexidade, ilinear e sistémica, onde tudo está em tudo, ou seja, o treino é competição e a competição é treino e onde no treino está o todo, mesmo quando é predominantemente tático, ou físico, ou técnico, ou psicológico, ou moral. O todo é o pensamento tático? Em determinadas circunstâncias, é-o, sem dúvida! Mas, quase sempre, o todo, no futebol, é mais uma dramática do existente do que uma ontologia da existência, onde são muitas as situações-limites e portanto sem analogia com uma única expressão. No futebol, há uma existência possível e portanto muitíssimo pouco é objectivável. O todo, nele, não decorre de uma ciência exacta, é uma dialéctica da pluralidade, onde cada um dos jogadores e a equipa encontrem o espaço da sua transcendência, rumo a um objectivo inextrinsecavelmente comum. Há dúvida que nos encontramos em pleno campo das ciências humanas? A CMH pretende ser a ciência qualitativa que integra os aspectos quantitativos do desporto.

O velho Lucien Goldmann tem aqui inteiro cabimento: “sendo o comportamento humano um facto total, as tentativas de separar os seus aspectos material e espiritual só podem representar, no melhor dos casos, abstracções provisórias que implicam sempre grandes riscos para o conhecimento” (*Sciences Humaines et Philosophie*, Gonthier, Paris, 1971, p. 34). O desporto é invenção permanente do homem pelo homem. Por isso, a um treinador desportivo poucos são os livros que lhe servem o todo, numa bandeja de ouro. Ele tem de reconstruir tudo, em cada instante, embora a indispensável leitura de livros, designadamente de reflexão sobre o tempo que nos foi dado viver. O futebol vive, hoje, em competição permanente – competição que se desenvolveu simultaneamente com o progresso da formidável máquina financeira, que ele é! O poderio económico da FIFA, o clube-empresa, o capital como elemento primeiro no desenvolvimento dos clubes – fazem do futebol um desporto classista,

do continuamente o clássica e newtoniano, continuam o mesmo sobre o mais o mais (sobre o mais) onde tudo está em competição é treino e o é predominante-olológico, ou moral. Em todas as circunstâncias, no futebol, há uma ontologia da competição e portanto sem dúvida, há uma existência objectivável. O todo, é uma dialéctica da competição que a equipa encontram objectivo inextrinsecamente ligados em pleno sentido ser a ciência dos desportos. O cabimento: "senão", as tentativas de só podem representar as coisas que implicam" (Sciences Humaines 34). O desporto é em. Por isso, a um lhe servem o todo, tudo, em cada livro, designadamente dado viver. O futebol – competição que ressoa da formidável económico da FIFA, primeiro no desenvolvimento do desporto classista,

onde só os clubes ricos podem participar com êxito. Na maximização do lucro, ou na sacralização do poder, o futebol estrutura-se e organiza-se, ao serviço das elites que o representam e perpetuam. Por isso, a ordem que o futebol revela é a ordem inexorável da vida que se vive. Ele não é um mundo paralelo ao mundo, mas um espelho da nossa condição.

XVI - Bibliografia

Para não tombar-se na dispersão, indicamos sete livros que deverão consultar-se, sobre o mais:

A.A.V.V.: Mourinho – porquê tantas vitórias?, **Gradiva, Lisboa, 2006**

Bourdieu, Pierre: Questões de Sociologia, **Fim de Século, Lisboa, 2003**

Brohm, Jean-Marie: Sociologie et Politique du Sport, **Presses Universitaires de Nancy, 1992**

Delacampagne, Christian : Histoire de la Philosophie au XXe. Siècle, **Seuil, Paris, 1995**

Lobo, Luís Freitas: Planeta do Futebol, **Prime Books, 2007**

Morin, Edgar: Reformar o Pensamento, **Instituto Piaget, Lisboa, 2002**

Pires, Gustavo: Agôn – Gestão do Desporto – o jogo de Zeus, **Porto Editora, 2007**

Sem pretensões de esgotar uma bibliografia vastíssima e porque esta área exige uma permanente actualização, tomamos a liberdade de indicar mais alguns livros e ainda duas teses de doutoramento e uma tese de mestrado:

Araújo, Jorge: Gerir é Treinar, **Booknomics, Lisboa, 2008**

Araújo, Jorge e Henriques, Mário: Treinador na empresa, **Teamwork edições, Porto, 1999**

Arendt, Hanna: A condição humana, **Relógio d'Água, Lisboa, 2001**

- Assaf, Roberto: Banho de Bola, Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 2002
- AA.VV.: Futebol, Psicologia e a Produção de Conhecimento, Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício, Atheneu, S. Paulo, 2009
- A.A.V.V.: O Desporto para além do óbvio, Instituto do Desporto de Portugal, 2003
- Bachelard, Gaston: O Novo Espírito Científico, Edições 70, Lisboa, 1996
- Bernardinho: Cartas a um Jovem Atleta, Elsevier Editora Lda., Rio de Janeiro, 2007
- Bindé, Jérôme (direcção): Para onde Vão os Valores?, Epistemologia e Sociedade, Instituto Piaget, Lisboa, 2006
- Rumo às Sociedades do Conhecimento, Relatório Mundial da UNESCO, Epistemologia e Sociedade, Instituto Piaget, Lisboa, 2008
- Booth, Gate: Vencer segundo Tiger Woods, Casa das Letras, Lisboa, 2007
- Caillois, Roger: Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem, Cotovia, Lisboa, 1990
- Caldeira, João Gabriel Jardim: A Acção Homeodinâmica – a caminho de uma caicologia do Homem no desporto, tese de doutoramento, Universidade da Madeira, 2008
- Casal, Adolfo Yáñez: Para uma epistemologia do discurso e da prática antropológica, Edições Cosmos, Lisboa, 1996
- Castelo, Jorge: O exercício do treino desportivo, Edições FMH/UTL, 2002
- Chateau, Jean: O jogo e a criança, Summus, São Paulo, 1987
- Chauí, Madalena: Filosofia, editora ática, S. Paulo, 2003
- Coelho, João Nuno e Pinheiro, Francisco: A Paixão do Povo – História do Futebol em Portugal, Edições Afrontamento, Porto, 2002
- Damásio, António: O Erro de Descartes – emoção, razão e cérebro humano, Europa-América, Lisboa, 1995

Dar
List

Des
List

Dru
200

Ferr

Fig
os n
to, l

Fou

Fou

Frei
Assc

Frei
Edu

Gale
Lda.

Garç
zaçã
men

Gon
Dici

Guil
Alan

Hui

Jorg
Lisb

Júni
cultu

, Rio de Janeiro, 2002

hecimento, Coleção
S. Paulo, 2009

to do Desporto

Edições 70, Lisboa,

Editora Lda.,

res?, Epistemologia

o Mundial da
Piaget, Lisboa, 2008

das Letras,

e a vertigem, Cotovia,

linâmica – a caminho
de doutoramento,

discurso
oa, 1996

Edições FMH/UTL,

Paulo, 1987

ilo, 2003

xão do Povo – História
Porto, 2002

o, razão e cérebro

Damásio, António: Ao encontro de Espinoza, Europa-América,
Lisboa, 2003

Descartes, René: Discurso do Método, Livraria Sá da Costa,
Lisboa, 1982

Drucker, Peter F.: A sociedade pós-capitalista, Editora Actual, Lisboa,
2007

Ferreira, Vergílio: Invocação ao meu corpo, Portugália, Lisboa, 1969

Figueiredo, Abel Aurélio Abreu de: A institucionalização do Karaté –
os modelos organizacionais do karaté em Portugal, tese de doutoramen-
to, FMH/UTL, 2006

Foucault, Michel: Vigiar e Punir, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 2002

Foucault, Michel: Microfísica do Poder, Graal, Rio de Janeiro, 1996

Freire, João Batista: O Jogo – entre o riso e o choro, Editora Autores
Associados, São Paulo, 2002

Freire, João Batista: Educação de Corpo Inteiro – Teoria e Prática da
Educação Física, Editora Scipione, S. Paulo, 1989

Galeano, Eduardo: Futebol – sol e sombra, Livros de Arcia Editores,
Lda., 2006

Garganta, J.: Modelação Tática do Jogo de Futebol. Estudo da organi-
zação das fase ofensiva em equipas de alto rendimento, tese de doutora-
mento, FCDEF, Porto, 1997

Gonzalez, Fernando Jaime e Fernsterseifer, Paulo Evaldo (orgs.):
Dicionário Crítico de Educação Física, Editora Unijuí, Ijuí, 2005

Guilherme, Paulo: Goleiros – Heróis e Anti-Heróis da Camisa 1,
Alameda, São Paulo, 2006

Huizinga, Johan: Homo Ludens, Edições 70, Lisboa, 2003

Jorge, Maria Manuel Araújo: As Ciências e Nós, Instituto Piaget,
Lisboa, 2001

Júnior, Hilário Franco: A Dança dos Deuses – futebol, sociedade,
cultura, Companhia das Letras, São Paulo, 2005

Le Breton, David: L'adieu au corps, Métailié, Paris, 1982

Le Breton, David: Les passions ordinaires. Anthropologie des émotions, Colin, Paris, 2001

Lévinas, Emmanuel: En découvrant l'existence avec Husserl et Heidegger, Ed. Vrin, Paris, 1949

Lipovetsky, Gilles: A Felicidade Paradoxal – ensaio sobre a sociedade do Hiperconsumo, Edições 70, Lisboa, 2007

Lourenço, Luís: O Case Study José Mourinho – uma investigação sobre o fenómeno da liderança e a operacionalização da perspectiva paradigmática da complexidade, tese de mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa, Dezembro de 2006

Luz, José Luís Brandão da: Introdução à Epistemologia, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002

Maturana, Humberto e Varela, Francisco: El árbol del conocimiento, Editorial Universitaria, Santiago de Chile, 1984

Maturana, Humberto e Varela, Francisco: De máquinas y seres vivos, Autopoiesis: la organización de lo vivo, Editorial Universitaria, Santiago de Chile, 1995

Medina, João Paulo S.: A Educação Física cuida do Corpo e... “Mente”, Papirus, Campinas, 1982

Melo, Afonso de: Cinco Escudos Azuis – a história da selecção nacional de futebol, Dom Quixote, Lisboa, 2004

Merleau-Ponty, M.: Phénoménologie de la perception, Gallimard, Paris, 1945

Morais, Tomás: Compromisso – nunca desistir, Booknomics, Lisboa, 2007

Moreno, Oscar P. Cano: El Modelo de Juego del FC Barcelona, Mcsports, Espanha, 2009

Morfeaux, Louis-Marie; Lefranc, Jean: Novo Dicionário da Filosofia e das Ciências Humanas, Instituto Piaget, Lisboa, 2009

1982

logie des émotions,

-Husserl et Heideg-

obre a sociedade do

investigação sobre
pectiva paradig-
da à Universidade

gia, Imprensa

el conocimiento,

inas y seres vivos,
versitaria, Santia-

Corpo e... "Mente",

a selecção nacional

1, Gallimard,

nomics, Lisboa,

Barcelona,

tário da Filosofia e
9

Morin, Edgar: Introdução ao Pensamento Complexo, Instituto Piaget, Lisboa, 1991

Morin, Edgar: O desafio do século XXI – religar os conhecimentos, Instituto Piaget, Lisboa, 2001

Morin, Edgar: Os sete saberes para a educação do futuro, Instituto Piaget, Lisboa, 2002

Morris, Desmond: A Tribo do Futebol, Publicações Europa-América, Lisboa, s/d.

Moser, Ana: Pelas Minhas Mãos, DBA, São Paulo, 2003

Neto, José: Lesões, Treino... Futebol: do psicológico ao integralmente humano, edição do autor, Paços de Ferreira, 2008

Neto, José: Futebol: tecnociência para o sucesso, edição do autor, Paços de Ferreira, 2008

Nietzsche, F.: The Will to Power, trad. Walter Kaufmann e R.J. Hollingdale, Nova Iorque, 1976

Oro, Ubirajara: Ciência da Motricidade Humana: perspectiva epistemológica em Piaget, Instituto Piaget, Lisboa, 2000

Parlebas, Pierre: Elementos de Sociologia del Deporte, Colección Unisport, Málaga, 1988

Parlebas, Pierre: Perspectivas para una Educación Física Moderna, Instituto Andaluz del Deporte, Andalucía, 1996

Partisans: Sport, Culture et Répression, petite collection maspéro, Paris, 1972

Pelé: Pelé - a minha vida, Editorial Bizâncio, Lisboa, 2006

Pereira, Luís Miguel: Bíblia do Benfica, Prime Books, Lisboa, 2008

Pires, Gustavo: Desporto e Política: paradoxos e realidades, Edição O Desporto Madeira, Funchal, 1996

Pradillo, José Luís Pastor: Motricidad, ámbitos y técnicas de intervención, Universidad de Alcalá, 2007

Prigogine, Ilya: O fim das certezas, Gradiva, Lisboa, 1996

Queirós, C.: Estrutura e Organização dos exercícios de treino em futebol, Federação Portuguesa de Futebol, Lisboa, 1986

Ribeiro, Agostinho: O Corpo que somos – aparência, sensualidade, comunicação, Editorial Notícias, Lisboa, 2003

Ricoeur, Paul: O Discurso da Acção, Edições 70, Lisboa, 1988

Santos, Boaventura de Sousa: Introdução a uma Ciência Pós-Moderna, Afrontamento, Porto, 1989

Sérgio, Manuel: Algumas Teses sobre o Desporto, Compendium, Lisboa, 3ª edição, 2007

Sérgio, Manuel: Textos Insólitos, Instituto Piaget, Lisboa, 2009

Serpa, Homero: História do Desporto em Portugal – do século XIX à primeira guerra mundial, Instituto Piaget, Lisboa, 2007

Serpa, Homero; Serpa, Vítor: História do Futebol em Portugal, CTT-Correios, Lisboa, 2004

Serres, Michel: Variations sur le Corps, Le Pommier, Paris, 1999

Sousa, Cristina ; Jorge C. Jesuíno, coords.: Identidade e Emoções em Eventos Desportivos – o caso Euro 2004, Instituto Piaget, Lisboa, 2008

Tojal, João Batista : Morricidade Humana – o paradigma emergente, Editora da Unicamp, Campinas, 2000

Tubino, Manoel José Gomes: Teoria Geral do Esporte, Ibrasa, São Paulo, 1987

Tubino, Manoel José Gomes: Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte, Editora Senac Rio, Rio de Janeiro, 2007

Ulmann, Jacques: De la Gymnastique aux Sports Modernes, Vrin, Paris, 1977

Valdano, J.: Apuntes del balon, Marca, Madrid, 2001

E, para terminar, uma pequena notícia:

Do jornal I (Lisboa), de 9 de Maio de 2009, respigo a notícia seguinte: “Estou todo dorido. Domingo não consigo mexer-me” é um dos comentários recorrentes no balneário do Benfica. Alguns jogadores questionam os métodos do preparador físico Paco Ayestaran e garantem que o cansaço nos jogos se deve ao excesso de exercícios no ginásio”. Como se o fundamental, no treino, fosse a dimensão física. [O fundamental, no treino, é a complexidade humana.] Como sabem pouco os que têm mais poder do que sabedoria, mais arrogância do que humildade, mais retórica do que reflexão! [Como sabem pouco de futebol os que sabem só de futebol!] Há, hoje, uma nova visão do Cosmos, um novo Logos, um novo Método, um Mundo profuso, sugestivo e provocante. Por que não um novo futebol onde se saliente a sua dimensão lúdica? O intelectual (e poeta) brasileiro, João Batista Freire, escreve, a propósito: [“O jogo é (...) uma das mais educativas actividades humanas, se o considerarmos por esse prisma. Ele educa, não para que saibamos mais matemática ou português ou futebol: ele educa para sermos mais gente, o que não é pouco” (O Jogo: entre o riso e o choro, Editora Autores Associados, São Paulo, 2002, p. 87)]. Aliás, antes dos jogos de futebol que os professores da Faculdade de Educação Física da UNICAMP realizavam semanalmente, há vinte anos atrás (e onde o Lino Castellani Filho, secretário de Estado do Desporto do primeiro governo do presidente Lula, se distinguia pelos primores da sua técnica), o João Batista Freire chegou a dizer, com viva comoção: “Vou jogar, para aprender a ser mais gente!”.

FACULDADE DE DESPORTO
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Sou sociólogo. Estudei, portanto, Norbert Elias, Pierre Bourdieu, Jean-Marie Brohm, Eric Denning e outros autores de grande envergadura intelectual. Nenhum deles é mais profundo na análise do desporto do que Manuel Sérgio. A sua fundamentação epistemológica do desporto é genial.

Simão Pedro

Deputado e Vice-Presidente da Comissão de Cultura, Ciência e Tecnologia da Assembleia Legislativa do Estado de S. Paulo

Sempre que fala de futebol, pede desculpa por saber tão pouco. É a humildade dos sábios.

José Mourinho

Treinador de Futebol

Desporto - Futebol



9 789896 550363

www.primebooks.pt

Apoio à edição



Instituto do Desporto de Portugal, I.P.